

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Programa de Pós-graduação em Letras

**ASPECTOS DA AQUISIÇÃO DA VOGAL ORAL /a/ EM LÍNGUA
ESPAÑHOLA POR ESTUDANTES DE LÍNGUA PORTUGUESA: A
QUESTÃO DA PERCEPÇÃO**

Maria Alejandra Saraiva Pasca

*Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus do Vale,
para a obtenção do título de Mestre em Letras
(Área de Concentração: Aquisição da Linguagem)*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gisela Collischonn

Porto Alegre, dezembro de 2003.

*“Qué difíciles parecen las cosas antes de hacerlas y
que fáciles que son después de hechas.”*

Papá

AGRADECIMENTOS

À professora Gisela Collischonn, minha orientadora, pelos ensinamentos, dedicação e confiança demonstrados sempre.

Aos alunos de Língua Espanhola da UFRGS, que gentilmente participaram desta pesquisa.

Aos docentes de Língua Espanhola da UFRGS que cederam parte de suas aulas para a realização dos testes de percepção com seus alunos e que também participaram de entrevistas individuais.

À minha amiga Mônica Nariño, pelo incentivo de sempre.

Ao Sr. Leoni, funcionário do Laboratório de Línguas da UFRGS, pela paciência e disponibilidade em agendar os horários.

Ao meu talentoso amigo, Henry Lorencena, por emprestar sua agradável voz na gravação dos testes no estúdio.

Aos meus amigos e parentes uruguaios que participaram das entrevistas.

À minha nova amiga, Mônica Orsini, por conseguir textos no RJ e enviá-los a mim.

À minha família, especialmente ao meu pai, por acreditar no meu potencial e me incentivar a continuar estudando sempre.

Ao meu companheiro, Alexandre, por me incentivar e apoiar em todos os momentos.

A DEUS por me manter firme nos momentos de dúvida.

SUMÁRIO

TABELA DE ABREVIATURAS.....	06
RESUMO.....	07
RESUMEN.....	08
ABSTRACT.....	09
1 – DEFINIÇÃO DO TRABALHO.....	10
1.1 Objetivo geral.....	13
1.2 Objetivos específicos.....	13
1.3 Metodologia.....	14
1.4 Organização do estudo.....	15
2 - AQUISIÇÃO FONOLÓGICA EM L2.....	17
2.1 Aquisição fonológica em L2.....	17
2.2 A percepção fonológica em L2.....	23
3 – A NASALIDADE NAS VOGAIS.	27
3.1 Caracterização fonética da nasalidade.....	27
3.1.1 Aspectos articulatórios.....	27
3.1.2 Aspectos acústicos.....	28
3.1.3 A percepção das vogais nasais.....	29
3.2 Sobre o traço [nasal] e sua pertinência.....	33
3.2.1 A localização do traço [nasal] na representação pela geometria de traços.....	33
3.2.2 [nasal]: traço binário ou monovalente?.....	36
3.3 A representação da nasalidade nas vogais.....	39
4– A NASALIDADE NO ESPANHOL E NO PORTUGUÊS.....	41
4.1 A nasalidade nas línguas românicas.....	41
4.2 A nasalidade no espanhol.....	45
4.3 A nasalidade no português brasileiro.....	51
4.3.1 As interpretações monofonêmica e bifonêmica.....	56
4.3.2 A nasalidade em vogais no PB: aspectos fonéticos.....	58
4.3.3 A percepção das vogais nasais e nasalizadas em PB.....	60

5 – QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	63
5.1 Entrevistas com docentes.....	63
5.2 Pilotagem.....	65
5.2.1 Questionário sobre os dados dos informantes.....	65
5.3 Instrumentos de percepção.....	66
5.3.1 Instrumento de percepção 1: lista de palavras.....	68
5.3.2 Instrumento de percepção 2: texto “Câncer.....	69
5.4 Sujeitos da pesquisa.....	70
5.4.1 Alunos de graduação em Letras.....	70
5.4.2 Grupo de controle.....	71
5.4.2.1 Impressões do grupo de controle.....	72
5.5 Impressão das ondas sonoras das palavras.....	74
6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	76
6.1 Visão geral dos dados.....	77
6.2 Detalhamento da análise.....	82
6.3 Aspectos extralingüísticos	95
6.4 Conclusões.....	100
7 – CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS PARA PESQUISAS FUTURAS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
ANEXOS.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS

CA	Análise contrastiva
FN	Falante nativo
L1	Língua materna
L2	Língua dois
LE	Língua estrangeira
LEsp	Língua espanhola
PB	Português brasileiro

RESUMO

No português brasileiro (PB) há basicamente dois tipos de nasalidade: a nasalidade dita fonológica é a marca de nasalidade obrigatória que recebe a vogal quando seguida por uma consoante nasal na mesma sílaba (como em ‘*campo*’); a nasalidade dita fonética é a marca de nasalidade que recebe a vogal de uma rima vazia seguida de uma consoante nasal no onset da sílaba seguinte (como em ‘*cama*’). Em língua espanhola (LEsp), considera-se que o traço [+ nasal] não tem relevância fonológica, apenas fonética. Entretanto, mesmo que ocorra alguma nasalização, esta é praticamente imperceptível para um falante nativo e também não é auditivamente relevante para os falantes não-nativos em geral. Devido à proximidade entre português e espanhol e considerando a grande quantidade de brasileiros estudantes de LEsp que nasalizam a vogal oral /a/ em LEsp quando seguida de consoante nasal, desejamos verificar se o estudante de graduação tem dificuldade em perceber esse segmento.

Para isso, os sujeitos da pesquisa – estudantes do Curso de Graduação em Letras-Licenciatura da UFRGS de diferentes semestres e falantes nativos de LEsp (grupo de controle) – foram submetidos a dois testes de percepção – um constituído por um texto e outro por uma lista de palavras -, nos quais deveriam identificar se um som vocálico era nasal [ã] ou oral [a]. Com esses instrumentos e baseados nos estudos de Sampson (1999), Moraes (1997) e Beddor (1993) sobre nasalidade e percepção vocálica, desejamos verificar se os estudantes percebem categoricamente a distinção entre vogal nasal e não-nasal e também se os estudantes em níveis médio e avançado mostram uma percepção melhor do que a dos estudantes dos níveis básicos. Falantes nativos de LEsp foram submetidos aos testes para fins de controle da confiabilidade dos mesmos e para verificarmos até que ponto a nasalização indevida das vogais pode prejudicar a comunicação.

RESUMEN

Hay, básicamente, dos tipos de nasalidad en el portugués brasileño (PB): la nasalidad *fonológica*, que es la nasalidad obligatoria que recibe la vocal cuando seguida de consonante nasal en la misma sílaba (como en ‘*campo*’) y la nasalidad *fonética*, que es la nasalidad que recibe la vocal de una rima vacía seguida de una consonante nasal en el ataque de la sílaba siguiente (como en ‘*cama*’). En lengua española (LEsp), se considera que el rasgo [+ nasal] no tiene relevancia fonológica, sino fonética. Sin embargo, aunque haya alguna nasalización, es prácticamente imperceptible para un hispano hablante y tampoco es auditivamente relevante para los hablantes no nativos de español en general. Considerando la proximidad entre el portugués y el español y la gran cantidad de brasileños estudiantes de LEsp que nasalizan la vocal oral /a/ en LEsp cuando seguida de consonante nasal, queremos verificar si los estudiantes tienen dificultades para percibir ese sonido.

Para eso, los sujetos de la pesquisa – estudiantes del Curso de Graduación en Letras-Licenciatura de la UFRGS de diferentes semestres e hispano hablantes (grupo de control) – fueron sometidos a dos testes de percepción - un texto y una lista de palabras -, en los cuales tendrían que identificar si un sonido vocálico era nasal [ã] u oral [a]. Con esos instrumentos y basados en los estudios de Sampson (1999), Moraes (1997) y Beddor (1993) sobre nasalidad y percepción vocálica queremos verificar si los estudiantes perciben categóricamente la distinción entre vocal nasal y no nasal y también si los estudiantes en niveles intermedios y avanzados demuestran una percepción mejor que la de los estudiantes de niveles básicos. Hispano hablantes fueron sometidos a esos testes para control de la confiabilidad de los mismos y para verificar hasta que punto la nasalización indebida de las vocales puede perjudicar la comunicación.

ABSTRACT

There are basically two kinds of nasality in Brazilian Portuguese (PB): the phonological nasality, which is obligatory when a vowel is followed by a tautosyllabic nasal consonant (e.g. “*campo*”), and the phonetic nasality, the one the vowel receives when followed by a heterosyllabic nasal consonant (e.g. “*cama*”)

In Spanish (LEsp), the feature [+nasal] does not have relevance phonologically, but phonetically. However, even when some degree of nasality is present, it is practically imperceptible for a native speaker and it is not auditorily relevant for non-native speakers in general either.

Because of the similarities between PB and LEsp, and considering the high number of Brazilian students who are learning LEsp and nasalize the Spanish oral vowel /a/ when followed by a nasal consonant, we intend to find out if the undergraduate students have difficulty in perceiving this segment accurately.

For this purpose, the participants of the research – undergraduate students of LEsp of different semesters at UFRGS and native speakers of LEsp (control group) were submitted to two perception tests – a text and a list of words – where they had to identify if a vowel sound was nasal [ã] or oral [a]. Using these tests and based on researches about vowel nasality and vowel perception (Sampson 1999, Moraes 1997, Beddor 1993) we intend to find out if the students perceive categorically the distinction between a nasal and a non-nasal vowel, as well as if students of intermediate and advanced levels have a better perception of this difference than the students of basic levels. Native speakers of Spanish were submitted to the tests with the purpose of controlling their truthfulness and of verifying to what extent the inappropriate nasality of vowels could cause a bad effect on communication.

1 – DEFINIÇÃO DO TRABALHO

A presente pesquisa tem como tema a questão da percepção da nasalidade na vogal /a/ em Língua Espanhola por estudantes de Língua Portuguesa. A escolha do mesmo surgiu há alguns anos, quando comecei a ministrar aulas de língua espanhola (LEsp) em centros de línguas particulares e observava, juntamente com outros colegas, que vários alunos apresentavam dificuldade em pronunciar as vogais espanholas, devido à interferência total ou parcial da sua língua materna – o português brasileiro (PB).

Nessas aulas, observava que os alunos tendiam a produzir as vogais orais /a, e, i, o, u/ do espanhol como vogais nasais, baseados na semelhança dos contextos fonológicos em que essas vogais aparecem nas duas línguas.

Com o intuito de sanar essa dificuldade, desenvolvemos, em um centro de línguas de Porto Alegre, um manual de pronúncia acompanhado de fitas cassetes, gravadas em estúdio, por alguns de nossos professores falantes nativos. O manual incluía explicações a respeito das consoantes, vogais e ditongos da LEsp. O material apresentava exercícios de identificação e discriminação de fonemas, atividades de repetição de palavras, frases e trava-línguas e exercícios de transcrição fonética. O objetivo era dedicar tempo ao estudo da pronúncia dos fonemas básicos espanhol para que o aluno desenvolvesse uma maior percepção de determinadas diferenças entre as duas línguas, que muitas vezes não pareciam ser percebidas sem uma abordagem mais explícita.

De todas as questões contidas no manual, e que podiam apresentar dificuldade de produção pelo aluno - a pronúncia dos róticos /r/ e /R/, das oclusivas dentais /t/ e /d/, da lateral alveolar /l/, dos grafemas “g”/“j” e “y”/“ll”, a fricativação das oclusivas /b,d/ etc – uma das mais recorrentes era a pronúncia das vogais seguidas de consoante nasal.

Embora o curso fosse utilizado em um centro de línguas - onde não tínhamos a pretensão de formar professores, mas ensinar a língua a alunos que desejavam viajar a países de língua hispânica, tentar uma ascensão profissional, comunicar-se ao telefone etc – começamos a receber alunos das faculdades de Letras em geral, interessados em esclarecer suas dúvidas e aprimorar sua pronúncia. O material era utilizado aproximadamente após os

primeiros seis meses de contato do aluno com a LEsp e parecia contribuir no desenvolvimento da percepção auditiva dos sons em geral.

Como uma das professoras que ministrava esse curso, pude observar que o aluno desejava melhorar sua produção oral e que muitas vezes o que o impedia de fazê-lo era sua dificuldade em perceber o som apropriadamente. Especificamente com relação às vogais seguidas de consoantes nasais isso também ocorria. Também eram apontados pelos alunos outros motivos para a produção nasal das vogais nesses contextos: afirmavam não se sentir à vontade ao terem que desnasalizar as vogais seguidas de consoante nasal em LEsp, diziam produzir as vogais corretamente (quando na verdade não era isso o que acontecia) e alguns diziam estar mais preocupados com a pronúncia de sons consonantais do que exatamente com as vogais.

Considerando a visível melhora observada pelo grupo de professores na discriminação auditiva em LEsp por parte dos alunos que freqüentavam o curso, decidi investigar esse assunto em nível de mestrado. Optei por investigar a percepção, e não a produção, por suspeitar que talvez os alunos tivessem dificuldade em produzir apropriadamente as vogais espanholas seguidas de nasais devido à dificuldade em percebê-las apropriadamente nesses contextos. Portanto, elaborei dois testes de percepção auditiva a que submeti os alunos de Letras-Licenciatura da UFRGS para investigar se estes apresentavam dificuldade em perceber apropriadamente as vogais da LEsp.

Também considero necessário explicar o porquê da escolha de uma pesquisa na área da fonologia em L2. Não há como negar a importância do ensino e da aprendizagem da pronúncia em uma L2, assim como diz a citação de Morley (apud Keys, 2000) “a pronúncia inteligível é essencial à competência comunicativa”. Cada vez mais essa preocupação vem crescendo, com a diferença de que, atualmente, temos mais recursos e conhecimento sobre o assunto para podermos realizar treinamentos com alunos e professores. O que é apontado por Keys (2000) como um avanço é a atual preocupação com as questões em nível discursivo (como a entonação e o ritmo) e não somente com aspectos segmentais em nível de palavra (como a assimilação, a elisão...). Concordamos com suas justificativas, principalmente quando a língua estrangeira em questão é a língua inglesa. Entretanto, cabe lembrar que no que diz respeito ao ensino de LEsp como L2 ainda há poucos estudos e pesquisas fonológicas em nível segmental. Assim, parece-nos necessária uma pesquisa

fonológica em nível segmental, já que há tão poucas informações disponíveis até o momento.

Ainda com relação à maior importância dada à pronúncia, cabe lembrar que a Comunidade Européia lançou novas determinações sobre o ensino de idiomas com a publicação do documento *Marco de Referencia Europeo para el Aprendizaje, la Enseñanza y la Evaluación de Lenguas* (ver www.cvc.cervantes.es), no qual, além de serem abordadas as competências sociolingüísticas e pragmáticas que devem ser desenvolvidas no ensino de línguas estrangeiras, são incluídas também as competências lingüísticas: competência léxical, gramatical, semântica, fonológica e ortográfica. Especificamente no que se refere à pronúncia, o documento diz que *“la competencia fonológica supone el conocimiento y la destreza en la percepción y producción de fonemas y alófonos, rasgos distintivos como la sonoridad, nasalidad¹, oclusión, labialidad etc, la estructura silábica y la prosodia”*.

Assim, considerando o importante papel que a pronúncia tem na comunicação oral, optei por realizar esta pesquisa com discentes de Letras-Licenciatura, para os quais a qualidade da produção oral é tão relevante, uma vez que estão se preparando para ser futuros docentes da LEsp, e não apenas para fazer uso da língua em viagens de lazer. Com esta pesquisa, pretendemos contribuir com dados para a discussão sobre a questão da percepção em LEsp e com informações para o professor dos cursos de licenciatura, no que se refere ao papel do ensino/treinamento da pronúncia. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir muito para o conhecimento que temos sobre a aquisição do espanhol como língua estrangeira, identificando os fatores que influenciam a percepção do estudante a respeito da nasalidade na LEsp.

O trabalho tem como objetivo, portanto, estudar a percepção do fonema vocálico oral /a/ por estudantes brasileiros de espanhol, pois, como já dissemos, observamos, nas aulas de LEsp (Língua Espanhola), grande quantidade de alunos que nasalizam essa e as demais vogais seguidas de consoante nasal, em contextos fonológicos idênticos àqueles em que as vogais são nasalizadas em PB, ou seja, quando a vogal está seguida de consoante nasal tauto- ou heterossilábica.

¹ Grifo nosso.

Tomamos a decisão de investigar apenas a percepção da vogal [a], e não a de todas as vogais espanholas - /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/ - em parte, por questão de tempo, mas principalmente pelo fato de a articulação nasalizada dessa vogal ser muito mais perceptível do que a de qualquer outra vogal. O que ocorre é que, na produção dessa vogal em específico, além de haver o abaixamento da língua, há abaixamento mais significativo do véu palatino (Silva, 1999).

Acreditamos na importância desta pesquisa por consideramos que, quanto mais o aluno consiga perceber a realização não nasal desse fonema vocálico em língua espanhola e a diferença entre a vogal oral [a] do espanhol e a vogal nasal [ã] do português, em contextos fonológicos idênticos nas duas línguas, maiores condições terá de produzir corretamente não só essa vogal, como as demais vogais da língua espanhola.

1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é avaliar o grau de percepção da realização nasal/oral da vogal /a/ em contexto de espanhol como L2 por parte de falantes de português como L1 e verificar até que ponto esse grau de percepção se correlaciona com outros fatores lingüísticos ou extralingüísticos.

Para alcançá-lo, apresentamos a seguir a subdivisão deste objetivo geral em objetivos específicos, pontuais, ao lado das hipóteses que os orientam. Finalmente, há outro conjunto de objetivos, mais periféricos, que cumprem o papel de fornecer uma avaliação mais abrangente de nosso tema de análise na perspectiva do ensino-aprendizagem do espanhol como LE (Língua Estrangeira).

1.2 Objetivos específicos

- a) Descrever a nasalidade vocálica do ponto de vista fonético e apresentar as características da percepção das vogais nasais;
- b) Identificar as características da nasalidade no espanhol;

- c) Identificar as características da nasalidade no português;
- d) Apresentar a perspectiva fonológica a respeito das vogais nasais.

1.3 Metodologia

- a) Propor um teste de percepção do espanhol para falantes de português como L1, com produções da vogal /a/ como oral ou nasal;
- b) Aplicar o teste a estudantes de diferentes níveis de ensino de espanhol, para verificar se a percepção varia em função de um maior insumo de L2;
- c) Verificar a confiabilidade do teste com falantes de espanhol como L1;
- d) Verificar o efeito que a visualização / não visualização das palavras tem na percepção da realização nasal / não nasal;
- e) Verificar, através de entrevistas com os docentes de língua espanhola da UFRGS e alguns discentes da mesma universidade, se há um ensino explícito das diferenças fonológicas entre as duas línguas que propicie uma facilitação na percepção dos sons vocálicos ou se a percepção decorre de uma aprendizagem puramente implícita em sala de aula;
- f) Realizar entrevistas, posteriormente à aplicação do instrumento de percepção, para verificar se os estudantes da UFRGS se sentem incomodados ao ter de produzir vogais orais em contextos nasais em LEsp;

- g) Reunir depoimentos dos falantes nativos sobre a pronúncia do locutor nos instrumentos de percepção e sobre o quanto a nasalização indevida das vogais os perturbou na compreensão auditiva dos instrumentos.

- h) Desenvolver pesquisa sobre as dificuldades na percepção do som oral /a/ do espanhol por estudantes brasileiros, visando à análise, avaliação e subsídios para a constatação de estratégias que auxiliem esses estudantes a desenvolver uma melhor percepção e, por consequência, produção da vogal oral “a”.

1.4 Organização do estudo

Esta dissertação está dividida em sete capítulos, que tratam de questões teóricas e da coleta de dados que formam os subsídios da pesquisa.

O presente capítulo, o capítulo 1, apresenta a origem do estudo, suas hipóteses e objetivos. O capítulo 2 trata da questão da aquisição e percepção fonológica em língua estrangeira. No capítulo 3, tratamos da nasalidade vocálica, incluindo seus aspectos acústicos e articulatórios, além de tratarmos especificamente da percepção das vogais nasais. Incluímos, nesse capítulo, definições do traço [nasal] proposta por diferentes autores, uma breve discussão sobre os valores que esse traço pode assumir, sua localização na geometria de traços e uma classificação dos tipos de nasalidade vocálica possíveis, segundo Sampson (1999).

No capítulo 4, procuramos mostrar como a nasalidade se apresenta em Língua Espanhola e no Português Brasileiro, além de incluirmos um breve relato das interpretações monofonêmica e bifonêmica da nasalidade no PB, os aspectos fonéticos da nasalidade no PB e dados sobre a percepção de vogais nasais e nasalizadas em PB.

O capítulo 5 apresenta explicações sobre as questões metodológicas que fizeram parte da pesquisa: as entrevistas com os professores de LEsp desta Universidade, o questionário sobre os dados dos informantes, os instrumentos de percepção da pesquisa (a lista de palavras e o texto), os testes-piloto, além de uma descrição dos sujeitos da pesquisa (alunos de graduação em Letras e falantes nativos de espanhol residentes em Montevideu –

o grupo de controle). Incluímos, ainda, alguns depoimentos dos falantes nativos quanto à pronúncia do locutor do CD e uma breve explicação sobre a impressão das ondas sonoras de algumas palavras dos instrumentos.

O capítulo 6 apresenta o resultado da coleta de dados feita na UFRGS, a análise dos dados e discussão dos mesmos e o capítulo 7 as conclusões e perspectivas para pesquisas futuras.

Nos anexos, o leitor encontra os instrumentos de percepção e seus gabaritos, o questionário respondido pelos discentes, as perguntas feitas aos docentes, a impressão das ondas sonoras de duas palavras retiradas dos instrumentos e os depoimentos dos falantes nativos. O CD, contendo os instrumentos de percepção, está anexado à contra-capa desta dissertação, para aqueles que desejarem ouvi-lo e, eventualmente, avaliar sua percepção vocálica em LEsp.

2 - AQUISIÇÃO FONOLÓGICA EM L2

Neste capítulo trataremos brevemente das diferentes perspectivas que, ao longo dos últimos anos, nortearam a pesquisa em aquisição fonológica de L2, do status dado à L1 na aquisição fonológica em L2, da importância do segmento e dos traços distintivos e do papel da percepção da fala.

2.1 A aquisição fonológica em L2

A aquisição de uma segunda língua é um processo que engloba vários fatores relacionados ao aprendiz e à situação de aprendizagem (Ellis, 1994). Concordamos com Ellis quando diz que aprendizes diferentes em situações diferentes aprendem uma L2 de diferentes maneiras, mas que, embora haja essa variabilidade na aprendizagem, é possível identificar aspectos relativamente estáveis e passíveis de generalização pelo menos sobre um grande grupo de aprendizes.

Assim, para facilitar o desenvolvimento do trabalho, faz-se necessário distinguir *competência* de *performance*. Embora ambas estejam intimamente associadas, a *competência* se refere ao conhecimento que o falante tem de sua língua, enquanto que a *performance* se refere ao uso desse conhecimento na comunicação.

Nesta pesquisa, concentramos nossa atenção na competência do aprendiz brasileiro de LEsp em testes de percepção fonológica, embora tratemos superficialmente de questões extralingüísticas, como o contato do aprendiz com a LEsp antes e durante o curso de graduação, seu interesse principal com a língua, sua atitude frente às correções de seus erros de pronúncia feitas pelo professor etc. (ver Cap. 5)

Assim, nosso objetivo é observar se o estudante universitário de LEsp discrimina categoricamente sons nasais e sons orais vocálicos nessa língua, sem deixarmos de tratar dos aspectos extralingüísticos acima citados. Embora sejamos conscientes de que há inúmeras outras questões que também podem provocar diferenças individuais, como a idade, a aptidão, a personalidade, o estilo cognitivo do aprendiz etc, estas questões não serão abordadas aqui.

A aquisição da fonologia de uma L2 é um processo complexo. Para entender como os sujeitos de uma pesquisa aprendem um novo sistema fonológico, deve-se levar em conta, principalmente, as diferenças entre os sistemas da L1 e da L2.

A revisão que aqui apresentamos da literatura sobre Aquisição de LE baseia-se principalmente em Brown (2000). Dada a natureza do nosso trabalho, essa revisão basear-se-á principalmente na questão da percepção.

Normalmente, as abordagens diferem no que concerne a considerarem o papel da L1 e da L2, a natureza da interlíngua e a integração entre performance e competência, quando se aborda a questão. Quanto à performance, já foram detectados diversos fatores que afetam a aquisição de L2: diferenças individuais (aptidão individual), fatores afetivos (motivação integrativa e motivação instrumental), fatores cognitivos, idade (período crítico), grau de contato com a língua, sexo, instrução formal, grau de uso da L1 etc.

Alguns desses fatores serão considerados mais adiante no Capítulo 5, pois foram necessários para a elaboração do questionário para o discente e se fizeram presentes nas entrevistas com os docentes. Entretanto, cabe ressaltar que não são o foco principal desta pesquisa e, portanto, não serão discutidos profundamente. Por hora, nos concentraremos nas questões que envolvem aspectos de natureza universal ou específicos aos sistemas fonológicos a serem adquiridos.

As primeiras tentativas feitas para explicar o processo de aprendizagem de uma L2 iniciaram com a Análise Contrastiva (*Contrastive Analysis - CA*), proposta inicialmente por Lado em 1957 (apud Brown, 2000). A CA previa que todos os desvios na L2 ocorriam devido à interferência ou transferência negativa da L1 e considerava que a aquisição era medida pela habilidade do aprendiz em **produzir** os segmentos em L2.

Dois seguidores dessa corrente, Stockwell & Bowen (1983), propuseram uma tabela de hierarquia das dificuldades fonológicas, para prever o grau de dificuldade de percepção e/ou produção fonológica em L2. A tabela (ver abaixo) tentava prever se a dificuldade seria motivada pela ausência (\emptyset) ou pela presença da categoria fonológica em L1 e L2 e, quando presente, se o seu uso era obrigatório (fonêmico) ou opcional (alofônico). As dificuldades eram ordenadas das mais difíceis às menos difíceis.

QUADRO 1 – Hierarquia das dificuldades fonológicas proposta por Stockwell and Bowen (1983)

<i>Língua nativa</i> (L1)		<i>Língua alvo</i> (L2)
(Caso 1)	O	obrigatório
(Caso 2)	O	opcional
(Caso 3)	opcional	obrigatório
(Caso 4)	obrigatório	opcional
(Caso 5)	obrigatório	O
(Caso 6)	opcional	O
(Caso 7)	opcional	opcional
(Caso 8)	obrigatório	obrigatório

Fonte: Stockwell e Bowen (1983 : 27)

Assim, por exemplo, seria mais fácil adquirir um som que fosse opcional na L2 e ausente na L1 (caso 2) do que um som obrigatório na L2, mas ausente na L1 (caso 1). Da mesma forma, seria mais fácil adquirir um som que fosse opcional em L2, mas obrigatório em L1 (caso 4) do que um som obrigatório em L2, mas opcional em L1 (caso 3).

Entretanto, muitos dos erros previstos não eram cientificamente comprovados na coleta de dados e, além disso, alguns dos erros cometidos pelo aprendiz de L2 não se explicavam pela L1. A transferência também não podia explicar por que alguns fenômenos eram adquiridos antes de outros.

Assim, quadros como esses não conseguiam explicar por que sons da L2 que apresentavam alguma diferença fonética na L1 não eram adquiridos tão facilmente pelo aprendiz de língua estrangeira como sons da L2 inexistentes no inventário fonológico da L1 (casos 1 e 2). Essa limitação da CA era, segundo Brown, resultado da comparação feita entre L1 e L2 levando-se em conta apenas os fonemas e não os traços distintivos.

Numa fase posterior à CA, influenciadas pelo *Sound Pattern of English* (de Chomsky e Halle, 1968), as pesquisas começam a considerar que as dificuldades com determinados sons da L2 poderiam ser explicadas pelas **diferenças de traços** entre a L1 e a L2. Ao mesmo tempo, começa-se a pensar que a aquisição poderia ser medida pela habilidade do aprendiz em **perceber** os segmentos em L2. Pelo menos três modelos tentam explicar como os sons da L2 são mapeados na L1: o PAM, o SLM e o FCM.

O PAM (*Perception Assimilation Model*), proposto por Best (1993 apud Brown, 2000), descreve o papel do sistema fonológico da L1 sobre a percepção de novos sons da L2. Não explica, entretanto, por que e como ocorre essa influência do conhecimento dos sons da L1 na percepção de sons da L2, além de não considerar que a L1 possa ser afetada ao estar exposta a contrastes segmentais não-nativos.

O SLM (*Speech Learning Model*), proposto por Flege (1987), trata da questão da aquisição do segmento da L2. Tenta explicar como a percepção da fala afeta a aquisição fonológica, distinguindo sons novos (sons não identificados com nenhum som da L1) de sons semelhantes (sons percebidos como sendo os mesmos que determinados sons da L1). Segundo o autor, embora o sistema fonético usado na percepção e na produção permaneça adaptável durante a vida e possa ser reorganizado devido a sons da L2, o que ocorre é uma “classificação de equivalência”, que evita o estabelecimento de novas categorias fonéticas para sons semelhantes. Entretanto, sua teoria não mostra como e quando ocorre essa equivalência.

Tanto o PAM quanto o SLM tratam da relação entre o sistema fonológico na maturidade, a percepção da fala e a aquisição fonológica em L2, mas não conseguem articular bem a natureza do mecanismo que mapeia os sons da L2 em categorias da L1.

Segundo Brown (2000), o FCM (*Feature Competition Model*), modelo de interação de percepção da fala e aquisição fonológica proposto por Hancin-Bhatt (1994), é o mais completo nesse sentido, porque trata da proeminência dos traços nas gramáticas da L1 e da L2. Nesse modelo, traços usados mais frequentemente na fonologia de uma língua são mais proeminentes do que traços usados menos frequentemente. Os mais proeminentes tendem a ter maior influência na percepção de novos sons da L2 pelo aprendiz, ou seja, a proeminência dos traços da L1 guia a forma como os sons da L2 são mapeados nas categorias existentes em L1. A proeminência dos traços é determinada por um algoritmo, que gera previsões atestáveis para a percepção diferencial e substituição de sons entre falantes de diferentes línguas. É o primeiro modelo a investigar a relação entre o sistema fonológico na maturidade e a percepção da fala e a relação entre a percepção da fala e a aquisição das representações fonêmicas da L2. Entretanto, a autora analisa apenas sons interdentais; não sabemos, portanto, se o modelo conseguiria explicar a substituição de

outros segmentos entre línguas ou diferentes dificuldades entre falantes de uma mesma L1 na aquisição de vários sons da L2.

Surge, então, a proposta de Brown (2000), que considera que um modelo compreensivo de aquisição fonológica em L2 deva contemplar uma teoria de aquisição de segunda língua, uma teoria de representação fonológica e uma teoria de percepção da fala. Na sua proposta, a Geometria de Traços tem um papel crucial na medida em que a organização dos traços é a mesma em qualquer língua, podendo as línguas diferirem apenas nos seus inventários de fonemas e no seu conjunto de traços fonológicos. O que o aprendiz adquire, gradualmente, é a capacidade de determinar quais dos traços dessa geometria são usados em sua L1 para distinguir fonemas e assim poder construir as representações apropriadas. A distinção fonológica dos segmentos inicia com aqueles que requerem menos estrutura antes daqueles que requerem uma estrutura altamente articulada. Quando o falante percebe que dois segmentos são usados contrastivamente, a estrutura fonológica que os diferencia é adicionada à sua gramática. Assim, a mera presença de dois segmentos contrastivos no input não é suficiente para acionar a aquisição. O aprendiz precisa detectar esse contraste, discriminando os dois segmentos perceptualmente. É por isso que o desenvolvimento do sistema fonológico depende das propriedades do mecanismo de percepção da fala. O que Brown procura responder é como essa capacidade de percepção muda (se é que muda) à medida que a criança se desenvolve.

Na sua proposta, a autora sustenta que a habilidade em discriminar acusticamente contrastes não nativos diminui rapidamente na infância com a exposição da criança a uma única língua, até que a criança seja capaz de discriminar apenas aqueles contrastes presentes na língua em questão. A sensibilidade perceptual a certos contrastes não nativos é perdida antes da sensibilidade a outros, o que sugere que seja gradual e que siga uma ordem sistemática. Para a autora existe uma relação de causa entre o desenvolvimento fonológico do aprendiz e o declínio concomitante na sua habilidade em discriminar acusticamente sons não nativos. A perda da sensibilidade na criança é, na verdade, uma reorganização perceptual que reflete a organização hierárquica da geometria de traços na gramática do falante e são os **traços** contidos na L1 do aprendiz, e não as representações fonológicas em si, que restringem a percepção, isso se mantém no processo de aquisição de L2 mesmo na fala dos adultos. Assim, se na sua L1 o aprendiz não tem um traço que produza

determinado contraste fonológico, ele será incapaz de perceber esse contraste com precisão. Ao contrário, se houver o traço de contraste na L1, isso facilitará a percepção do contraste não nativo, independente de o segmento ser parte do inventário ou não. Mesmo que o falante não tenha experiência fonética, fonêmica ou acústica com determinado contraste não nativo, a experiência em perceber contrastes fonêmicos nativos realizados por um determinado traço subjacente lhe permite discriminar qualquer contraste não nativo que se diferencie por esse traço.

As pesquisas de Brown envolvendo a gramática de falantes japoneses, coreanos e do chinês mandarim, estudantes de inglês como L2, exploram 3 questões: a aquisição de vários contrastes fonêmicos por um único grupo de falantes, a aquisição de um contraste específico em diferentes grupos de falantes e a mudança na natureza da influência fonológica da L1 no desenvolvimento da L2. Os resultados mostram que, nos primeiros estágios da aquisição, os fonemas da L1 têm uma influência profunda na percepção de contrastes não-nativos. Numa tentativa de entender o input em L2 e na ausência de novas categorias fonológicas, o input em L2 é encaixado no sistema da L1 de qualquer maneira. Entretanto, a presença de um traço distintivo mostra que o sinal acústico para um determinado segmento não corresponde exatamente à categoria na L2 e esse desencontro entre o input da L2 e as estruturas da L1 provoca uma reorganização estrutural. Com o desenvolvimento e exposição crescente à L2, uma nova categoria fonológica é estabelecida e a percepção de tais contrastes torna-se igual à de um falante nativo. Entretanto, se o traço que distingue um dado contraste não nativo está ausente da gramática da L1, então o input da L2 acaba se encaixando perfeitamente numa categoria existente em L1 e a aquisição não ocorre. Assim, enquanto que o input é inicialmente classificado em termos de fonemas da L1, são os **traços** da L1 que guiam o processo de mapeamento e determinam até que ponto o input da L2 pode ser acomodado por uma estrutura fonológica existente, restringindo os contrastes não nativos que serão adquiridos pelo aprendiz.

2.2 A percepção fonológica em L2

Nesta seção trataremos da questão da percepção dos sons da L2 na fase adulta do aprendiz, baseados nos estudos Nusbaum e Lee (1992) e de Brown (2000).

Uma das primeiras questões que vêm à tona ao pensarmos em pesquisas sobre a aquisição fonológica em L2 é “qual é o melhor indicativo da competência fonológica subjacente de um aprendiz: o resultado de um teste de percepção ou o resultado de um teste de produção?” Parece ser mais razoável considerar que a performance em testes de compreensão retrata mais precisamente a competência do aprendiz do que a performance em testes de produção, como mostra a seguinte citação de Brown (2000):

“Since production involves several peripheral mechanisms, such as motor control, relying on production data may lead us to underestimate or (particularly in the case of the adults) overestimate the learner’s underlying phonological competence. Several researchers have, in fact, demonstrated that L2 learners may be able to accurately produce a non-native contrast even though the same learners are unable to distinguish the two sounds perceptually. If we rely on production data we may falsely attribute more segmental structure to a learner’s underlying phonological competence than he or she actually has. On the other hand, some L2 learners are more like young children in that they are unable to correctly produce a novel contrast despite their ability to perceive and accurately distinguish the contrast phonologically in comprehension, in which case we would underestimate the learner’s competence. Of course, this is not to deny the operation of peripheral mechanisms in comprehension (it too is performance), nor would I claim that comprehension can be equated with underlying competence.”

Outra questão que surge é por que aprender a fonologia de uma L2 parece ser tão fácil para uma criança e tão difícil para um adulto? Entre as prováveis explicações da aprendizagem da fonologia em adultos e crianças duas relacionam a aquisição fonológica em L1 e L2 (Nusbaum e Lee, 1992): uma trata do desenvolvimento neural e a outra das mudanças do conhecimento fonológico como consequência da experiência lingüística.

Durante o primeiro ano de vida de um bebê, ele é capaz de discriminar categoricamente contrastes fonéticos de sua língua materna e de línguas não faladas em seu ambiente. Entretanto, por volta do final do primeiro ano de vida, os bebês passam a discriminar apenas os contrastes de sua L1. A experiência perceptiva e lingüística reforça

ou mantém os contrastes fonéticos da L2 e faz perder os contrastes não nativos. Entretanto, apesar de que grande parte do desenvolvimento neurofisiológico ocorre no primeiro ano de vida, muitas mudanças acontecem ainda até a adolescência. Baseado nisso é que Lenneberg (1967) propôs a hipótese do “período crítico”, segundo a qual há um período de desenvolvimento humano em que o cérebro está predisposto ao sucesso da aquisição de línguas. Após esse período, ou seja, com o início da puberdade, a aquisição de uma língua não pode ser baseada nas estruturas inatas, que provavelmente contribuem para a aquisição da L1 ou da L2 no começo da infância. Os aprendizes mais velhos dependem, então, das habilidades de aprendizagem mais gerais, que também são usadas para aprender outros tipos de habilidades ou informações e não possibilitam tanto êxito nesse tipo de aprendizagem como as capacidades inatas e específicas disponíveis na criança.

Vários pesquisadores estão de acordo com essa hipótese, mostrando que é extremamente difícil e às vezes até impossível a aprendizagem perceptiva de contrastes fonológicos não nativos após o período crítico (Scovel, 1998). Entretanto, Flege, Frieda e Nozawa (1997) constataram que podem ser observadas diferenças na pronúncia de uma L2 mesmo entre adultos que a aprenderam quando crianças. Em sua pesquisa, imigrantes italianos que chegaram ao Canadá com em média 5.6 anos apresentavam sotaque italiano ao falarem em inglês, mesmo tendo usado a L2 durante cerca de 34 anos. É claro que os imigrantes que falavam italiano com mais frequência tinham sotaque bem mais forte do que aqueles que raramente o falavam. Esses dados são importantes por mostrarem que para atingir o sucesso na pronúncia de uma L2 não basta estar exposto à mesma durante o período crítico. A quantidade de uso da L1 também pode influenciar a qualidade da produção oral em L2.

Outras pesquisas, por sua vez, indicam que ouvintes adultos são capazes de aprender contrastes fonológicos que não fazem parte do seu inventário materno. Em sessões de apenas uma hora, os sujeitos da pesquisa de Pisoni, Aslin, Perey e Hennessy (1982, apud Nusbaum e Lee, 1992) conseguiram aprender uma nova categoria fonética que correspondia a uma consoante oclusiva pré-vozeada não aspirada e generalizar a percepção dessa nova categoria a outros pontos de articulação, o que mostra que não eram simples associações de respostas aleatórias. A evidência de percepção categórica do novo contraste

sugere que essas pronúncias foram processadas tão foneticamente quanto outros sinais da fala.

O que esses dados apontam é que entre as duas perspectivas, a que se baseia no período crítico e a que se baseia no conhecimento fonológico, a segunda é melhor para dar conta dos dados de aprendizagem de percepção, por mostrar que o conhecimento que está sendo desenvolvido parece ser mais importante do que o período biológico de tempo sobre o qual o conhecimento está sendo adquirido.

O fato de o adulto utilizar, durante anos, um único sistema fonológico restringe a forma como a atenção é direcionada às propriedades acústicas da fala. Ao ser apresentado a uma nova categoria fonética a ser aprendida, não será necessária uma mudança de atenção se essa nova categoria for um alofone de algum fonema da L1. Assim, o que torna difícil aprender novos contrastes na fase adulta é ter que focalizar a atenção em dicas acústicas novas, diferentes daquelas usadas na L1.

Algumas pesquisas apontam para uma otimização da atenção dada à estrutura acústica da fala pelos ouvintes, após um período de treinamento. Após esse período, os ouvintes se tornam bem mais eficientes em sua capacidade de atenção, enquanto que antes dele é como se os ouvintes prestassem atenção a porções do sinal acústico não informativas foneticamente (Nusbaum e Lee, 1992). Nesses estudos, os participantes são testados na identificação de palavras antes e depois de um período de treinamento, sem que as palavras sejam usadas duas vezes, para mostrar que se trata de uma aprendizagem de generalização. Alguns participantes alcançam até 45% de melhora no reconhecimento da fala sintética após 8 dias de treinamento, sendo que os efeitos chegam a durar até 6 meses. O que a aprendizagem de percepção da fala sintética e a aprendizagem de uma nova categoria fonética têm em comum é que ambas envolvem a atenção.

Essa breve descrição sobre teorias de aquisição fonológica e de percepção em L2 apontam principalmente para três questões importantes: o traço distintivo X o segmento, a percepção X a produção dos sons (como prova de aquisição fonológica) e o desenvolvimento do conhecimento fonológico na fase adulta X o período crítico.

Assim, para que ocorra a aquisição, o traço que faz o contraste entre dois segmentos não nativos deve existir na L1, mesmo que nesta ele sirva para distinguir outros segmentos. Além disso, o aprendiz precisa necessariamente perceber, mas não necessariamente

produzir o traço para que se possa considerar que adquiriu o som. A terceira questão trata sobre o período crítico: pesquisas citadas mostram que adultos aprendizes de L2 podem aprender contrastes não nativos e apresentar performance semelhante à de um falante nativo, seja pelo intenso contato com a L2 ou por treinamentos feitos com testes de percepção que direcionem a atenção do aprendiz ao sinal acústico apropriado.

3 – A NASALIDADE NAS VOGAIS

Este capítulo divide-se em três seções que tratam da questão da nasalidade. Na primeira seção, caracterizamos foneticamente a nasalidade, incluindo seus aspectos articulatorio e acústico e tratamos da questão da percepção das vogais nasais. Na segunda seção, falamos sobre a pertinência do traço [nasal] e sua localização na representação pela Geometria de Traços. E, na terceira e última seção, tratamos da representação da nasalidade nas vogais.

3.1 Caracterização fonética da nasalidade

Nesta seção, tomaremos como base os estudos de Sampson (1999) e Martins (1988) para descrever a fonética da nasalidade nos seus aspectos articulatorios e acústicos.

Do ponto de vista fisiológico, interessam especialmente os três canais de ressonância do trato supraglotal: a cavidade faríngea, a cavidade oral e a cavidade nasal. A cavidade faríngea e a cavidade oral estão intimamente relacionadas e, acima delas, encontram-se as cavidades nasais, que têm como entrada frontal as narinas. As cavidades nasais são uma das duas entradas de ar para os pulmões; sua parte superior é constituída pelo osso etnóide penetrado pelos nervos olfativos e sua base é constituída pelo palato duro. Não existe um órgão móvel dentro das cavidades nasais, o que impossibilita que os falantes variem o volume e o formato deste canal por vontade própria e provoquem diferentes efeitos de ressonância. As dimensões dessas cavidades variam um pouco em cada indivíduo, de acordo com sua idade, sexo e constituição fisiológica.

3.1.1 Aspectos articulatorios

O ar que vem dos pulmões pode ser liberado de três formas pelas cavidades de ressonância. Escapando somente via cavidade oro-faríngea, produzem-se sons orais. Entretanto, se as cavidades nasais forem envolvidas, o ar poderá escapar parcialmente ou totalmente por elas. Escapando parcialmente, haverá uma passagem livre do ar pela cavidade oral, mas também acesso às cavidades nasais; assim o ar passará simultaneamente por ambos os canais. Escapando totalmente, haverá acesso às cavidades nasais, mas a

passagem pela cavidade oral será bloqueada por uma obstrução total. O resultado será um canal exclusivamente nasal.

O papel do véu palatino (ou palato mole) nesse processo é controlar, através da sua posição, o acesso do fluxo de ar às cavidades nasais. Este órgão forma a parte posterior do palato duro e, graças à sua composição muscular, é flexível e pode ser levantado ou abaixado pelo falante. Ao ser abaixado, seja como um gesto controlado pelo falante ou porque está na sua posição neutra de repouso, deixa livre o canal nasal de forma que o fluxo de ar tem acesso às cavidades nasais. Ao ser levantado, em graus variados, fecha parcialmente ou totalmente o canal nasal. Quanto maior a abertura do canal nasal durante a articulação de uma vogal, mais intensa será a ressonância nasal que a acompanha.

Outra questão é o tempo de ajuste de abertura do canal nasal. Embora o véu palatino seja um órgão de movimento relativamente lento, aumentos ou diminuições no grau de abertura do canal podem ser realizados em diferentes velocidades e iniciados em diferentes estágios durante o tempo de articulação de uma vogal. Como resultado, a realização nasal de uma vogal pode variar muito.

3.1.2 Aspectos acústicos

Acusticamente, as vogais são o resultado da ressonância da cavidade oro-faríngea. A fonte de energia para a ressonância é a excitação da glote causada pela vibração periódica das cordas vocais. Cada vogal tem associada a si um número de formantes, ou bandas de ressonância, que são localizados em frequências específicas e podem variar em amplitude. Esses efeitos de ressonância e, por consequência, os diferentes valores de formantes encontrados em diferentes tipos de vogais, são determinados pelo tamanho e formato do conduto de ar na cavidade oro-faríngea. A configuração do conduto de ar pode ser rapidamente modificada, como resultado do movimento da língua (elevação/abaixamento, adiantamento/retração), mas também pelo movimento da mandíbula e dos lábios. Assim, a elevação da língua relaciona-se com a diminuição na frequência do F_1 e o abaixamento da língua relaciona-se com a elevação de F_1 .

As cavidades nasais representam um canal lateral em relação à cavidade oro-faríngea. Esse canal lateral adiciona não apenas novas ressonâncias, mas também anti-

ressonâncias; são os pólos e zeros, respectivamente. Os zeros, ou anti-ressonâncias, servem para amortecer ou cancelar qualquer energia de ressonância que esteja situada perto das suas freqüências. Os pólos e zeros produzidos pela ressonância nas cavidades nasais interagem com os formantes produzidos pela ressonância da cavidade oro-faríngea. O resultado é uma produção acústica complexa, em que os componentes de cavidades diferentes, mas inter-relacionadas não podem ser distinguidos imediatamente. Acusticamente, as vogais nasais não são apenas vogais orais com uma ressonância nasal sobreposta.

Sampson (1999) aponta que as inúmeras pesquisas sobre características acústicas das vogais nasais nas últimas quatro décadas apresentam resultados diversos e até divergentes às vezes. Entretanto, há pontos em comum nas diferentes caracterizações encontradas na literatura. Os principais sinais de nasalização em uma vogal são geralmente encontrados como modificações espectrais nas freqüências mais baixas, particularmente nas vizinhanças do primeiro formante oral.

Um formante reconhecido como nasal, que é também uma marca autêntica de consoantes nasais, é identificado ocorrendo mais ou menos em 250Hz. Um zero também foi observado interagindo com o F_1 , reduzindo sua amplitude e aumentando sua largura de banda de modo que o espriamento da energia acústica do F_1 possa resultar na sua divisão em duas bandas ligadas. Modificações em freqüências mais altas também foram observadas, com formantes extras aparecendo junto a mudanças na amplitude, freqüência e largura de banda nos formantes orais. Essas mudanças, que parecem ser menos significativas, dão origem a uma distribuição mais difusa da energia espectral com picos de energia menos intensos.

3.1.3 A percepção das vogais nasais

Trataremos aqui dos efeitos acústicos e perceptuais da distinção oral X nasal em vogais, baseados em Beddor (1993) e Sampson (1999).

Do ponto de vista da percepção, deve-se levar em conta, em primeiro lugar, uma diferença fundamental entre as línguas, que se refere ao status fonológico dado às vogais

nasais. Possivelmente, em todas as línguas do mundo, as vogais são parcialmente nasalizadas no contexto de uma consoante nasal. As línguas podem diferenciar-se quanto ao grau de nasalização fonética, que é medido pela magnitude e tempo de abaixamento do véu palatino. Em cerca de 25% das línguas do mundo há vogais fonemicamente nasais.

Sampson (1999) apresenta uma posição um pouco cética a respeito das pistas universais sobre a nasalização. O autor afirma que o grau de acoplamento nasal usado pode variar entre falantes e também de uma vogal a outra, mesmo sendo dita pelo mesmo falante. Além disso, a nasalidade vocálica pode mostrar variação significativa no modo como é fisicamente realizada de língua para língua, tornando difícil que se façam afirmações universais sobre suas propriedades articulatórias. Em outras palavras, o autor acredita que não existe correlato acústico invariável e direto para a nasalidade vocálica.

Beddor (1993), por sua vez, mostra que é possível fazer afirmações sobre as características acústicas das vogais nasais. Como vimos, são os formantes que definem a qualidade de uma vogal. A qualidade vocálica é essencialmente determinada pelos primeiros formantes (F1 / F2), que permitem por si só o reconhecimento da vogal (Martins, 1988, p. 37). A diminuição da proeminência espectral na região de F1 é o que caracteriza acusticamente as vogais nasais, conforme Beddor (1993). A autora afirma que, em estudos que correlacionam as propriedades acústicas das vogais nasais com a percepção, os ouvintes respondem às mesmas propriedades acústicas na distinção de vogais orais e nasais, independentemente do status fonológico dado à nasalização em sua língua materna. Ouvintes cuja língua materna apresenta uma *distinção fonêmica*, mostram uma discriminação categórica, com boa identificação de diferenças que cruzam o limite oral-nasal e baixa identificação de diferenças intracategoriais. Ao contrário, ouvintes cuja língua materna apresenta *distinção alofônica* mostram boa discriminação das diferenças intra e intercategoriais. Uma forma de interpretar essa informação é considerar que falantes cuja língua materna não apresenta nasalização vocálica distintiva respondem aos testes

foneticamente, enquanto que falantes cuja L1 faz contraste vocálico oral x nasal respondem fonemicamente, reduzindo o grau de discriminação intracategorial.²

Além dos correlatos espectrais de nasalização vocálica percebidos na proeminência de F1 (independentemente da vogal e da língua), outras propriedades também parecem influenciar os julgamentos de nasalização vocálica: *a altura da vogal, a sua duração e o seu contexto*.

As dicas perceptuais para a nasalização podem mudar de acordo com o tipo de vogal. Um estudo realizado por House and Stevens (apud Sampson, 1999 : 11) mostrou que americanos precisavam de um nível de nasalidade sintética três vezes maior para perceber a vogal baixa [a] como nasal, do que para perceber as vogais altas [i] e [u]. O que ocorre é que as vogais (orais) baixas do inglês americano tendem a ser articuladas com algum grau de nasalidade, de forma que exigem uma considerável quantidade extra de nasalidade para serem percebidas como vogais nasais. Quando a nasalidade está sobreposta na vogal, o ouvinte pode perceber uma mudança na altura da língua. Várias pesquisas realizadas (Wright 1986; Bond 1976 apud Sampson, 1999) mostram que as vogais altas, quando nasalizadas, tendem a baixar e as vogais baixas tendem a se elevar.

Estudos realizados com fala natural mostram que as vogais baixas nasalizadas são mais percebidas do que as não baixas nos mesmos contextos. O que não está claro é se a altura da vogal afeta a percepção da nasalidade independentemente da altura do véu palatino e do grau de proeminência espectral. Usando um programa de síntese articulatória, Beddor gerou as vogais /a/, /i/ e /u/ com cinco durações diferentes e com diferentes graus de abertura velofaríngea. Os americanos que participaram da pesquisa consideraram os estímulos com maior abertura velofaríngea como mais nasais, mas também consideraram os estímulos mais longos como mais nasais; o que indica que um aumento na duração acentua a percepção da nasalização vocálica. Esse efeito da duração vocálica também parece ocorrer independentemente da língua, pois também foi observado no francês.

² Entretanto, segundo Beddor, esta interpretação pode ser um pouco simplista porque em muitas línguas, os contrastes entre vogais orais e nasais são acompanhados de outras diferenças na qualidade vocálica (como recuo da língua, arredondamento dos lábios etc).

As nasais são mais longas do que suas correlatas orais, especialmente em sílabas fechadas. Um estudo de Delattre e Monnot (apud Sampson, 1999 : 10) mostrou que vogais nasais eram em média 42% mais longas do que suas correlatas orais. Os pesquisadores estudaram o significado perceptual da duração no reconhecimento da nasalidade vocálica por falantes de francês, manipulando a vogal de uma palavra. Diminuíram a intensidade do seu primeiro formante, para dar a impressão de seminasalização, e utilizaram nove versões de uma palavra com diferentes durações vocálicas. Todos os sujeitos da pesquisa perceberam o exemplo que continha duração vocálica mínima como vogal oral e aquele com duração máxima como vogal nasal. Entretanto, deve-se observar que há diferenças entre línguas quanto à duração vocálica no reconhecimento da nasalidade, já que os falantes de francês parecem esperar o uso de uma duração maior nas vogais nasais, do que os falantes de português, por exemplo.

O contexto fonético vocálico influencia a percepção da nasalização vocálica. As propriedades de uma consoante oral imediatamente após uma consoante nasal podem influenciar a percepção da nasalização. Por exemplo, a nasalização distintiva acompanhada pela perda da C nasal ocorre mais facilmente antes de C [contínuas] ou [obstruintes] (Lightner, Malécot, M. Ohala, Schourup, apud Beddor, 1993). A tendência de as vogais se nasalizarem distintivamente antes de C nasais tautossilábicas está ligada a uma nasalização mais forte, devido ao maior tempo de abaixamento do véu palatino, nessas vogais do que em vogais que precedem consoantes heterossilábicas.

Krakow e Beddor (apud Beddor, 1993) e Kawasaki (apud Beddor, 1993) descobriram que a percepção da nasalização vocálica é maior à medida que as consoantes nasais adjacentes são enfraquecidas (ex. [NV]N] → [V]). Ao que tudo indica, vogais nasais são mais corretamente reconhecidas como nasais quando se encontram mais distantes dos contextos nasais e apresentadas isoladamente [V]) ou em contextos orais [CV]C], do que em seu contexto nasal original. Uma forma de interpretar esse dado é considerar que o conhecimento do ouvinte sobre co-articulação o leva a atribuir a nasalização vocálica às consoantes nasais adjacentes e a ouvir as vogais nasais em contexto nasal como vogais não nasais. Beddor sustenta que, embora a nasalização vocálica de vogais em contextos nasais não tenha sido apropriadamente reconhecida, tais vogais

também não foram reconhecidas consistentemente como vogais orais. Isso indica que os ouvintes ficam em dúvida quanto à nasalização vocálica em contextos nasais. Além disso, a nasalização vocálica nesses estudos foi melhor identificada em isolamento do que em contextos orais, o que sugere que a diferença entre contextos “apropriadamente nasal” e “inapropriadamente não nasal” não é suficiente para descrever como o contexto influencia a percepção da nasalização vocálica.

3.2 Sobre o traço [nasal] e sua pertinência

A seguir, analisaremos brevemente a representação da nasalidade nas abordagens fonológicas gerativas. Chomsky e Halle (1968) propõem que as consoantes e vogais nasais tenham o traço [+nasal], ao passo que as consoantes e vogais orais tenham o traço [-nasal].

A definição do traço é a seguinte: os sons nasais são produzidos com um abaixamento do velo, que permite a saída de ar pela cavidade nasal, enquanto nos sons não nasais, o ar apenas pode escapar pela boca (Mateus et alii, 1990 : 237).

Este traço é dos menos controvertidos no sistema proposto pelo *Sound Pattern of English* (SPE) e continua praticamente sem modificações nas propostas mais recentes sobre os traços.

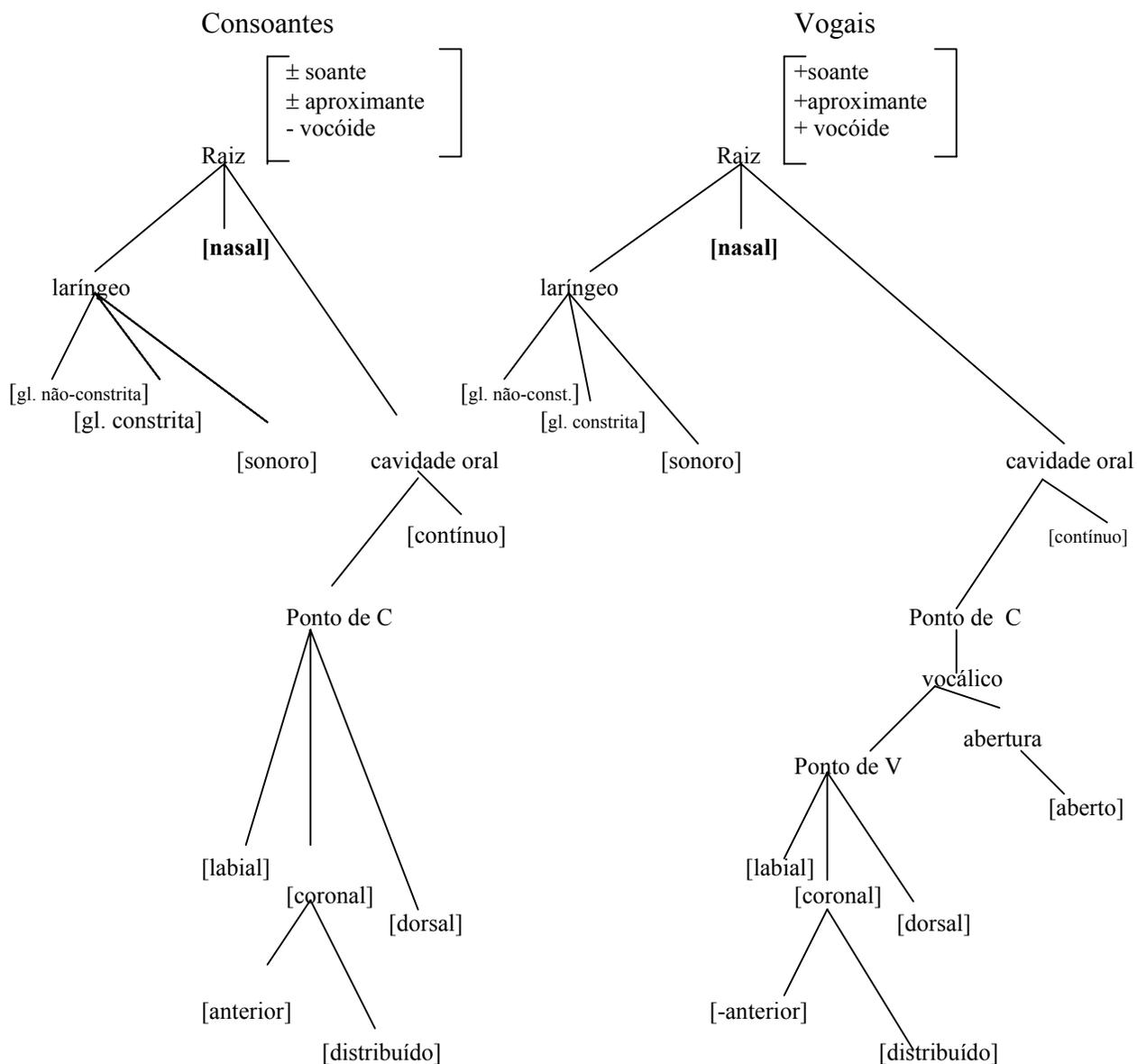
A discussão fonológica em torno da representação da nasalidade centrou-se mais em dois aspectos. O primeiro, que apresentaremos a seguir, refere-se à localização do traço na Geometria e o segundo refere-se à questão se o traço seria binário ou monovalente (ver 3.2.2).

3.2.1 A localização do traço [nasal] na representação pela geometria de traços

Nesta seção, analisamos a representação da nasalidade como um traço, [nasal], e sua localização na Geometria de Traços, proposta por Sagey e reelaborada em Clements e Hume (1995) e discutida em Trigo (1993).

Segundo a Geometria de Traços, os segmentos são representados em nós organizados hierarquicamente, dos quais os nós terminais representam os traços e os nós intermediários representam os constituintes: conjuntos de traços que funcionam juntos como uma unidade em regras fonológicas.

Vejamos, abaixo, a representação de um segmento segundo o modelo da Geometria de Traços, proposta por Clementes e Hume (1995) (conforme Hernandorena, 1999 : 49):



Assim, o nó de raiz é o próprio segmento e os nós de classe são os agrupamentos de traços, que incluem o nó laríngeo, o nó de Cavidade Oral, o nó de Ponto de Consoante, o nó de Ponto de Vogal. Uma regra fonológica só pode afetar traços que formem um constituinte; ou seja, traços que estão em nós diferentes não podem ser afetados por uma única regra fonológica.

Na proposta de Clements e Hume (1995 : 292), [nasal] chama a atenção porque, diferentemente de outros traços, está posicionado sozinho, abaixo do nó de raiz, ligado diretamente a este. O fato de esse traço não estar posicionado mais abaixo na árvore juntamente com outros traços de modo, formando um nó, explica-se pelo fato de esse traço não ser desligado do segmento em vários processos fonológicos. O segmento pode, por exemplo, assimilar o Ponto de articulação da consoante seguinte, perdendo seu ponto de articulação, mas não deixa de ser [nasal], como o que ocorre em Chukchi, em que a consoante subjacente // assimila o ponto de articulação da consoante seguinte, incluindo fricativas, líquidas e glides, sem perder a nasalidade:

- (1) tam-pera-k (2) tam-vairgin (3) ten-leut (4) ten-y↔q↔t↔k

Fonte: Clements e Hume (1995 : 270)

Além disso, enquanto alguns traços espraiam ou são apagados em conjunto com outros traços pertencentes ao mesmo nó, o traço [nasal] pode espraizar de forma independente. Sagey o posiciona sozinho em um nó denominado “palato mole” ligado diretamente ao nó de raiz (apud Clements e Hume, 1995 : 269). Entretanto, criar um nó que contenha apenas um traço é questionável, já que, em processos fonológicos, fica impossível explicar o que apagou ou espraizou – o traço ou o nó.

Clements e Hume (1995) argumentam que posicioná-lo junto dos traços maiores do Nó de raiz - [soante], [aproximante] e [vocóide] - seria impossível porque esses traços são inerentes ao segmento e por isso não espraiam a outros segmentos - [nasal], por sua vez, espraia. O traço [nasal] também não poderia estar no Nó Laríngeo por referir-se a uma propriedade que se produz acima da laringe. Além disso, esse nó pode espraizar-se ou desligar-se como um todo, carregando consigo todos os seus traços. O traço [nasal] tampouco poderia estar ligado ao ponto de C ou ao ponto de V por não se tratar de um traço que dependa da qualidade mais ou menos vocálica do segmento.

Steriade (1993) acredita que [nasal] seja um traço monovalente. Argumenta que segmentos considerados de contorno nasal, que parecem contradizer a tese de um só valor para [nasal], não têm um valor [-nasal] além do valor [+nasal]. Baseado na idéia de segmentos de contorno, Anderson (apud Steriade, 1993) tinha analisado sons pré-nasais, como /ⁿd/, como contendo uma seqüência de especificações distintas para [nasal]. Entretanto, Steriade acredita que a ocorrência distintiva de contornos nasais esteja ligada à presença de um fechamento e de uma soltura e não de especificações distintas [+] e [-] nasal.

Há um dado da língua Kaingang (Steriade, 1993 : 447) que Anderson e outros autores analisaram como espraçamento fonológico de [-nasal], mas que se trata, segundo a autora, de um atraso fonético no início da nasalização da consoante, motivado pelo fato de a vogal precedente ser distintivamente oral. É o caso das oclusivas sonoras localizadas entre vogais orais - elas surgem, na superfície, não como pré-nasais (V^mbV), mas como médio-nasais (VbmbV). Enquanto Anderson acredita que há um espraçamento de [-nasal] das vogais às consoantes, para a autora, as médio-nasais explicam-se foneticamente, pelo atraso no abaixamento do véu palatino. O fato de que nenhuma língua contrasta lexicalmente pré-nasais, nasais e medio-nasais apóia essa afirmação.

Nesse estudo, Steriade apresenta exemplos de segmentos de contorno em diferentes línguas – Auca, Zoque, Zande etc – e mostra que os segmentos não-marcados são as obstruintes enquanto que os marcados são os contínuos. A autora mostra que os segmentos oclusivos tendem a ser parcialmente nasais, enquanto que segmentos contínuos são completamente nasais ou completamente orais. Como exemplo disso, Steriade (1993 : 411) cita a língua Zande em que há oclusivas parcialmente nasalizadas, /mb/ e /nd/ e segmentos contínuos completamente nasais - /w)/, /r)/, /nz/ →/z)/, /nv// →/v)/. Na língua Zoque (1993 : 436), fricativas e líquidas não podem ser nasalizadas. A diferença entre segmentos oclusivos e contínuos nesta língua é a forma como são afetados pela nasalização: sons oclusivos são parcialmente nasalizados, tornando-se pré-nasais, enquanto que contínuos são completamente nasalizados (glides) ou permanecem completamente orais (fricativas e líquidas).

Segundo Steriade (1993), a diferença entre segmentos obstruintes (oclusivas e africadas) e segmentos contínuos (vogais, aproximantes e fricativas) é que os primeiros são fonologicamente representados como uma seqüência de duas posições: fechamento (A_0) e soltura (A_{\max} ou A_f)³, enquanto que os segundos são representados apenas pela soltura (A_{\max}).

Assim, o fator que controla a possibilidade de contornos intrasegmentais é o número de posições A de um segmento. Contornos podem ocorrer em obstruintes com soltura, porque são segmentos que contêm duas posições A distintas. Um segmento de contorno nasal é uma oclusiva em que apenas uma das duas posições A está ligada a [nasal].

Segmentos contínuos estão associados apenas a uma posição A (de soltura), sendo analisados como segmentos únicos e, como tais, não contêm pares de valores de traços (ex.[+nasal] [-nasal]).

Além das propostas de que o traço nasal seja monovalente, há também na literatura, autores que defendem que nasal deva ser um traço com mais de dois valores. Sampson (1999) chama a atenção para o fato de que o traço binário [\pm nasal] pode não ser suficiente para descrever a nasalidade das vogais, por exemplo, nas línguas românicas. O autor mostra que o processo pelo qual as vogais nasais foram criadas não foi uniforme nas línguas românicas. Enquanto o português e o francês apresentam fonemas vocálicos nasais, outras línguas apresentam altos níveis de nasalidade alofônica e línguas como o espanhol parecem ter tido uma nasalização vocálica mínima. A representação da nasalidade de um segmento pelo traço [\pm nasal] apresenta problemas, pois um segmento tem de ser interpretado categoricamente como sendo [+nasal] ou [-nasal]; entretanto, no nível fonético, as vogais apresentam diferentes graus de nasalidade e, para que esses graus sejam expressos corretamente, é necessária uma descrição fonética com valores variáveis. Dessa forma, [nasal] operaria como traço binário no nível fonológico e no nível fonético teria valores variáveis. Por exemplo, uma vogal poderia ser fonologicamente [-nasal] e foneticamente [nasal 3], no qual “3” indicaria certo nível de nasalização dentro de uma escala de nasalidade.

³ * A_{\max} corresponde a abertura aproximante e A_f a abertura fricativa.

Como vemos, a questão da natureza do traço nasal binário, monovalente ou n-ário é ainda objeto de estudo e discussão na literatura. Vamos adotar aqui a posição neutra de que [nasal] é um traço independente, que está associado ao segmento e pode espriar. Quanto aos valores, vamos adotar a posição de que é o valor [+nasal] que espriar e que foneticamente pode haver diferentes valores para esse traço, como defende Sampson (1999).

3.3 A representação da nasalidade nas vogais

A presença da nasalidade nas vogais pode ter diferentes interpretações segundo Sampson (1999 : 14-19): nasalidade genérica, fonética universal, alofônica, fonêmica ou fonológica.

A nasalidade genérica é a presença de níveis significativos de nasalidade vocálica devido à pronúncia incomum dos falantes de certas variedades lingüísticas, como é observado em algumas formas do inglês *cockney*, em que se percebe uma nasalidade acompanhando todas ou quase todas as vogais orais, seguidas ou não de consoantes nasais (ex. *he* [↔i]), *bought* [bo/]).

Entretanto, o mais comum é que a nasalidade ocorra quando a vogal está adjacente a consoantes nasais, como é o caso da nasalidade fonética universal, em que ocorre uma co-articulação: pelo menos parte da vogal adjacente à consoante nasal é acompanhada por certo grau de nasalidade. A tendência pela co-articulação também suscita a nasalidade alofônica, que caracteriza as vogais nas quais a presença de maiores níveis de nasalidade é tida como fonológica, ou seja, os falantes sentem essa nasalidade como necessária na realização dessas vogais.

Há ainda casos em que a nasalidade da vogal não pode ser atribuída ao seu ambiente fonético ou gramatical imediato. É o caso de vogais nasais que ocorrem em contextos idênticos aos das vogais orais, como ocorre em francês: *pente* : *patê* e *feinte* : *fête*. Aqui, as respectivas vogais nasais e orais [ã] : [a] e [E] : [E] ocorrem nos mesmos contextos, sendo, por isso, consideradas vogais com nasalidade fonêmica ou distintiva.

Uma interpretação mais abstrata desse último caso, a da *nasalidade fonológica*, seria considerar que a vogal nasal é sempre resultante de uma seqüência de vogal oral +

consoante nasal. Assim, vogais nasais na superfície resultariam de regras que associam a nasalidade do segundo elemento de tais seqüências com o segmento vocálico precedente, semelhantes a regras que criam a nasalidade alofônica, mas que têm um status derivacional mais abstrato.

Nesta dissertação, vamos adotar essa distinção terminológica de Sampson. Entretanto, não usaremos o termo nasalidade fonêmica ou distintiva para o português, porque adotamos o pressuposto de que a nasalidade nessa língua seja derivada, como explicitaremos no próximo capítulo.

Embora o objetivo central desta pesquisa seja a questão da percepção da nasalização por parte de estudantes brasileiros de LEsp como língua estrangeira, decidimos incluir as questões deste capítulo por acreditarmos que o pesquisador da área da Aquisição Fonológica da Linguagem em L2 deva conhecer os aspectos teóricos sobre a fonologia da L1 e da L2 de seu estudo.

As informações contidas neste capítulo quanto às características fonéticas da nasalidade servem de fundamentação para a apresentação das características da nasalidade no português e no espanhol, feita no próximo capítulo, e para as discussões dos resultados dos nossos testes de percepção. Embora o objetivo central desta pesquisa seja a questão da percepção por parte de estudantes brasileiros de LEsp como língua estrangeira, incluímos aqui também uma breve retrospectiva sobre a temática da representação da nasalidade, do ponto de vista fonológico.

O motivo desse aprofundamento é que entendemos, conforme Archibald (1998 : 285), que é importante olhar mais de perto a natureza das representações do conhecimento fonológico na L1 e na L2 dentro de determinado quadro teórico, como é o quadro da fonologia gerativa. Conforme o autor, embora essa seja apenas uma parte do quebra-cabeça que é a aquisição de L2, o conhecimento dos modelos teóricos da fonologia permite avançar a nossa compreensão da natureza da fonologia da interlíngua, porque ele nos revela a real complexidade dos sistemas sonoros da L1 e da L2. Assim, o presente capítulo apresentou também a discussão na fonologia teórica sobre a representação da nasalidade.

4 – A NASALIDADE NO ESPANHOL E NO PORTUGUÊS

Este capítulo divide-se em três seções: a nasalidade nas línguas românicas, a nasalidade no espanhol e a nasalidade no PB (Português Brasileiro). Na primeira, faremos uma apresentação abrangente da nasalização nas línguas românicas. Na segunda, tratamos da nasalização no espanhol. Na terceira mostramos as principais interpretações da nasalidade vocálica no PB: a monofonêmica e a bifonêmica e, além disso, tratamos dos aspectos fonéticos da nasalidade vocálica em português e da questão da percepção das vogais nasais e nasalizadas em PB.

4.1 A nasalidade nas línguas românicas

O objetivo desta seção é mostrar os principais contextos em que houve nasalização vocálica nas línguas românicas em geral e os processos que parecem ter gerado nasalização vocálica no latim vulgar. Esses processos são discutidos novamente nas seções 4.2 e 4.3, onde mostramos quais deles se mantiveram no português e no espanhol e que consequência trouxeram para essas línguas. As informações contidas nesta seção e nas seguintes são retiradas principalmente de Sampson (1999).

Para apresentar um histórico da evolução da nasalidade vocálica nas línguas românicas e dos processos de nasalização no latim, é importante conhecer os contextos que contemplam os principais ambientes em que houve nasalização vocálica nas línguas românicas em geral (Sampson, 1999):

QUADRO 2 – Contextos em que houve nasalização vocálica nas línguas românicas em geral

contexto 1 - /VNC/, a vogal precede uma consoante nasal tautossilábica seguida de outra consoante (ex. **te(m)pus** “tempo”)

contexto 2 - /VN#/, a vogal precede uma consoante nasal tautossilábica em final de palavra (há inúmeros casos terminados em –M como **di#cam** “darei” e alguns terminados em –N como **no#men** “nome”). Apesar de ter havido vários exemplos deste tipo de contexto no Latim Clássico, poucos permaneceram no período Pós-Clássico, devido à ocorrência do apagamento da nasal final.

contexto 3 - /VNV/, a vogal precede uma consoante nasal intervocálica e heterossilábica (ex. **lu#na** “lua”).

Esses contextos mostram que o processo de nasalização vocálica tem sido significativamente afetado pela posição da consoante nasal na sílaba. O fato de a nasal ser tauto ou heterossilábica mostra a importância da sílaba como unidade estrutural nos modelos fonológicos diacrônicos e sincrônicos nas línguas românicas.

Alguns processos encontrados na passagem do latim às línguas românicas parecem ser indicativos de significativa nasalização vocálica ainda no período do latim vulgar: *o levantamento das vogais médias, a neutralização da consoante nasal em coda silábica e o apagamento da consoante nasal em coda silábica* (Sampson, 1999 : 43).

Apesar de não estar muito clara a abrangência do *levantamento das vogais médias* no Império Romano durante século XIII, as vogais médias /e,o/ eram muitas vezes produzidas como altas [i,u] em contexto /VNC/ conforme o exemplo (1).

(7) **u#nguis** “unha”

Em exemplos como esse, a vogal precedia a consoante nasal não final. Tal levantamento das vogais médias, que é raro em contextos não-nasais, pode ser atribuído à nasalidade do contexto, que, por sua vez, sugere um aumento na nasalidade da vogal em questão. Acredita-se que esse levantamento tenha ocorrido, primeiramente, antes da

consoante nasal [N], afetando, posteriormente, as vogais que precediam [m] e, por último, as que precediam [n]. A evidência disso está no número de exceções à regra de levantamento vocálico. Somente duas palavras não sofreram levantamento antes de [N] na língua padrão:

(8) **loŋgus** “longo”

(9) **toŋgere** “saber”

Além disso, várias palavras não foram afetadas pela regra quando [m] era a consoante de levantamento, como por exemplo:

(10) **meŋbrum** “membro”

(11) **teŋpus** “tempo”

O levantamento antes de [n] começou provavelmente apenas antes do período literário, mas nunca se estabeleceu na variedade do Latim que deu origem à língua padrão:

(12) **ceŋtum** “cem”

(13) **peŋdo** “eu penduro”

(14) **poŋdus** “peso”

Poucos foram os exemplos de levantamento vocálico na Espanha e nos dialetos do sul e do centro da Itália e nenhum no Castelhana, mas algumas regiões do norte da Itália mostraram altos níveis de nasalidade, o que sugere que a nasalidade nas vogais médias em contexto /VNC./ pode ter variado muito de acordo com a região e o período.

Outro processo foi o da *neutralização da consoante nasal em posição de coda silábica*, em que /n/ seguido de soante oral passava por assimilação total, ao passo que /m/ resultava seguido de consoante bilabial oral epentética:

(15) -NL-> -LL- ***coron-la** > **coro#lla** “coroa”

(16) -MR-> -MBR- ***umra** > **u(mbra)** “sombra”

Quando /n/ era seguido de oclusiva, tornava-se homorgânico, enquanto que /m/ tornava-se homorgânico ou desenvolvia um elemento epentético:

(17) -NP-> -MP- ***in-piger** > **i(mpiger)** “energético”

(18) -MC-> -NC- ***prim-ceps** > **pr i#nceps** “chefe”

(19) -MT-> -MPT- ***em-tom** > **e(mptum)** “comprou”

Mais tarde, no Período Clássico, a neutralização também passou a funcionar em consoantes em posição de coda seguidas de outra consoante nasal:

(20) a(mni “rio” versus (21) a(nni “anos” versus (22) a(gni “cordeiros”).

A consoante nasal pré-nasal surgiu, na verdade, de oclusivas no período pré-literário: (23) *sop-nos > somnus “sonho” (24) *at-nos > annus “ano”.

Esse elemento tem um status fonológico reduzido, sugerindo um enfraquecimento fonético dessas consoantes nasais e uma nasalização da vogal precedente.

O terceiro processo é o *apagamento da consoante nasal em coda silábica*. Consoantes nasais antes de fricativa ou em posição final de palavra, experimentavam um grande enfraquecimento, culminando no seu apagamento e no alongamento compensatório da vogal:

(25) lu(pons > lupo#s “lobos”).

A nasal em contexto medial – NS também passou pelo mesmo processo no período pré-clássico e, mais tarde, ao se tentar restabelecer a grafia N, muitos casos mantiveram sua omissão:

(26) mensa > esp., port. “mesa”, fr. “moise”.

A preservação da nasal foi observada mais em palavras contendo os prefixos IN- e COM- e em palavras como (27) a(mans “amando” e (28) fro#ns “folhagem”).

Segundo Sampson (1999), apesar de que vários estudiosos concordam que após o apagamento da N em posição de coda surgiram diversas vogais nasais longas em latim, poucos acreditam que elas sejam fonêmicas, isto é, que geram contraste de superfície com as vogais orais. Entretanto, como mostra o autor, a evidência para contrastes de superfície entre vogais nasais e orais é forte e sugere que em certos períodos e estilos de fala deve ter havido fonemas vocálicos nasais no latim vulgar.

4.2 A nasalidade no espanhol

Nesta seção trataremos da questão da nasalidade na língua espanhola diacronicamente e, posteriormente, faremos um contraste entre a nasalidade no espanhol e no português brasileiro.

Diferentemente do que ocorreu na França e na Itália, em muitas das atuais variedades lingüísticas do Ibero-romance, como o espanhol de Castilha e o catalão, as vogais praticamente não foram afetadas pela influência da nasalidade. Por outro lado, o efeito da nasalidade foi intensamente sentido em Portugal e também no Galego, embora menos persistentemente.

A explicação histórica desse fato é a invasão islâmica dos árabes e mouros no ano de 711. No final dessa década todo o sul e centro tinham sido conquistados, ficando três quartos da península ibérica sob o controle islâmico. Os dialetos moçárabes continuaram a existir nos séculos seguintes, embora cada vez mais influenciados pelo árabe. Enquanto isso, no norte da Espanha, que permaneceu sob o controle cristão, depois de 711, fatores geográficos e políticos fortaleceram a variação dialetal existente, num eixo oeste-leste. Durante os séculos IX e X começou a emergir um modelo lingüístico complexo. A partir do século XI, e com maior intensidade no séc. XIII, o norte cristão da Espanha iniciou um processo de reconquista da Espanha islâmica. A Reconquista foi o trabalho de três forças políticas – Portugal, Castilha e Aragão-Catalunha – e teve como resultado trazer os modelos lingüísticos do norte para o sul, de modo a extinguir as variedades moçárabes ainda em uso. Isso gerou uma situação lingüística com pouca variação dialetal, pelo menos no eixo norte-sul, já que apenas algumas das variedades de uma parte do norte da península foram projetadas posteriormente à península como um todo.

No catalão, níveis significativos de nasalização vocálica são atualmente restritos a contextos especiais e, historicamente, a nasalização vocálica parece ter tido uma limitada importância, exceto em formas do contexto 2⁴. A baixa incidência de nasalização vocálica

⁴ Isto é /VN#/ - ver exemplificação dos contextos no início do Capítulo 3.

Outro motivo para a baixa incidência de nasalização seria o fato de haver, foneticamente, muita proximidade entre o espanhol de Castilha e o Basco, que é anterior à chegada do latim e não pode ser incluído no tronco indo-europeu. Coincidem, por exemplo, características básicas, como o vocalismo claro de cinco vogais.

pode ser constatada na evolução de vogais em contextos de nasalização e em contextos orais. Enquanto outras variedades românicas apresentaram uma neutralização de contrastes entre as vogais médias /e/ : /E/ e /o/ : /□/ em contextos de nasalização, tal fenômeno está ausente no Catalão:

(29) **pre#ndere** > pendre [ˈpɛndrɛ] “pegar” vs. (30) **ince#ndere** > encendre [ɛnˈsɛndrɛ]
 “acender”

(31) **rotu#nda** > rodona [ruˈðonɔ] “arredondada” vs. (32) **respo#ndere** > respondre [rɛsˈpɔndrɛ]
 “mosca”

Essa mudança vista nas formas que contêm vogais médias reflete o padrão regular encontrado no Catalão tanto em contextos orais como em contextos de nasalização.

Na área central da península, a nasalidade também exerceu influência bem limitada na evolução vocálica. Na variedade padrão atual do espanhol, baseada especialmente no uso educado do espanhol de Madrid, não há vogais nasais, mas em certos contextos as vogais podem mostrar altos níveis de nasalização condicionada:

- a) quando a vogal está precedida e seguida de consoante nasal, como em *mano* [ˈmãno] “mão” e *nunca* [ˈnuNka] “nunca”
- b) ou quando a vogal está no início de palavra, precedida de pausa e seguida de consoante nasal em coda, como em *enfermo* [ˈɛmfɛPmo] “doente” e *ánfora* [ˈãmfoPa].

Apesar da enorme expansão territorial de Castilha no final da Idade Média, o grau de variação dialetal permaneceu bem limitado. A nasalidade vocálica ocorreu mais intensamente nas variedades que se estabeleceram no sul da Península, na Andaluzia, como resultado da expansão de Castilha ao sul, na Reconquista. Aqui surgiu um alto nível de nasalidade vocálica alofônica, que levou, até ocasionalmente, a vogais nasais incondicionais.

Uma característica da nasalização é a neutralização de vogais médias em contextos de nasalização e isso não ocorreu no Castelhanao:

(33) **ve#ndit** > vende [ˈbɛndɛ] “vende” vs. (34) **te#nda** > tienda [ˈtjɛnda] “loja”

(35) **coro#na** > corona [coˈPona] “coroa” vs. (36) **bo#na** > buena [ˈbwɛna] “boa”

(37) **rotu#ndum** > redondo [ˈrɛðondo] “redondo” vs. (38) **po#ntem** > puente [ˈpwɛntɛ] “ponte”

Ainda que em contexto pré-nasal, em palavras em que havia as vogais médias baixas [E □] nas formas originais estas passaram por ditongação regular, com algumas poucas exceções:

(39) **mo(ntem** > monte “montanha” (40) **ho(minem** > hombre “homem”.

O levantamento ocorre apenas em dois contextos. O primeiro é antes de um *cluster* [N] + velar + consoante: (41) **pu#nctum**. Em formas em que não há uma consoante após a seqüência [N] + velar, o levantamento não ocorre: *tronco*, *hongo*, *vence* < (42) **tru(ncum**, (43) **fu(ngum**, (44) **vi(ncit**. O segundo contexto é antes da seqüência –NJ- como em *tiña* e *cuña*. Há vários resultados com **-o#nium/a** o que sugere certa flutuação da regra: (45) **terr-o#nium** > terruño “terra”, mas (46) **cico#nia** > cigüeña “cegonha”.

Antes da seqüência –GN -, entretanto, o levantamento não é regular (47) **li(gnum** > leño. Isso mostra que –NJ- pode ter causado o levantamento vocálico em algum estágio anterior à sua fusão com a seqüência –GN- como [ʎ].

Nos itens em que houve levantamento vocálico, isso se deve ao efeito da nasalidade intensificada. Entretanto, não houve um enfraquecimento da nasal em coda associado a isso.

A coda nasal nos contextos 1 e 3 não sofreu mudança significativa. No contexto 2, em Castelhana, a nasal coronal [n] era a única permitida em coda (48) **pa#nem** > pan. Mesmo atualmente, em empréstimos e neologismos contendo [m] final, a consoante é realizada como [n], como em (49) *álbum* [ˈalBun], por exemplo. O [n] final não mostrou nenhum sinal visível de enfraquecimento e de desenvolvimento de nasalização vocálica.

Mais recentemente, tem havido uma tendência significativa de enfraquecimento da nasal em posição de coda em certas partes da área de fala castelhana, especialmente em Andalusia e Extremadura, no sul e sudoeste, e também no noroeste, área exposta à influência do Galego-Português. Nessas áreas o grau de enfraquecimento da nasal final é variável, assim como o grau de nasalidade da vogal precedente. Em dialetos contemporâneos de Andalusia são encontradas várias realizações para a seqüência V + /N/: [v)n] [v)N] [v)^N] [v)] (e até mesmo a desnasalização [v]).

Sampson (1999 : 170) cita Lorenz-Gonzalez ao falar da consoante [n] em final de palavra no espanhol andaluz: “por lo que se refiere a /N/, su realización es bastante constante, aunque sean conocidos los procesos de posteriorización [N] y ulterior pérdida (incluso acompañada de la desaparición de la nasalización vocálica previamente condicionada, sobre todo en el verbo)”.

Em alguns dialetos há também variação entre itens lingüísticos individuais. No dialeto de Almogia (Málaga) aparecem itens lexicais como [kaBeŋo#N] e [kataBe'ŋo#N] e [kata'Bõ] com [v)N] e [v#]. Também é comum a desnasalização nas formas de 3^a pp *harán* [há'Pa], resultando num sincretismo entre 3^a pp e 3^a ps.

Os materiais mais recentes da ALEA – Atlas Lingüístico e Etnográfico de Andaluzia - apontam para a perda de [n] e sua substituição para [N] frequentemente bem fraco, enquanto que vogais nasais incondicionais são esporádicas, sendo foneticamente de duração normal.

As origens do enfraquecimento de [n] em formas de contexto 2 são incertas. Em Andaluzia, pode representar um movimento de desbloqueio silábico ou o fato de ter se baseado nos modelos de fala trazidos pelos imigrantes da região asturo-leonesa no noroeste durante a Reconquista, zona que está perto do berço da área Galego-Portuguesa, onde a nasalização vocálica se desenvolveu mais tarde.

Também em algumas variedades da Andaluzia surgiram vogais nasais incondicionais como resultado de nasalização espontânea devido à tendência de realizar o “j”, que seria [x] no Castelhana padrão, como fricativa glotal [h], que, especialmente entre vogais, nasaliza as vogais adjacentes em estilos de fala relaxada:

(50) [la'Bi)hã] **clavija** “gancho”, (51) [serõhõ] **cerrojo** “trinco”

Similarmente, encontram-se exemplos na fala de Cadiz (52) [me'hõ] para *mejor* “melhor” e a aspiração de [s] inicialmente, (53) [‘ahì] para *así* “assim”.

O que se pode observar, então, é que em geral o espanhol apresentou uma tendência a preservar a consoante nasal em final de palavra e também aquela que precede a consoante oral no interior da palavra, não nasalizando a vogal. Entretanto, há dialetos que nasalizam mais ou menos significativamente a vogal e que podem apresentar apagamento da vogal,

como ocorre no espanhol da Andaluzia e também no espanhol do caribe. Este não é o caso, entretanto, dos dialetos espanhóis falados no sul, especialmente na Argentina e no Uruguai.

Conclui-se que em espanhol, a nasalidade não é uma característica distintiva; entretanto, pode ser uma característica fonética.

Quilis (1988) observa que, de acordo com a ação do véu palatino, as vogais podem apresentar dez alofones – cinco vogais orais (a], [e], [i], [o], [u]) cinco vogais nasais ([ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ]). Os alofones nasais ocorrem quando as vogais se encontram entre duas consoantes nasais:

(54) [ˈmãno] *mano* (55) [mãˈñãna] *mañana*,

depois de pausa e antes de consoante nasal

(56) [ãmãmãnˈtãr] *amamantar*, (57) [ĩsãθjˈãβle], *insaciable*.

D’Introno et al. (1995 : 142) também afirma que pode haver nasalização nas vogais do espanhol, embora seja um fenômeno pouco constante e imperceptível para um falante nativo:

“en cuanto a nasalización, se puede decir que una vocal seguida de una nasal está parcialmente nasalizada. Pero en portugués las vocales pueden ser fonológicamente orales o nasales así que una palabra como l[A] - “la” nota musical -, se opondrá a una palabra como l[A] “lana”. En español no existe un par mínimo que se oponga por la nasalización de la vocal, de manera que la nasalización no es distintiva, es simplemente un rasgo fonético determinado por el contexto fonético.”

Essa nasalização das vogais do espanhol tem de ser entendida na classificação de Sampson (ver seção 3.3) como nasalidade fonética universal e não como nasalidade alofônica.

Na comparação feita entre palavras do PB com vogais nasais (vogais seguidas de consoante nasal tautossilábica) e suas cognatas em espanhol, Wetzels (1997 : 206) mostra que de fato existem diferenças entre as duas línguas em termos de nasalização. No espanhol, a nasalidade recai principalmente sobre a consoante nasal, que assimila o ponto de articulação da consoante seguinte em posição de coda. No PB, a nasalidade recai

principalmente sobre a vogal que precede a consoante nasal. O autor apresenta os seguintes contrastes:

		Português			Espanhol	
(58)	<i>Indo</i>	[i].]do	[i ⁿ]do	[i ⁿ]do	<i>Indo</i>	[in]do
(59)	<i>nunca</i>	n[u].]ca	n[u ^N]ca	n[u ^N]ca		<i>nunca</i>
(60)	<i>tempo</i>	t[e].]po	t[e ^m]po	t[e ^ʎ]pó	<i>tiempo</i>	ti[em]po
(61)	<i>ganso</i>	g[a].]so	g[a ^N]so		<i>ganso</i>	g[an]so
(62)	<i>onça</i>	[o].]ça	[o ^N]ça		<i>onza</i>	[on]za

Consoantes nasais em posição de final de palavra também apresentam um comportamento diferente nas duas línguas. Ao contrário do que ocorre em espanhol, em posição de final de palavra não se encontram em PB consoantes nasais completamente desenvolvidas fonemicamente. As únicas consoantes nasais encontradas nesse contexto em PB são [ʎ] ou [N] – [fiʎ] “fim”, [bo^u]N].

Articulatoriamente, a diferença de fluxo de ar nasal entre vogais seguidas de consoantes nasal e vogais seguidas de outro tipo de consoante em espanhol foi pesquisada por Fails (apud Wetzels, 1997). Em seus estudos, não foram encontradas diferenças de fluxo de ar nasal durante a produção das vogais em palavras como *casa* e *cama*, embora haja uma leve nasalização nas vogais tônicas seguidas de consoante nasal tautossilábica (*canta*, *cansa*, *manto*). Neste último caso, o PB apresenta um fluxo de ar nasal extremamente superior se, comparado aos seus correlatos espanhóis: de 40% a 65% (Wetzels, 1997 : 206).

O sistema fonológico vocálico de cinco unidades se mantém inalterado em espanhol, na maioria dos países da América, como a Argentina e o Uruguai. Entretanto, percebe-se uma forte nasalização vocálica no Caribe, ocorrendo, inclusive a perda da consoante nasal final (Ramírez, 1998) e o mesmo ocorre no andaluz, na Espanha (Sampson, 1999).

4.3 A nasalidade no português brasileiro

Nesta seção faremos uma descrição diacrônica da questão da nasalidade na língua portuguesa, baseados nos estudos de Sampson (1999) e, posteriormente, uma breve descrição sincrônica, baseada nas interpretações monofonêmicas e bifonêmicas encontradas na literatura.

No século XI a Galícia foi dividida em duas partes pelo rei Alfonso VI de Castilha. A parte ao sul do Minho, dada a Henrique de Burgundy pelo rei como dote pela filha, acabou formando o Condado de Portugal. Em 1112, Henrique morreu e seu filho, Afonso Henriques, assegurou a posse do condado de Portugal para si. A vitória de Afonso Henriques sobre os muçulmanos em 1139 e a posterior expansão militar e política, levou Afonso VII de Castilha a reconhecer o condado como Reino Independente de Portugal em 1143. Portugal estava agora bem separado do resto da Galícia ao norte. O processo de Reconquista foi completado durante o século XIII e, enquanto isso, a Galícia permanecia como parte do Reino de Leão - que tinha reconquistado temporariamente sua independência de Castilha. Quando Leão foi definitivamente incorporado ao Reino de Castilha, na primeira metade do século XIII, a orientação política de Galícia se tornou cada vez mais direcionada ao leste e separada de Portugal.

As conseqüências lingüísticas dessas trajetórias políticas diferentes foram consideráveis. Para Portugal, a expansão ao sul tornou a zona central entre Coimbra e Lisboa bem proeminente. Desenvolveu-se, aqui, uma variedade lingüística de rápida evolução, devido aos colonizadores do norte e aos moçárabes. Enquanto isso, as variedades do norte, na Galícia, e menor extensão, no Minho e Trás-os-Montes, evoluíram mais lentamente e, a partir do século XIV, começaram a se distanciar das variedades mais inovadoras do centro e do sul.

A crescente diferença entre as variedades do norte do Galego-Português e aquelas do centro-sul a partir dos séculos XII e XIII é refletida nos seus diferentes tratamentos de nasalidade vocálica.

Na variedade padrão do Português, baseada no uso de falantes educados da área central entre Lisboa e Coimbra, surgiram cinco monotongos nasais incondicionais [ĩ ẽ Ã õ ũ] e quatro ditongos nasais [ẽw̃ ãj̃ õj̃ ũj̃].

Os três contextos de nasalidade do Romance estão representados no galego-português medieval. Formas do contexto 1 e 3 foram herdadas em grande número do latim:

(63) contexto 1 - **ve**ntum **qu**ando (64) contexto 3 - **lu**na **gra**num

Formas do contexto 2 também foram bem representadas. O galego-português passou por vários desenvolvimentos que afetaram todos os tipos de Ibero-Romance. A apócope começou a operar bem tarde no oeste da península, a julgar pela sua limitada incidência. Na verdade, só o [e] final é afetado pela apócope e normalmente quando precedido por uma consoante coronal simples:

(65), (66), (67) *movil, aduzer, barõ* < **mo**bile **addu**cere **baro**nem

Apesar de sua restrita ação, a apócope levou a um número substancial de palavras que desenvolveram uma nasal coronal em final de palavra:

(68) (69) *fin, bem* < **fi**nem **be**ne (Português moderno *fin, bem*).

Não se sabe ao certo em que estágio o Galego-Português desenvolveu altos níveis de nasalidade, mas há indícios de que tenham operado em determinadas vogais já no período pré-literário, formando a base para a evolução subsequente da vogal nasal em todas as variedades do português. Um dos indícios é a neutralização dos contrastes entre vogais médias em contextos de nasalização 1 e 2, que tem como resultado a articulação da vogal como médio-alta:

(70) **te**ndit > [ˈtɛnde] > [ˈteṽde] assim como (71) [ˈveṽde] < **ve**ndit (Port. Moderno
“vende”)

(72) **po**ntem > [ˈpɔnte] > [ˈpoṽte] assim como (73) [ˈoṽde] < **u**nde (Port. Moderno
“ponte”,

“onde”)

Na Galícia, houve o mesmo movimento de neutralização, mas, devido a desenvolvimentos especiais, as vogais médio-baixas /ɛ ɔ/ foram restabelecidas e o contraste de vogais médias em contextos de nasalização também. Também é interessante destino das vogais **i** e **u** em certos contextos contendo a consoante nasal, pois essas

vogais normalmente surgiriam como médio-altas /e, o/ e, no entanto, são encontradas vogais altas, provavelmente atribuídas à presença da nasalização. Nestes casos, o **ĩ** e **ũ** podem ter sido bloqueados pelo abaixamento ou pode ter sido o efeito de levantamento, que operou após as vogais tônicas terem passado a vogais médio-altas [e, o] – assim como ocorreu no Catalão e no Castelhana. O levantamento ocorre tipicamente num ambiente / _ [ŋ] + k, g + consoante/, ou seja, onde a vogal precede a velar [ŋ] mais uma seqüência de consoantes:

(74) **vĩnculum** > brinco (75) **lĩngua** > língua (76) **ũngula** > unha

A nasal palatal [ɲ] <NJ> também pode levantar vogais médio-altas, mas de forma limitada. A vogal posterior [o] foi a mais suscetível ao levantamento, embora, aparentemente, isso ocorra preferencialmente quando uma consoante nasal ou velar precede a vogal:

(77) **testimõnium** > testemunho (78) **cũnea** > cunha

Entretanto, também são encontrados exemplos sem levantamento:

(79) **risõneum** > risonho (80) **cicõnia** > cegonha

O contexto de nasalização 3 é de particular importância, já que as vogais, nesse contexto, sofreram nasalização por assimilação regressiva, como sugerido pela neutralização característica do contraste entre vogais tônicas médio-baixas que ocorreu noutros contextos de nasalização:

(81) **bõna** [b ɔ̃ na] > [ˈbõna]

(82) **cõrõna** > [koˈõna] quando anteriormente [b ɔ̃] e [õ] se fundiram em [õ].

No período pré-literário a consoante [n] intervocálica sofreu apagamento. O resultado foi o surgimento de vogais nasais incondicionais no Galego-português no começo do período literário, mas com uma distribuição limitada, porque apareciam exclusivamente em posição pré-vocálica: (83) [ˈlua] < **lũna**.

As consoantes nasais do galego-português tiveram vários destinos. Em contextos 1 e 2 o mais comum foi o enfraquecimento e o desaparecimento, mas o processo ocorreu

mais rapidamente em formas do contexto 2. Depois disso, vários desenvolvimentos aconteceram de acordo com a qualidade da vogal precedente. Em formas de contexto 1 a consoante nasal foi retida por mais tempo, embora também tenha sido gradualmente enfraquecida, especialmente antes de consoantes contínuas. Esse processo gerou um glide nasal, cuja qualidade é governada pela natureza da consoante seguinte, ou o apagamento da consoante. Antes de consoantes não contínuas pode haver um breve fechamento, homorgânico ao ponto de articulação da consoante seguinte.

Em algumas variedades de Galego-Português há alguma evidência que sugere que o processo de apagamento pode ter ocorrido no período pré-literário e no início do período literário em certos contextos – quando a consoante nasal precede uma consoante fricativa. Grafias como *consselho*, encontradas no Livro de Linguagens (séculos XIII e XIV), sugerem, pelo uso de <ss>, que a consoante nasal precedente tinha sido apagada, já que o escriba provavelmente desejava mostrar que a fricativa era uma [s] surda e não uma [z] sonora. A simples grafia *s* somente poderia representar isso sem ambigüidade se a consoante nasal fosse pronunciada, sugerindo, então, que a consoante nasal deve ter sido foneticamente fraca ou inexistente.

Grafias apontam para o apagamento da consoante nasal antes de fricativa labiodental (84) *iffante* <infa~~n~~ntem> a partir do século XIII e, em formas de contexto 3, o <n> intervocálico é a única consoante nasal que sofreu apagamento já no período pré-literário, acompanhado pela forte nasalização da vogal precedente. O enfraquecimento resultou no apagamento do <n> vistos em textos do início do século XIII: (85) *ma~~n~~num* > ‘manu > ‘mãnu > ‘mão > mão. Poucos casos de apagamento de <n> após vogal tônica são citados, sugerindo que talvez o apagamento deve ter ocorrido primeiramente onde a vogal tônica não era a vogal precedente. O apagamento de <n> intervocálica originou-se no norte da área do Galego-Português e não ocorreu nas diferentes variedades do sul, que emergiram como dialetos moçárabes, após a conquista islâmica do século VIII. Foi provavelmente introduzido nesses dialetos quando foram cobertos, mais tarde, pelas variedades do norte, traduzidas pela Reconquista.

Outro tipo de forma com vogais nasais foi o resultado de assimilação progressiva. O /m/ inicial e, menos comum, o /n/ inicial nasalizaram a vogal seguinte, particularmente quando a vogal era alta e tônica:

- (86) **mi** ~~hi~~ **hi** > [miŋ] > mim
 (87) **me** ~~hi~~ **hi** > [ˈmiŋa] > minha
 (88) **ni** ~~du~~ **du** > [ˈniŋo] > ninho

No período do final da Idade Média até o século XVI houve um aumento de fonemas vocálicos nasais. Em formas de contexto 2, a nasal final que havia surgido como resultado da apócope foi progressivamente enfraquecida e finalmente apagada, gerando uma vogal nasal. Depois disso, as vogais altas acabaram evoluindo diferentemente das não altas. As não altas geraram glides, enquanto que as altas não:

- (89) **fi** ~~ne~~ **ne** > fiŋ > fiŋ > fim
 (90) **be** ~~ne~~ **ne** > ben > beŋ > beŋjŋ > bem
 (91) **ca** ~~ne~~ **ne** > caŋ > caŋ > caŋwŋ > cão

O resultado dessas mudanças aumentou o número de vogais nasais incondicionais encontradas em sílabas tônicas e átonas em posição inicial, medial e final de palavra.

De certa forma, o destino das vogais nasais no Galego foi diferente do que ocorreu em Portugal. A maior diferença é que, na Galícia, fonemas vocálicos nasais nunca se estabeleceram. Vogais nasais ocorrem, mas a nasalidade é alofônica quando a vogal é acompanhada de uma consoante nasal tautossilábica. Mais interessante ainda é a questão da intensidade da nasalidade vocálica usada por falantes de Galego, pois pode ser influenciada por fatores sócio-lingüísticos. De acordo com Porto Dapena (apud Sampson, 1999 : 207), quanto menor for a escolaridade e a familiaridade do falante com o Castelhana, maior é o uso e a intensidade da nasalidade vocálica ao falar a língua.

Esses dados mostram o panorama diacrônico da nasalização vocálica na língua portuguesa e os motivos históricos e políticos que fizeram com que a nasalização no português e no galego acabasse apresentando um status diferente. Observemos, agora, como a nasalidade no PB é descrita por diferentes de autores na literatura atual.

No PB, não há dúvida quanto à existência de vogais nasais. O que ocorre, no entanto, é a divergência entre autores quanto à existência de oposição fonêmica entre vogais orais e vogais nasais, o que gera duas correntes: a dos defensores da interpretação monofonêmica como Head, 1964; Pontes, 1972, Back, 1973; Tláskal, 1980 e Parkinson,

1983 (apud Battisti, 1997) – que afirmam que no português há sete fonemas vocálicos orais e cinco nasais – e a dos defensores da interpretação bifonêmica como Câmara Jr., 1953, Moraes-Barbosa, 1962 e com algumas diferenças em suas análises Mateus, 1975; Saciuk, 1970 e Lopez, 1979 (apud Battisti, 1997) e Moraes e Wetzels (1992) – que afirmam que, no português, há sete fonemas vocálicos orais e um arquifonema /N/ e as vogais são geradas via assimilação de nasalidade de um segmento nasal adjacente.

4.3.1 As interpretações monofonêmica e bifonêmica

Defender a oposição fonêmica entre vogais orais e vogais nasais significa considerar que o PB possui um conjunto de doze fonemas vocálicos: sete orais - [a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ], [u] e cinco nasais - [ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ]. Segundo Silva (1999), essa é a posição de autores como Head (1964), Pontes (1972) e Back (1973), que justificam sua posição com exemplos de pares mínimos da língua: [‘la] *lá*, [‘lã] *lã* ou [‘mitu] *mito* [‘mĩtu] *mino*. Segundo Battisti (1997), Tláskal (1980) e Parkinson (1983) também defendem a interpretação **monofonêmica** da vogal nasal.

Outra interpretação, a **bifonêmica**, é a que considera que o PB tenha 7 fonemas orais - [a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ], [u] - e um arquifonema /N/, como é a posição de Câmara Jr (1953) e Moraes-Barbosa (1962). As vogais nasais seriam o resultado da combinação do arquifonema nasal /N/ com uma vogal oral, ou seja, /VN/. Não haveria, portanto, a manifestação de nasalidade pura da vogal, como ocorre em francês, em que se faz a diferença entre /bõ/ *bon*, e /bɔ̃n/, *bonne*.

Os gerativistas Mateus (1975), Saciuk (1970) e Lopez (1979) também defendem uma interpretação que podemos chamar de bifonêmica, segundo a qual as vogais nasais derivam de seqüências subjacentes de vogal + consoante nasal.

Na presente pesquisa consideraremos a análise bifonêmica para o PB. Entretanto, a nasalização vocálica em PB é muito rica, porque, enquanto outras línguas privilegiam apenas um processo na produção da nasalidade vocálica, o PB privilegia três (Moraes, 1997a):

a) a propagação do traço [+ nasal] a partir de uma consoante nasal tautossilábica, em posição de coda (processo de assimilação regressiva), por exemplo *latim* campo > cãmpo > *português* c[ã^m]po;

b) propagação do traço [+ nasal] a partir de uma consoante nasal em posição de ataque silábico, em posição intervocálica (processo de assimilação regressiva) - por exemplo *latim* cama > cãma > *português* c[ã]ma;

c) propagação do traço [+ nasal] a partir de uma consoante nasal em posição de ataque silábico (processo de assimilação progressiva) - exemplo *latim* madre > mae > *português* m[ã]e.

Esses processos possibilitam os diferentes tipos de nasalização vocálica em PB, que também podem representar diferentes graus de nasalidade dentro de uma escala (ver 2.3). A nasalização vocálica freqüentemente chamada de **contrastiva ou fonêmica** (Wetzels, 1997 : 204), como em “canto” [‘kaⁿ.tu] em oposição à “cato”, é aquela em que ocorre o espraçamento do traço [+nasal] de uma consoante nasal tautossilábica em posição de coda⁵. Sua realização é obrigatória, independentemente do contexto acentual e do dialeto, ou seja, na nasalização fonêmica, a vogal é nasalizada em qualquer posição silábica.

A nasalização vocálica **alofônica ou contextual**, como em “cama” [‘kã.ma] é aquela em que ocorre o espraçamento do traço [+nasal] de uma consoante nasal em posição de ataque da sílaba que segue a vogal nasalizada. É sensível ao acento, à natureza da consoante nasal subsequente (por exemplo, a consoante // nasaliza a vogal precedente mais freqüentemente do que as não palatais), à natureza da vogal supostamente nasalizada e ao dialeto. Está condicionada pelo fator regional, sendo a aplicação da regra descendente no sentido norte → sul do Brasil. No Nordeste, por exemplo, a nasalidade alofônica tem o maior índice de aplicação, pois, são nasalizadas as tônicas e as pretônicas (ex. [mã’mãw], [bã’nãna] (Moraes, 1997a).

Para Moraes, quando há o espraçamento para a direita do traço [+nasal] de uma consoante, como em m[a]deira e n[a]ta, a nasalização vocálica é **co-articulatória**, o que corresponde à nasalidade fonética universal na terminologia de Sampson (1999).

Segundo ele, seria uma transição entre uma consoante nasal e a vogal. Essa transição nasal pode ocorrer entre:

- a) uma consoante em posição de ataque silábico e a vogal subsequente (*assimilação progressiva* 'm[ã]ta);
- b) uma consoante nasal intervocálica e a vogal precedente (*assimilação regressiva* c[ã]'neta)
- c) duas consoantes nasais, uma precedendo e a outra seguindo a vogal intermediária (*assimilação dupla* m[ã]'nobra).

A diferença é que a nasalização alofônica ocorre em sílabas tônicas e é percebida como vogal nasal e a co-articulatória ocorre em sílabas átonas e é imperceptível. Além disso, a nasalização alofônica corresponde a um processo fonológico, ou seja, varia de língua para língua e é intencional, enquanto que a co-articulatória corresponde a um processo fonético, universal e é independente da língua.⁶

4.3.2 A nasalidade em vogais no PB: aspectos fonéticos

Em uma pesquisa realizada com falantes cariocas, Moraes (1997), através da inserção de um aparelho fotoelétrico na cavidade nasal e na faringe dos falantes, avaliou o grau de abertura do véu palatino em palavras com vogais orais e com vogais com nasalização fonêmica, alofônica e co-articulatória. Os resultados mostraram que em posição átona, o grau de abertura do véu palatino foi menor, o que confirma que as vogais tônicas são mais fortemente nasalizadas que as átonas. O percentual de abertura do véu palatino foi semelhante entre vogais com nasalização fonêmica e alofônica (72.9% e 69.9% respectivamente), e maior nas vogais com nasalização co-articulatória (49.6%) do que nas vogais orais 3.3%. Esses dados mostram que, enquanto as nasalizações fonêmica e a alofônica são consideradas fonológicas (por serem intencionais e dependentes de regras

⁵ Embora adotemos a tese de que a nasalidade seja derivada, vamos adotar essa nomenclatura, nos mesmos moldes em que ela tem sido utilizada em Wetzels (1997) e outros.

⁶ Entretanto, a nasalização alofônica também pode ocorrer em sílabas átonas de palavras derivadas de outras nas quais há esse tipo de nasalização na sílaba tônica. É o caso de *c[ã]minha* diminutivo de *cama* ['kãma], ao contrário do que ocorre em *c[a]minha* (verbo “caminhar” em 3ª. pessoa do singular) em que ocorre a nasalização co-articulatória.

específicas da língua), a nasalização co-articulatória é um fenômeno de transição fonética que sempre ocorre entre uma vogal oral e uma consoante nasal, pelas características articulatórias destes segmentos.

Um estudo acústico da nasalidade vocálica no Português Brasileiro (PB) foi realizado por Jesus (2002) para verificar as diferenças entre vogais orais, nasais (vogal + consoante nasal tautossilábica) e nasalizadas (vogal + consoante nasal heterossilábica) - *cata, canta, cana*, respectivamente. A autora descreve acusticamente as vogais produzidas por 10 sujeitos (5 homens e 5 mulheres) através da leitura de palavras com /a/, /i/, /u/ orais, nasais e nasalizadas pela consoante /m/ ou /n/ na sílaba seguinte (ex. *cata, canta, cana*).

Os dados mostram diferenças entre as três vogais no que diz respeito à nasalização.

Com a nasalização da vogal /a/ há uma variação significativa nos valores de F1, que se mostram menores, e nos de F3, que se mostram maiores em relação às vogais orais tanto em homens quanto em mulheres. Segundo a autora, “esse abaixamento no F1 sugere que a vogal nasal seja produzida com a língua mais alta e com maior abertura faríngea, devendo ser classificada como vogal média e não-baixa, como sua contraparte oral.” (2002: 212)

A característica mais saliente das vogais /i/ e /iN/, por serem altas e apresentarem uma posição mais anterior da língua, é apresentar F1 baixo, por serem emitidas com a língua mais elevada, e F2 alto, porque a língua está em posição mais anterior. Neste grupo, a vogal oral, a vogal nasal e a vogal nasalizada em posição tônica mostram pouca diferença entre si.

A vogal /u/ diferencia-se das anteriores por ser labial. Ao ser produzida como vogal nasal, observa-se um aumento de F3 entre os sujeitos masculinos, mas não entre os femininos. Jesus sustenta que essa diferença seja causada pela diferenciação entre os grupos de informantes no movimento dos lábios ao produzi-las. De qualquer forma, os formantes nasais não foram facilmente identificados para esta vogal: ocorrem entre F2 e F3.

Ao comparar as vogais orais, nasais e nasalizadas a autora mostra que, de acordo com a qualidade da vogal, há um comportamento variável com relação à nasalização. As vogais baixas são mais visivelmente nasalizadas do que as altas, como já citado anteriormente em outras pesquisas (Beddor, 1993:178). E as altas às vezes nasalizam, às vezes não, embora a tendência seja produzi-las como orais, mesmo em sílaba tônica (favorável à nasalização).

Acusticamente, a vogal /a/ nasalizada ou alofônica (seguida de consoante nasal heterossilábica) não mostrou grau de nasalização menor do que a vogal nasal (/a/ seguida de consoante nasal tautossilábica). Ambas foram produzidas como vogais nasais, mostrando a semelhança no movimento do palato na sua produção, como já fora mostrado por Moraes (1997).

Jesus aponta para outra característica que a nasalização apresenta entre vogais: a sua duração. As vogais nasais são mais longas do que as nasalizadas e, estas, são mais longas do que as orais (*vogais nasais* > *vogais nasalizadas* > *vogais orais*). Entretanto a autora salienta que esta observação deve ser levada em conta diante de consoantes oclusivas, já que esse alongamento parece não ocorrer antes de fricativas e em contexto final absoluto. Moraes e Wetzels (1992 : 159) também tratam da duração, embora com uma pequena diferença. Os autores dizem que a vogal nasal é sempre mais longa que a vogal oral (tanto em contexto tônico, 27%, quanto em pretônico, mas a vogal nasalizada é mais breve que a oral (o que sugere o ordenamento *vogais nasais* > *vogais orais* > *vogais nasalizadas*).

4.3.3 A percepção de vogais nasais e nasalizadas em PB

Partindo da hipótese de que a nasalidade torna-se mais saliente ao se passar dos níveis mais fonéticos aos mais fonológicos (intrínseca < co-articulatória < alofônica < contrastiva) e que somente a nasalidade alofônica e a contrastiva são percebidas como tal, Moraes (1997) desenvolveu um teste de percepção para verificar como o brasileiro percebe os diferentes graus de nasalização do PB. Em sua proposta, haveria uma escala de nasalidade de 0 a 4: “0” seria a vogal desnasalizada, “1” a nasalidade intrínseca da vogal oral, que também apresenta um leve abaixamento do véu palatino, “2” seria a nasalidade co-articulatória, processo fonético que ocorre em contexto nasal não intencionalmente, “3” seria a nasalidade alofônica e “4” a nasalidade fonêmica. Todos esses diferentes graus de nasalidade são encontrados no PB.

Nesse teste, retirou-se uma sílaba oral de uma palavra e substituiu-se por outra proveniente de uma palavra que continha nasalidade alofônica ou nasalidade co-articulatória. Os ouvintes tinham que dizer se percebiam uma vogal oral ou nasal na palavra

inserida na seguinte lacuna da frase: “Ele disse _____ de novo.” Alguns exemplos utilizados foram:

(92) “ele disse *ca* (da palavra *cama*) + *pa* (da palavra *capa*) de novo” (nasalidade alofônica em posição tônica)

(93) “ele disse *ca* (da palavra *caminha* – diminutivo de “cama”) + *pina* (da palavra *capina*) de novo”
e

(94) “ele disse *ca* (da palavra *caminha* – 3ª p.s. do verbo “caminhar”) + *pina* (da palavra *capina*) de novo” (nasalidade alofônica vs. nasalidade co-articulatória em posição pretônica)

(95) “ele disse *ca* (da palavra *cama*) + *pina* (da palavra *capina*) de novo” (nasalidade co-articulatória em posição pretônica)

(96) “ele disse *fa* (da palavra *diáfano*) + *ta* (da palavra *fata*) de novo” (nasalidade alofônica em posição pós-tônica medial, na posição tônica)

(97) “ele disse man[*d*]o de novo” (status fonológico do apêndice nasal)

Os resultados mostram que, nos casos em que a nasalidade era resultante dos exemplos com nasalização alofônica, as 5 vogais em posição tônica, pretônica e pós-tônica foram percebidas como tendo nasalização fonêmica. Nos casos resultantes dos exemplos com nasalização co-articulatória, as 5 vogais em posição pretônica são percebidas como vogais orais, exceto quando a consoante seguinte é [ʃ] – contexto em que a vogal é percebida como tendo nasalização fonêmica. Em sílabas pós-tônicas, a vogal também é percebida como tendo nasalização fonêmica.

Na frase “ele disse man[*d*]o de novo”, foi apagada a consoante /d/ e os sujeitos tinham que dizer se percebiam a palavra resultante como [mãu] ou [‘mãnu]. O mesmo foi feito com a consoante /t/ em [‘ma⁽ⁿ⁾tu]. Os resultados foram similares em ambos os casos: [n] foi percebido como heterossilábico, ou seja, não mais ocupando a posição de coda e sim a de ataque da sílaba seguinte - o que mostra que a análise bifonêmica das vogais no PB é mais apropriada do que monofonêmica (ver 4.2.1).

Em resumo, o estudo de Moraes mostra que os falantes percebem a consoante nasal pós-vocálica em formas como “mando” e “manto”, mesmo que a consoante seguinte não esteja presente. Além disso, a nasalização dita alofônica é tão marcante que os falantes a percebem como fonêmica em formas manipuladas como “capa” (resultante da fusão da sílaba ca “cama” e da sílaba pa de “capa”). Por outro lado, os falantes somente percebem a

nasalização co-articulatória nas vogais em posição pretônica quando o contexto seguinte for [ʃ], do contrário, essas vogais são percebidas como orais.

As informações apresentadas neste capítulo mostram o status diferente que a nasalização tem em PB e em LEsp. De acordo com os dados diacrônicos deste capítulo, em LEsp não houve levantamento das vogais médias e a coda nasal não sofreu mudança significativa. A consoante nasal também tendeu a ser preservada em final e no interior de palavra em LEsp.

Já em português, a apócope foi bastante presente, gerando um número substancial de palavras que desenvolveram consoante nasal em final de palavra e, além disso, houve neutralização do contraste entre vogais médias. Essas informações mostram por que a nasalização tem hoje um peso diferente em cada língua e também combinam com os dados de Moraes (1997) e Fails (apud Wetzels, 1997) a respeito das vogais seguidas de consoantes nasais. Enquanto em PB, a vogal em contexto de nasalização alofônica é percebida como nasal e em contexto de nasalização co-articulatória é principalmente percebida como oral, em LEsp, vogais seguidas de consoantes nasais heterossilábicas e vogais seguidas de consoantes orais não apresentam diferença de fluxo de ar nasal.

5 - QUESTÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo descreveremos a metodologia empregada na coleta de dados e os participantes desta pesquisa. Como já dissemos anteriormente, o levantamento de dados foi feito através de dois instrumentos de percepção - uma lista de palavras e um texto - que foram respondidos por mais de 100 alunos de graduação em Língua Espanhola (LEsp).

É necessário ressaltar que a aplicação dos testes foi precedida de um planejamento de pesquisa, que abrange: entrevista com os docentes de LEsp (descrita na seção 5.1) , elaboração do questionário de levantamento de dados dos alunos (descrita na seção 5.2.1), elaboração e aplicação do teste piloto (descritas na seção 5.2), elaboração dos testes de percepção (descrita na seção 5.3) e testagem dos instrumentos de percepção (descrita na seção 5.4).

Além de também responder aos testes de percepção, o grupo dos falantes nativos, ou grupo de controle, foi entrevistado individualmente sobre a naturalidade ou não da pronúncia do locutor nos instrumentos. (ver 5.4.2.1).

5.1 Entrevistas com docentes

Durante os meses de junho e julho de 2002 e janeiro de 2003 foram realizadas entrevistas individuais com seis docentes das disciplinas de LEsp do curso de graduação em Letras da UFRGS nas dependências da própria universidade. O objetivo principal dessa etapa era investigar se os docentes consideravam que os estudantes conseguiam perceber e produzir os sons da LEsp com facilidade, investigar os erros de pronúncia mais recorrentes entre os discentes e, também, se eram realizadas atividades de percepção/produção oral ao longo dos semestres de Língua Espanhola.

Os docentes entrevistados declararam que os alunos parecem ter facilidade em perceber e produzir a maioria dos sons da LEsp. Entretanto, notam certa dificuldade na produção correta dos sons correspondentes às consoantes “r” e “j” e às vogais “a” seguida de consoante nasal, “e” e “o”. Os docentes declararam ainda que nos semestres iniciais, muitos alunos demonstram dificuldade na produção oral por se sentirem inibidos para falar em língua espanhola. Entretanto, mesmo nos semestres intermediários (5^o. semestre, por

exemplo), ainda observam certa dificuldade na produção oral, conseqüência, talvez, do intenso trabalho de produção textual realizado nos semestres anteriores e da dificuldade em realizar um trabalho mais comunicativo em grupos tão numerosos.

Segundo as entrevistas, a preocupação com a pronúncia é visível, pois os estudantes procuram corrigir suas próprias frases ao perceberem seus “deslizes” e a maioria aceita com naturalidade as correções feitas pelos professores. Estes, por sua vez, procuram não interromper a fala do aluno para corrigir erros de pronúncia (a menos que seja um erro muito “grave”), adotando a estratégia de anotar os erros mais recorrentes para falar sobre os mesmos no fechamento da aula.

Todos os professores consideram de grande importância o uso do Laboratório de Línguas nas aulas de LEsp e afirmam que, embora nem sempre possam levar suas turmas ao laboratório uma vez por semana, essa seria a freqüência ideal. Grande parte dos professores é a favor da realização de exercícios de percepção e produção de sons na LEsp. Alguns realizam a leitura de textos em sala de aula para sanar dúvidas de pronúncia e indicam a cada aluno que grave um texto em fita cassete, em casa ou no Laboratório da Universidade, e o entregue para que os erros de pronúncia sejam identificados e apontados pelo professor. A audição das gravações dos alunos também é eventualmente realizada por toda a turma, que aponta em conjunto os erros de pronúncia. A retomada é feita individualmente pelo aluno, com uma segunda gravação do mesmo texto. Trava-línguas, músicas e filmes também são utilizados em sala de aula como forma de mostrar os contrastes entre sons do português e do espanhol e as variedades fonológicas da LEsp de diferentes países.

De um modo geral, as entrevistas mostram que os docentes se preocupam em realizar uma formação de professores de qualidade e acreditam que, se o curso de graduação em Letras tivesse uma duração maior, as habilidades que envolvem produção (escrita e fala) poderiam ser bem mais desenvolvidas entre os discentes.

5.2 Pilotagem

Em outubro de 2002, gravamos em fita cassete e com a voz desta pesquisadora os instrumentos de percepção do teste piloto (a lista de palavras e o texto) no Laboratório de Línguas do UNILASSALE, em Canoas. Os instrumentos foram testados nesse mesmo mês com alunos de Letras-Bacharelado da UFRGS regularmente inscritos nas disciplinas de LEsp 3 e 7 e com alunos da disciplina de “Prática de Ensino de Língua Espanhola” da mesma Universidade. A pilotagem serviu para mostrar que os testes estavam apropriados aos objetivos propostos nesta pesquisa, em termos de clareza, objetividade e duração. Os alunos da fase piloto também responderam ao questionário “Dados sobre o informante” para que fossem feitos os acréscimos, as alterações ou exclusões que julgássemos necessários.

5.2.1 Questionário sobre os dados dos informantes

Após a fase piloto da pesquisa, conseguimos finalmente estabelecer as perguntas que necessariamente deveriam constar no questionário “Dados sobre o informante” (ver anexos). Todos os participantes da pesquisa, exceto o grupo de controle, responderam ao questionário minutos antes de ouvirem os testes de percepção. Com ele, identificamos os estudantes estrangeiros, filhos de estrangeiros e os que já haviam residido em países de língua espanhola por um tempo regular. Todos esses estudantes tiveram uma taxa de percepção de 100%, ou aproximadamente 100%, e não fizeram parte da pesquisa devido a esse contato mais constante com a LEsp. Os estudantes de Letras-Bacharelado, cuja ênfase é a produção escrita vinculada à tradução de textos, também foram identificados e excluídos⁷, pois nos interessavam, na verdade, os estudantes de Licenciatura, futuros formadores de novos professores. Identificamos ainda quantos alunos freqüentaram ou ainda freqüentam cursos de LEsp em centros de línguas, quantos já participaram de Oficinas de Pronúncia em LEsp e quantos tiveram contato com livros didáticos nas aulas de LEsp na graduação.

⁷ Na turma do 8º semestre, por haver um número muito pequeno de estudantes de Licenciatura, tivemos que incluir, também, os do Bacharelado. Obtivemos, assim, um total de 14 alunos.

Os discentes foram questionados quanto ao seu interesse com a LEsp ao responderem a pergunta “por que você decidiu estudar língua espanhola na graduação?”. O objetivo era investigar a quantidade de alunos que havia escolhido primeiramente outra língua estrangeira para a graduação, mas que, por terem encontrado dificuldade em cursá-la acabaram optando pela LEsp. E, conseqüentemente, verificar a quantidade de alunos que haviam ingressado na UFRGS com o objetivo de serem tradutores ou professores de Língua Espanhola.

Outro item presente no questionário foi o contato com a LEsp. Enquanto alguns alunos disseram usá-la apenas em sala de aula, outros declararam viajar com frequência para o exterior, assistir filmes e ouvir músicas com regularidade e/ou já trabalhar com a LEsp há algum tempo.

Por último, os discentes foram perguntados sobre suas preferências e dificuldades com as habilidades lingüísticas em LEsp (falar, ler, ouvir ou escrever), se têm ou não facilidade em perceber e produzir os sons da LEsp, se tentam falar o máximo que podem em aula, se lhes incomoda cometer erros de pronúncia, se gostam ou não de ser corrigidos ao pronunciarem incorretamente uma palavra e se consideram importante a realização de atividades de percepção e produção no Laboratório.

Dessa forma, o questionário que havia sido desenhado para a seleção dos integrantes da pesquisa, acabou formando também um breve perfil dos estudantes de Licenciatura Espanhol-Português desta Universidade.

5.3 Instrumentos de percepção

Adotamos dois instrumentos de percepção diferentes: um texto e uma lista de palavras, por acreditarmos que poderia ser mais fácil perceber a nasalização em palavras isoladas do que em um texto, o que provavelmente poderia gerar resultados diferentes, já que, em um texto, a identificação de cada palavra individualmente é auxiliada pelo contexto. Além disso, os instrumentos foram apresentados de formas diferentes: para a audição do texto, os sujeitos receberam o mesmo em uma folha impressa, enquanto que, para a audição das palavras, receberam apenas uma folha com parênteses numerados na ordem da leitura. (ver anexos)

A versão final dos dois instrumentos de percepção foi finalmente gravada em janeiro de 2003, por um falante nativo uruguaio, de 34 anos, professor de Língua Espanhola no Brasil. Este locutor foi solicitado a nasalizar propositalmente determinadas palavras, ao passo que, nas outras, mantinha a pronúncia normal. Em relação ao seu formato na aplicação piloto, a lista de palavras não sofreu alterações, mas no texto optamos por nasalizar uma sílaba que anteriormente havia sido pronunciada como oral e produzimos oral uma sílaba anteriormente nasalizada. As gravações foram feitas em CD no Estúdio SPALA, em Porto Alegre, com a interface digital analógica *Layla*, de origem americana.

Ambos os instrumentos foram elaborados levando em conta os contextos em que as vogais se encontravam: a tonicidade (se a V+N estava em sílaba tônica ou átona) e o peso silábico (se a V se encontra em sílaba aberta – CCV+ N, CV+ N ou V + N – ou fechada – VN + C, CVN + C, CCVN+C ou NVN+ C). A diferença entre o texto e a lista de palavras é que nesta foram incluídas, propositalmente, palavras não cognatas ao português, pois queríamos avaliar se haveria uma melhor percepção da nasalidade em palavras estranhas ao aprendiz, semelhantemente ao que Hammarberg (apud Piske et al, 2002) constatou em sua pesquisa sobre a produção oral de alemães aprendizes de sueco. Segundo o pesquisador, em palavras cognatas, o aprendiz pode aplicar um conhecimento já existente ao invés de observar o input fonético ao produzir palavras conhecidas.

Não foram levados em conta para a elaboração dos instrumentos os tipos de consoantes em contexto seguinte e em contexto precedente. Também não incluímos na pesquisa verbos na terceira pessoa do plural (ex. “*cantan*”, “*cantaron*”), por envolverem ditongos nasais em português, que não eram o foco desta pesquisa.

Os estudantes ouviram primeiro a lista de palavras e depois o texto e em ambos os instrumentos eram solicitados a escrever entre parênteses “O” (oral) ou “N” (nasal), conforme a pronúncia da vogal “a” seguida de consoante nasal nas palavras ouvidas. No texto, os sujeitos escreviam “O” ou “N” apenas para as palavras seguidas de parênteses. Além disso, nessas palavras a vogal “a” seguida de consoante nasal estava em negrito, para facilitar a visualização, uma vez que se tratava da leitura de um texto em ritmo normal.

5.3.1 Instrumento de percepção 1: lista de palavras

O instrumento de percepção 1 foi uma lista de palavras gravadas com uma pequena pausa entre si, totalizando 32 palavras e um tempo de gravação de 2 minutos e 21 segundos.

Das 32 palavras apresentadas na lista, 16 eram cognatas ao português – *planeta, danoso, manera, canelón, tranquilidad, antigua, también, bandera, caño, urbano, amo, pánico, importante, tantos, soñando, infante* - e 16 não-cognatas – *añejo, añico, panera, camorra, buganvilla, manguito, pelandusca, candileja, legaña, fámulo, mengano, huraño, chándal, hampa, chamba, zanja*. Das 16 palavras cognatas, 8 apresentavam a vogal “a” em sílaba tônica - *caño, urbano, amo, pánico, importante, tantos, soñando, infante* - e 8 em sílaba átona - *planeta, danoso, manera, canelón, tranquilidad, antigua, también, bandera*. Das 8 sílabas tônicas, 4 eram sílabas abertas- *caño, urbano, amo, pánico* - e 4 fechadas – *importante, tantos, soñando, infante*. Das 8 sílabas átonas, 4 eram sílabas abertas - *planeta, danoso, manera, canelón* e 4 fechadas - *tranquilidad, antigua, también, bandera*.

Essa mesma distribuição foi feita com as 16 palavras não cognatas. Das 16 palavras não cognatas, 8 apresentavam a vogal “a” em sílaba tônica - *legaña, fámulo, mengano, huraño, chándal, hampa, chamba, zanja* - e 8 em sílaba átona - *añejo, añico, panera, camorra, buganvilla, manguito, pelandusca, candileja*. Das 8 sílabas tônicas, 4 eram sílabas abertas- *legaña, fámulo, mengano, huraño* - e 4 fechadas - *chándal, hampa, chamba, zanja*. Das 8 sílabas átonas, 4 eram sílabas abertas - *añejo, añico, panera, camorra* - e 4 fechadas - *buganvilla, manguito, pelandusca, candileja*.

Metade das palavras da lista tiveram a vogal “a” seguida de consoante nasal pronunciada como vogal oral e metade como vogal nasal. O critério de escolha das palavras a serem nasalizadas na gravação não foi aleatório. De cada 4 palavras com sílabas abertas, duas tiveram a vogal “a” seguida de consoante nasal nasalizada e duas a vogal produzida como vogal oral. O mesmo foi feito nas palavras com sílabas fechadas.

Embora os participantes não soubessem, a lista foi dividida em duas colunas de 16 palavras (não cognatas à esquerda e cognatas à direita) e cada coluna apresentava primeiramente 8 palavras com a vogal “a” em sílaba átona (posição pretônica) e, em seguida, 8 palavras com a vogal “a” em sílaba tônica. As 4 primeiras palavras desses

conjuntos de oito, apresentavam a vogal “a” seguida de consoante nasal em sílaba aberta, e as outras 4 em sílaba fechada. No momento da gravação do CD, evitamos pronunciar as vogais “a” como Oral ou Nasal sempre na mesma ordem para evitar uma facilitação por parte do aluno na identificação das vogais nasalizadas. Assim, em cada conjunto de 4 palavras com sílabas abertas ou fechadas alternamos a ordem de nasalização, formando combinações como estas **NOON, OONN, NONO, ONNO** ou **NNOO**.

Assim, ao ouvirem a lista, os sujeitos recebiam uma folha com parênteses numerados na ordem de gravação das palavras, sem poder visualizá-las e eram solicitados a escrever entre parênteses “O” (Oral) ou “N” (Nasal) logo após cada palavra ouvida, sempre focalizando a atenção para a vogal “a” seguida de consoante nasal.

5.3.2 Instrumento de percepção 2: texto “Câncer”

O instrumento de percepção 1 foi uma lista de palavras gravadas com uma pequena pausa entre si, totalizando 32 palavras e um tempo de gravação de 2 minutos e 21 segundos.

O instrumento de percepção 2 foi um texto de uma lauda, que tratava sobre um signo do zodíaco totalizando um tempo de gravação de 2 minutos e 56 segundos. A opção por esse tipo de texto se deu principalmente pela facilidade que tínhamos de adaptá-lo para conter as palavras com os padrões silábicos que desejávamos. De todas as palavras contidas no texto, 32 tiveram a letra “a” grifada em negrito para serem avaliadas pelo ouvinte. Ainda assim não foi possível estabelecer um número igual de palavras com sílabas tônicas e átonas, abertas e fechadas, pois, apesar de ser um texto que não necessariamente precisava ter começo, meio e fim, era desejável que as adaptações feitas mantivessem a coesão textual.

De todas as palavras apresentadas no texto “Câncer”, 15 continham a vogal “a” seguida de consoante nasal em sílaba tônica – *verano, infancia, importante, Câncer, ama, llame, soñando, tantos, dramas, circunstancia, ocultando, antes, tanto, encanto, pánico - e 17 em sílaba átona – *planeta, planeta, cantidad, manera, llamar, familiar, manera, Blancanieves, también, dramatizar, tranquilidad, ambientes, encantados, abandonado,**

dañado, manera, anticuado. Das 15 sílabas tônicas, 5 eram abertas - *verano, ama, llame, dramas, pánico - e 10 fechadas - *infancia, importante, Cáncer, soñando, tantos, circunstancia, ocultando, antes, tanto, encanto. Das 17 sílabas átonas, 9 eram abertas - *plananeta, plananeta, mananera, llanmar, famanliar, mananera, dramantizar, dañando, mananera - e 8 fechadas - *cantandad, Blanancanieanves, tanbianén, trananquilidandad, anbiantes, encantaandos, abandonando, antiancuando. No momento da gravação, nasalizamos propositalmente 3 das 5 sílabas tônicas abertas e 5 das 10 sílabas tônicas pesadas. Das 17 sílabas átonas, 9 eram abertas e 8 fechadas. Nasalizamos propositalmente 4 das 9 sílabas átonas leves e 4 das 8 sílabas átonas pesadas. Do total de 32 palavras, foram nasalizadas exatamente 16, procurando equilibrar o número de vogais nasais e orais entre as sílabas leves e pesadas.****

Incluimos palavras com a vogal “a” em sílaba pretônica seguida de consoante nasal em posição de ataque da sílaba seguinte tanto no instrumento 1 (*añanjo, añanico, pananera, camanorra, dañanoso) como no 2 (*plananeta, mananera, llanmar, famanliar, dramantizar, dañando) por serem casos em que, na L1, o espraiamento da nasalidade da consoante nasal é opcional, e, portanto, sujeito a diferenças dialetais (Abaurre et al 1994): há uma maior nasalização nos estados de SP e RJ e no nordeste do que no RS.**

5.4 Sujeitos da pesquisa

Nesta seção, descrevemos os dois grupos de sujeitos que foram submetidos ao teste de percepção, a saber, o grupo de alunos do Curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da UFRGS, alvo da pesquisa propriamente dita, e um grupo de falantes nativos do espanhol, que serviram de controle para o teste de percepção.

5.4.1 Alunos de graduação em Letras

Os alunos de Licenciatura da UFRGS estavam regularmente matriculados nos semestres pares da disciplina de Língua Espanhola (2º, 4º, 6º e 8º), tendo participado 20 alunos do segundo semestre, 20 do quarto, 20 do sexto e 14 do oitavo, totalizando 74 estudantes. Embora tenham participado da coleta de dados mais de 100 alunos, foram tabulados os dados de apenas 74 estudantes, já que os demais ou eram alunos de Letras-

Bacharelado, ou falantes nativos de língua espanhola, ou filhos de falantes nativos ou estudantes que já haviam residido em países de língua espanhola por alguns anos. A audição dos testes de percepção foi feita em grandes grupos no Laboratório de Línguas da UFRGS nos meses de janeiro e fevereiro de 2003.

5.4.2 Grupo de controle

Os sujeitos do grupo de controle, 12 falantes nativos uruguaios (9 mulheres e 3 homens) residentes em Montevideu, não tinham contato com a língua portuguesa, profissionalmente ou pessoalmente. A média de idade dos sujeitos era de 47 anos e todos tinham, no mínimo, o ensino médio concluído. As entrevistas e a audição dos testes de percepção foram feitas individualmente na residência dos participantes no mês de abril de 2003.

Os falantes nativos realizaram os mesmos testes de percepção que os estudantes brasileiros, na mesma ordem: primeiro a lista de palavras e depois o texto. Entretanto, antes de realizarem esses testes e sem saberem do que tratava a pesquisa, cada participante ouvia a lista de palavras e respondia à seguinte pergunta: *“há algo de errado ou estranho na pronúncia do locutor ou está tudo normal?”*. Sua resposta era então gravada e o mesmo procedimento era realizado com o segundo instrumento de percepção (o texto). O objetivo dessa parte da pesquisa era avaliar o nível de consciência fonológica do falante nativo quanto à nasalização e verificar se a nasalização incomodava ou atrapalhava a compreensão. Após o seu depoimento, o falante nativo recebia a informação de que na verdade essa gravação havia sido feita por um uruguaio, residente no Brasil, e que o mesmo havia nasalizado propositalmente algumas palavras do texto e da lista, tentando simular o que ocorre em sala de aula com muitos alunos aprendizes de LEsp ainda em processo de aquisição fonológica na L2.

5.4.2.1 Impressões do grupo de controle

Embora este capítulo focalize o método da pesquisa e não os seus resultados, entendemos que cabe falar aqui das impressões coletadas junto ao grupo de controle sobre os instrumentos.

Os falantes nativos ouviram os dois testes de percepção sem ter acesso, primeiramente, ao material impresso e responderam à pergunta “*há algo de errado ou estranho na pronúncia do locutor ou está tudo normal?*”. Os depoimentos dos informantes (ver anexos), assim como os resultados nos testes de percepção, mostram que todos percebem que há algo na pronúncia do locutor que difere do espanhol falado em Montevideu, pelo menos. Alguns não conseguiram identificar exatamente qual era a diferença ou não conseguiram explicá-la:

“Está todo normal, menos la ‘a’. Como que la ‘a’, suena distinto. ‘p[a]’, ‘p[a]nera’, no, no sé decirlo. Todo lo que tiene ‘a’. Arrastra la ‘a’. O tiene una tonalidad...suena distinto, suena distinto.”

Entretanto, outros informantes, a identificaram imediatamente, conforme os seguintes depoimentos:

“No, la pronunciación no está perfecta, sobretudo en las palabras que tienen la ‘n’, porque dice, por ejemplo, con una pronunciación distinta de la que nosotros usamos en castellano.”

“...fundamentalmente en la letra “n”, que se nota nasal y en castellano no es nasal. Por lo tanto la palabra se entiende, pero no es el verdadero castellano.”

“...pronuncia mal las “an”, “am”, por ejemplo, va a pronunciar mal si dice “amar”, “cantar”, esos son los errores que comete.”
“Bueno contándote algunas palabras como ‘infancia’, ‘tanto’, ‘cáncer’ y ‘pánico’, como que sintetiza un poco, las cierra más, más similar al portugués...”

“No sé, cuando dice ‘candileja’, ‘hampa’, ‘fámulo’, en la ‘a’ le sale mal, no sé con un acento medio raro, que nosotros no lo decimos. Por ejemplo [a]mar, [a]mo, no [ã]mo, no hablamos así. Y las ‘eñes’ muy bien no le sale, tampoco.”

Três informantes citam a existência de um alongamento na pronúncia do locutor, embora não saibam explicar tecnicamente que se trata de um alongamento vocálico, consequência da nasalização:

“...y hay palabras que como las estira más las letras.”

“...Arrastra la ‘a’...”

“...las “eñes” también. El [ɲ] estaba demasiado enfatizado, cuando acá no decimos. “Huraño” es [u’raɲ] no es [u’raɲ̃].”

A maioria dos informantes acredita que a pronúncia do locutor está muito mesclada à língua portuguesa - *“las palabras están muy aportuguesadas”*, *“se siente una cadencia portuguesa, brasilera en la forma de hablar”* - ou soa estranha *“la pronunciación es muy rara”*. No geral, os informantes disseram que a nasalização é menos perceptível no texto do que na lista de palavras:

“Me pareció que está mucho más mejor hablado que las palabras, pero igual hay cuatro o cinco que están con el tonito bien aportuguesado...”

“Te das cuenta de un poquito, en mucho menos que antes, que diciendo individual.”

“Sigue con el mismo problema, pero, o sea, cuando está leyendo con más continuidad, como que se siente menos el problema. (...) Viste que como que fue, no sé, más continuado, no se notó tanto que cuando habla con palabras aisladas.”

“Ya es un poco más normal, pero mantiene el acento. No lo pierde.”

e um informante chega a declarar que no texto a “pronúncia” está quase perfeita, quase não se nota nada de estranho - *“algunos pasajes de la conversación, pero lo demás perfecto”*. Na verdade, essas respostas eram esperadas, uma vez que no texto há 374 palavras, das quais 32 tiveram a vogal “a” grifada em negrito e, apenas 16, tiveram a vogal “a” nasalizada.

Algumas palavras da lista não foram reconhecidas como palavras da língua espanhola por serem pouco ou nunca usadas em Montevidéu. Estas faziam parte das não cognatas ao português. Entretanto, a palavra cognata “amo” (1ª pessoa do singular do verbo “amar”), que sofreu nasalização na lista de palavras, também não foi compreendida por vários informantes na primeira audição da gravação, chegando estes a perguntar o seu significado. Assim, dependendo da palavra e do contexto em que se encontra, isolada ou não, é possível que a nasalização atrapalhe o entendimento da mesma, embora, ressaltamos, essa não é a opinião da maioria dos entrevistados:

“Yo, creo que sí. Que eso atenta contra la comprensión de la palabra, no es clara la expresión, entonces dificulta el entendimiento.”

“Hay una palabra que yo no la logré entender. Después en la segunda vez que la escuché, me di cuenta de lo que quería decir, pero ahí, no la entendí, para nada.”

“Hay errores en pronunciación. No es que no se pueda entender, sino que no es castellano esa entonación, no es el verdadero.”

Apenas um dos doze entrevistados não demonstrou estranhamento, mas sim simpatia com relação à pronúncia do locutor:

“... se nota, que hay un cantito portugués, brasileiro, pero acá hay mucha gente que habla así, porque también hay unos cuantos brasileiros. Inclusive operadores de radio, radios en FM, que hablan así y uno los siente bien, yo los siento bárbaro, me encanta. No te molesta, entonces? No, para nada.”

Embora não soubessem de que se tratava de uma pesquisa vinculada à formação de professores universitários, foi citado entre os informantes que, se o locutor quisesse de fato falar bem a LEsp, deveria melhorar sua pronúncia:

“No quiere decir con eso que la persona que hable no se le entienda, se le va a entender igual, pero es una cosa a corregir si se quiere hablar bien el idioma.”

De modo geral, a escuta realizada pelos falantes nativos serviu para mostrar que os testes de percepção eram de fato confiáveis e adequados aos fins a que esta pesquisa se propunha.

5.5 Impressão das ondas sonoras das palavras

Para termos certeza de que as palavras que haviam sido nasalizadas na gravação do CD de fato eram vogais nasais e não orais, decidimos imprimir a onda sonora de duas palavras retiradas aleatoriamente do Instrumento de Percepção 1: uma cuja vogal “a” foi pronunciada /a/ e outra cuja vogal “a” foi pronunciada /ã/. As ondas sonoras das palavras *c[ã]morra* e *p[a]nera* mostram uma diferença na altura do F1, com valores em Hz mais baixos para a vogal nasal do que para a oral, o que comprova a diferença entre ambas quanto à nasalização.

As informações deste capítulo servem para descrever a confecção e a aplicação dos instrumentos de percepção e do questionário “Dados do informante” e mostrar como e por quê foram entrevistados os docentes de LEsp desta Universidade e os falantes nativos de Montevideu. De todas as informações contidas nos depoimentos dos falantes nativos sobre as impressões dos instrumentos, a mais relevante é o fato de perceberem um alongamento vocálico na pronúncia do locutor que, segundo eles, inexistente em LEsp. A afirmação de que “a pronúncia do locutor é ‘aportuguesada’”, diferente da sua própria pronúncia, mostra que, mesmo que haja nasalização alofônica em LEsp, esta é imperceptível para o falante nativo.

6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo faremos a apresentação dos resultados dos testes de percepção realizados pelos estudantes de Letras-Licenciatura da UFRGS e discutiremos, também, as informações contidas no questionário “*Dados sobre o Informante*”, que se referem ao contato e interesse pela LEsp por parte dos estudantes desta Universidade (ver anexos). Além disso, teceremos comparações entre os resultados dos estudantes de LEsp e dos falantes nativos.

Iniciaremos a análise dos dados com a Tabela 1, em que apresentamos a média de percepção dos estudantes de Letras e discutimos a diferença entre os instrumentos. Com a Tabela 2, apresentaremos os resultados dos testes de percepção realizados pelos falantes nativos (FN). Em seguida, faremos uma comparação entre os resultados dos estudantes e do grupo de falantes nativos (FN), considerando o peso silábico e a tonicidade das sílabas em que se encontra a vogal /a/ ou /ã/, para analisar quais os fatores que mais influenciaram a percepção da vogal nos diferentes instrumentos de percepção (Tabelas 3 e 4).

Analisaremos também as palavras com menor índice de acerto na lista de palavras (Tabela 5) e no texto (tabela 6), tanto pelos FN quanto pelos alunos de Licenciatura para tentarmos justificar o porquê de algumas palavras terem apresentado maior dificuldade de percepção para os sujeitos.

As tabelas 7 e 8 apresentam os índices de acerto de palavras em que a vogal “a” encontra-se seguida de consoante nasal em sílaba leve tônica e leve átona nos dois instrumentos. É feito um paralelo desses dados com o que ocorre em PB nesses contextos - o brasileiro tende perceber a vogal como nasal nos casos de nasalização alofônica (sílabas leve tônica) e como oral nos casos de nasalização co-articulatória (sílabas leve átona).

A tabela 9, que trata dos dados sobre os informantes, será apresentada por último. Nela, analisaremos a média de acertos geral dos estudantes de Letras de diferentes semestres, levando em conta seu contato e suas dificuldades com a LEsp.

Cabe ressaltar que as tabelas contêm sempre a média aritmética de acerto dos informantes em relação ao número de palavras e o respectivo percentual entre parênteses. O

arredondamento dos resultados foi feito da seguinte forma: após o somatório dos acertos pelo grupo de sujeitos e a divisão pelo número de sujeitos, foi feito o arredondamento de forma que restassem duas casas decimais e, sobre esse resultado, foi feita a porcentagem. (Assim, por exemplo, $13,285/16 = 13,28/16$ e $13,286/16 = 13,29/16$).

6.1 Visão geral dos dados

Os dados da Tabela 1 mostram que os estudantes de LEsp tiveram mais facilidade de perceber a diferença entre oralidade e nasalidade em *palavras isoladas*, ou seja, na lista de palavras, do que em *palavras de um texto*, mesmo que este pudesse ser visualizado (81% x 78% de identificação, respectivamente).

TABELA 1- Média da percepção da vogal “a” entre os ALUNOS DE GRADUAÇÃO (2º, 4º, 6º e 8º semestres) e o respectivo percentual

	Média da percepção da vogal “a”					
	Palavras cognatas	Palavras não cognatas	Sílabas tônicas	Sílabas átonas	Sílabas Leves	Sílabas pesadas
LISTA DE PALAVRAS 25,83/32 (81%)	12,78/16 (80%)	12,91/16 (81%)	13,56/16 (85%)	12,12/16 (76%)	13,92/16 (87%)	11,77/16 (74%)
TEXTO 24,82/32 (78%)	24,82/32 (78%)	–	12,36/15 (82%)	12,41/17 (73%)	11,38/14 (81%)	13,44/18 (75%)

Por outro lado, a média de percepção dos estudantes em *palavras cognatas e não cognatas* varia levemente na lista de palavras (80% x 81%, respectivamente), o que sugere que a percepção da distinção oral/nasal em vogais em LEsp praticamente não é influenciada pelo fato de o vocábulo ser desconhecido, ao contrário do que imaginávamos. Inicialmente acreditávamos que fatores lexicais poderiam provocar alguma diferença na percepção vocálica, em vista do que foi constatado em pesquisa realizada por Hammarberg (apud Piske et al, 2002 : 53). Em sua pesquisa, alemães, aprendizes de sueco, produziram certas vogais suecas com mais acurácia em palavras suecas não cognatas ao alemão do que nas cognatas. Os autores acreditam que nas cognatas, o aprendiz pode aplicar conhecimento já adquirido, deixando de observar o insumo fonético ao produzi-las.

Em ambos os instrumentos, as *sílabas tônicas* são mais facilmente percebidas pelos estudantes do que as *átonas*. Observamos, em ambos os instrumentos, a mesma diferença

entre as taxas de percepção de sílabas tônicas e átonas (9% de diferença). Isso sugere que a tonicidade seja um fator importante para a percepção, já que ela parece ter um papel fundamental quando a atenção pode estar sendo atraída para outras questões.

O *peso silábico* também mostra papel semelhante nos dois instrumentos. Tanto na lista de palavras quanto no texto, as sílabas leves são mais facilmente identificadas do que as pesadas - (87% x 74%, respectivamente) e (81% x 75%, respectivamente). A diferença entre as taxas de percepção de sílabas leves e pesadas é bem semelhante entre os instrumentos, embora ligeiramente maior na lista (13%) do que no texto (6%). Conforme os tipos de nasalização vocálica apontados por Moraes (1997), quando a vogal se apresenta em sílaba travada por consoante nasal, seja em sílaba tônica ou átona, temos o caso de nasalização contrastiva. Neste caso, o brasileiro percebe essa vogal como nasal em 100% dos casos (ver 4.3.3). A nasalização alofônica, quando a vogal é seguida de consoante nasal heterossilábica em sílaba tônica, também é percebida como vogal nasal. Entretanto, a nasalização co-articulatória, aquela resultante de vogal seguida de nasal heterossilábica em sílaba átona, é quase sempre percebida como oral, exceto quando a vogal é seguida de /*ɲ*/ ou em posição postônica. Considerando esses dados, o mais provável seria que as maiores taxas de percepção ocorressem em sílabas pesadas (caso de nasalização contrastiva). Como interpretar, então, esses resultados?

Podemos entendê-los, pensando que nas sílabas fechadas, a proximidade da consoante nasal e da vogal é maior do que nas abertas. Conforme estudos de Beddor (1993) vogais nasais são mais corretamente reconhecidas como nasais quando se encontram mais distantes dos contextos nasais e apresentadas isoladamente [V[Ⓢ]] ou em contextos orais [CV[Ⓢ]C], do que em seu contexto nasal original (Beddor, 1993) – apesar de haver um maior tempo de abaixamento do véu palatino em vogais nasais seguidas de consoante nasal tautossilábica do que naquelas seguidas de nasal heterossilábica. É como se o conhecimento do ouvinte sobre co-articulação o levasse a atribuir a nasalização vocálica às consoantes nasais adjacentes e a ouvir as vogais nasais em contexto nasal como vogais não nasais.

Analisaremos, também, mais adiante, como são percebidas as vogais em contexto de nasalização alofônica e co-articulatória, com os dados das tabelas 7 e 8.

TABELA 2 - Média da percepção da vogal “a” entre FALANTES NATIVOS e o respectivo percentual

	Média da percepção da vogal “a”					
	Palavras cognatas	Palavras não cognatas	Sílabas tônicas	Sílabas átonas	Sílabas Leves	Sílabas pesadas
LISTA DE PALAVRAS 29,42/32 (92%)	14,83/16 (93%)	14,58/16 (91%)	15,33/16 (96%)	14,09/16 (88%)	14,67/16 (92%)	14,75/16 (92%)
TEXTO 27,25/32 (85%)	27,25/32 (85%)	–	13,58/15 (90%)	13,66/17 (80%)	11,08/14 (79%)	16,16/18 (90%)

Os dados da tabela 2 mostram que o falante nativo percebe as vogais orais e as nasais da fala do locutor com muita facilidade, pois as taxas de percepção não baixam de 79%. As taxas são superiores às dos estudantes universitários brasileiros em quaisquer dos semestres investigados (ver Tabela 9). A percepção da nasalidade X oralidade vocálica é maior na lista de palavras do que no texto (92% e 85%, respectivamente), em quaisquer itens que levemos em conta, embora acreditássemos, inicialmente, que o fato de o sujeito receber o texto por escrito (instrumento de percepção 2), poderia facilitar sua percepção. Na verdade, parece ser mais fácil perceber a nasalização na palavra isolada do que em um texto, mesmo podendo visualizar o instrumento. As taxas de percepção da nasalização em *palavras cognatas* e em *palavras não cognatas ao português* são praticamente idênticas, o que era esperado desse grupo de sujeitos, já que para o falante nativo de espanhol não há diferenças. Entretanto, houve uma pequena diferença de 2% entre as taxas de percepção das palavras cognatas (93%) e não-cognatas (91%) para os FN. Acreditamos que isso tenha ocorrido, porque algumas palavras eram desconhecidas para os uruguaios por não serem vocábulos utilizados em Montevideu, embora todas as 32 palavras da lista tenham sido retiradas do dicionário monolíngüe *Señas*, produzido na Espanha. Durante a audição do instrumento, vários FNs mostraram estranhamento com relação a algumas palavras não cognatas, o que talvez os tenha prejudicado.

A *tonicidade* se destaca em ambos os instrumentos. As sílabas tônicas são mais bem percebidas do que as átonas tanto na lista de palavras (96% x 88%, respectivamente) como no texto (90% x 80%, respectivamente). Esses resultados mostram que a diferença entre as

taxas de percepção de sílabas tônicas e átonas é menor na lista de palavras (8%), onde o vocábulo está isolado e maior no texto (10%), onde o vocábulo se apresenta entre diversas palavras.

Na lista de palavras, *o peso silábico* parece não influenciar as taxas de percepção, pois são exatamente as mesmas para sílabas leves e pesadas (92%), diferentemente do que ocorre entre os estudantes de Letras, para os quais as sílabas leves são mais favorecedoras à percepção da distinção nasal/oral. Para o FN, há alguma diferença entre essas sílabas no texto: as pesadas são mais percebidas do que as leves (90% e 79%, respectivamente), ao contrário do que ocorre com os estudantes de Letras, para os quais as taxas apresentam 6% de diferença a favor das leves (81% de identificação das leves X 75% das pesadas). Isso nos leva a crer que o tipo de nasalização tenha algum papel na percepção da nasalização, o que analisaremos mais profundamente nas tabelas 7 e 8.

Os dados acima mostram que, embora não haja fonemas vocálicos orais e nasais em LEsp, o falante nativo é capaz de identificar a nasalização com altas taxas percentuais. Dos 12 informantes, apenas um identificou 100% das vogais nasais e orais do texto. Os outros ficaram na média de 84%. Entretanto, diferentemente dos estudantes de Licenciatura, os falantes nativos ouviram os instrumentos apenas uma vez para respondê-lo, pois já haviam ouvido os mesmos para responder à pergunta sobre sua percepção das características da fala do locutor (ver 5.4.2.1). Se tivessem tido uma segunda oportunidade de ouvir os testes, provavelmente seus percentuais poderiam ter sido superiores.

Embora em estudos teóricos de Quilis (1988) sejam apontados contextos de nasalização vocálica alofônica em LEsp (ver 4.2), a mesma é praticamente imperceptível para o FN, conforme Fails (apud Wetzels, 1997; ver 4.2). Nesta pesquisa, os dados acima comprovam essa questão, pois ao escutarem os testes de percepção, os informantes do grupo de controle sentem estranheza na pronúncia do locutor, identificando-a como “aportuguesada” e diferente da sua própria pronúncia (ver 5.4.2.1 ou Anexos).

A grande diferença entre PB e LEsp parece estar, provavelmente, no grau de nasalidade, como foi proposto por Sampson (1999) e Moraes (1997) (ver 3.2.2, e 4.3.3). Poderíamos sugerir que na LEsp [nasal] seria [+nas1], enquanto que no PB seria [+nas2], [+nas3] ou [+nas4], conforme a proposta de Moraes (1997), e que por isso o falante nativo não consegue notar a nasalização em sua língua, mas a nota na fala de brasileiros estudantes

de LEsp que não conseguem evitar a nasalização vocálica, resultado da transferência de sua L1.

Considerando os dados das Tabelas 1 e 2, podemos dizer que os estudantes de Letras e os falantes nativos se assemelham nas seguintes questões com relação à distinção vocálica oral/nasal:

- para ambos os grupos, a percepção vocálica é melhor na lista de palavras do que no texto;

- as taxas de percepção das palavras cognatas e não cognatas ao PB são praticamente idênticas na lista de palavras, o que mostra que, para os sujeitos desta pesquisa, a não identificação semântica não interfere na percepção fonológica da nasalização vocálica;

- a distinção oral/nasal na vogal “a” é mais perceptível em sílabas tônicas do que nas átonas em ambos os instrumentos, o que evidencia a relevância da tonicidade para a percepção.

Estudantes de Letras e falantes nativos se diferenciam ligeiramente, entretanto, com relação ao tipo de nasalização. Para os estudantes, palavras com nasalização alofônica e co-articulatória são favorecedoras à distinção oral/nasal em ambos os instrumentos. Já para os falantes nativos não há diferença quanto ao tipo de nasalização, mas, no texto, palavras com nasalização contrastiva são mais perceptíveis do que palavras com nasalização alofônica ou co-articulatória (11%.)

6.2 Detalhamento da análise

Nesta seção, apresentamos os resultados dos instrumentos de percepção realizados pelos grupos de estudantes de graduação inscritos nos diferentes semestres de LEsp, para verificar se a percepção varia em função de um maior insumo de LEsp. Esses resultados podem ser observados na tabela abaixo:

TABELA 3 – Média da percepção da vogal “a” e o respectivo percentual dos alunos de Licenciatura e dos falantes nativos (FN) na LISTA DE PALAVRAS

Nome	Palavras Não Cognatas (16)					Palavras Cognatas (16)				
	% acerto total	átonas	tônicas	leves	pesadas	% acerto total	átonas	tônicas	leves	pesadas
FN	14,58/16 (91%)	7/8 (87%)	7,58/8 (95%)	7,25/8 (91%)	7,33/8 (92%)	14,83/16 (93%)	7,09/8 (89%)	7,75/8 (97%)	7,42/8 (93%)	7,42/8 (93%)
2º sem	12,45/16 (78%)	6,4/8 (80%)	6/8 (75%)	7,1/8 (89%)	5,3/8 (66%)	12,35/16 (77%)	5,5/8 (69%)	6,75/8 (84%)	6,45/8 (81%)	5,8/8 (72%)
4º sem	12,8/16 (80%)	6,25/8 (78%)	6,55/8 (82%)	7,35/8 (92%)	5,45/8 (68%)	12,8/16 (80%)	5,95/8 (74%)	6,85/8 (86%)	6,8/8 (85%)	6/8 (75%)
6º sem	13,25/16 (83%)	6,55/8 (82%)	6,7/8 (84%)	7,2/8 (90%)	6,05/8 (76%)	12,7/16 (79%)	5,2/8 (65%)	7,5/8 (94%)	7,0/8 (87%)	5,7/8 (71%)
8º sem	13,14/16 (82%)	6,5/8 (81%)	6,64/8 (83%)	7/8 (87%)	6,14/8 (77%)	13,28/16 (83%)	6,11/8 (76%)	7,14/8 (89%)	6,78/8 (85%)	6,47/8 (81%)

Diferentemente da Tabela 1, que apresenta a média geral de percepção da vogal “a” entre os estudantes de graduação nos dois instrumentos, as tabelas 3 e 4 apresentam as médias de percepção da vogal “a” dos FN e dos estudantes de cada semestre, em cada instrumento de percepção.

Os resultados do teste de percepção “LISTA DE PALAVRAS”, apontados na Tabela 3, mostram que as taxas de percepção são praticamente as mesmas entre *palavras cognatas e não cognatas*. As taxas são idênticas no 4º semestre (80%) e há uma diferença de 1% no 2º e 8º semestres (77% x 78% e 83% x 82%, respectivamente). Para os alunos de 6º semestre, a diferença é levemente maior: 4% (79% x 83%). Para estes estudantes, o reconhecimento da qualidade vocálica foi maior nas palavras não-cognatas. Contudo, como

apenas este grupo se diferenciou dos demais, não podemos afirmar que o fato de uma palavra não ser cognata ao PB auxilie na percepção da distinção oral/nasal.

Observemos o que ocorre entre os semestres com relação à *tonicidade* na Lista de Palavras. Em palavras não cognatas, os resultados são parelhos, exceto para os alunos de 2º semestre: para estes, a média de percepção da distinção oral/nasal é maior em sílabas átonas do que nas tônicas (80% x 75%, respectivamente), enquanto que, para os alunos de 4º, 6º e 8º semestres, é maior nas tônicas (78% x 82%, 82% x 84% e 81% x 83%, átonas x tônicas, respectivamente). Entretanto, o papel da tonicidade nas palavras cognatas é diferente: em todos os semestres a sílaba tônica é a que apresenta melhores taxas de percepção, sendo que para os falantes nativos (FN), as tônicas são mais percebidas tanto em palavras cognatas como em não cognatas (95% x 87% e 97% x 89%, respectivamente).

Com relação à identificação da nasalização contrastiva, alofônica e co-articulatória a média de percepção da vogal “a” foi mais alta em contextos de nasalização alofônica e co-articulatória para os alunos de todos os semestres, tanto em palavras não cognatas quanto em cognatas. Esse resultado somente se mostrou diferente para os FNs, que apresentaram taxas de percepção maiores em contextos de nasalização contrastiva em palavras não-cognatas, embora com uma diferença mínima de 1% e idêntica nas cognatas (93%). Entre as palavras cognatas, o peso silábico se mostra mais importante para os alunos de 4º e 6º semestres, pois a diferença entre o percentual de percepção de palavras com nasalização alofônica ou co-articulatória x nasalização contrastiva para esses alunos é de 10% e 16%, respectivamente), enquanto que para os de 2º e 8º semestres as diferenças são de 9% e 4%, respectivamente. Já entre as não-cognatas, essa diferença se mostra mais importante para os alunos de 2º e 4º semestres (23% e 24% respectivamente) do que para os de 6º e 8º semestres (14% e 10%, respectivamente). Seja como for, entre todos os semestres, o tipo de nasalização parece ter menor importância para a distinção vocálica oral/nasal na lista de palavras entre os alunos de 8º. semestre.

TABELA 4 – Média da percepção da vogal “a” e o respectivo percentual dos alunos de Licenciatura e dos falantes nativos no TEXTO

INFORMANTES	Palavras Cognatas (32)				
	% acerto total	Átonas	tônicas	Leves	pesadas
FN	29,5/32 (92%)	13,66/17 (80%)	13,58/15 (90%)	11,08/14 (79%)	16,16/18 (90%)
2º sem	23/32 (72%)	11,6/17 (68%)	11,4/15 (76%)	10,8/14 (77%)	12,2/18 (68%)
4º sem	26,25/32 (81%)	13,4/17 (79%)	12,85/15 (86%)	12,1/14 (86%)	14,15/18 (79%)
6º sem	24,75/32 (78%)	12,2/17 (72%)	12,55/15 (84%)	11,55/14 (82%)	13,2/18 (73%)
8º sem	25,28/32 (78%)	12,64/17 (74%)	12,64/15 (84%)	11,06/14 (79%)	14,22/18 (79%)

Os resultados do teste de percepção “TEXTO”, apontados na Tabela 4, mostram que não há diferença entre os semestres com relação à *tonicidade*: as sílabas tônicas prevalecem sobre as átonas como favorecedoras para a distinção oral/nasal para os estudantes dos diferentes semestres, inclusive para os FN. O que varia é a diferença entre as taxas de percepção de sílabas átonas e tônicas em cada semestre: 2º, 4º, 6º e 8º semestres (8%, 7%, 12% e 10%, respectivamente). Ou seja, entre todos os semestres, a tonicidade parece ter menor importância para a distinção vocálica oral/nasal entre os alunos de 2 e 4º semestres.

Com relação ao *tipo de nasalização*, a média de percepção da vogal “a” foi maior em sílabas com nasalização alofônica ou co-articulatória do que nas palavras de nasalização contrastiva do 2º ao 6º semestre, assim como observamos na Lista de Palavras (Tabela 3) e nula para os alunos de 8º semestre (79% x 79%). Observamos que, enquanto a diferença entre taxas de percepção de palavras com nasalização alofônica ou co-articulatória e nasalização contrastiva é nula para os alunos de 8º semestre, para os alunos do 2º, 4º e 6º semestres alcança quase dez por cento (9%, 7% e 9%, respectivamente). Para os FN, ao contrário, a percepção da distinção oral/nasal foi maior nos casos de nasalização contrastiva do texto, com uma diferença de 11%.

TABELA 5 – Palavras com menor índice de acerto na LISTA DE PALAVRAS
(nº de informantes que identificaram corretamente a vogal da (s) palavra (s)/ nº de informantes do respectivo grupo = percentual de acerto daquela palavra no respectivo grupo)

INFORMANTES	Palavra (pronúncia da vogal “a” pelo locutor)
Falantes nativos (12 informantes)	<u>a</u> ñejo (N), <u>ma</u> nera(N) (6/12= 50%) <u>cha</u> m <u>ba</u> (N) (7/12= 58%)
2º sem (20 informantes)	mangu <u>i</u> to (O), <u>za</u> n <u>ja</u> (O) (9/20= 45%) <u>cha</u> nda <u>l</u> (O) (10/20= 50%) tranqui <u>l</u> idad (N), <u>ta</u> m <u>bi</u> én(O), <u>ba</u> ndera (O) (11/20= 55%)
4º sem (20 informantes)	bugan <u>vi</u> lla (O), mangu <u>i</u> to(O), <u>ta</u> m <u>bi</u> én (O) (11/20= 55%) <u>za</u> n <u>ja</u> (O) (12/20= 60%)
6º sem (20 informantes)	<u>ta</u> m <u>bi</u> én (O), <u>ba</u> ndera (O) (8/20 = 40%) mangu <u>i</u> to(O) (10/20= 50%) <u>za</u> n <u>ja</u> (O), tranqui <u>l</u> idad (N) (12/20= 60%)
8º sem (14 informantes)	bugan <u>vi</u> lla (O), <u>za</u> n <u>ja</u> (O), <u>pl</u> aneta (N) (8/14= 57%) mangu <u>i</u> to (O), <u>ta</u> m <u>bi</u> én (O), <u>ba</u> ndera (O) (9/14= 64%)

A tabela 5 apresenta as palavras que tiveram o menor índice de percepção entre os estudantes de cada semestre e entre os falantes nativos na Lista de Palavras e, entre parênteses, se a vogal foi pronunciada pelo locutor como vogal oral (O) ou nasal (N). Analisemos o que essas palavras têm em comum.

Entre os falantes nativos, das três palavras com menor índice de acerto (58% ou menos) duas apresentam a vogal /a/ em sílaba leve (añejo, manera) e uma em sílaba pesada (chamba). Todas as três palavras tiveram a vogal “a” pronunciada como nasal (N), mas identificada como oral (O) pelos FN. Em duas das três palavras, a vogal “a” se apresenta em sílaba pre-tônica (añejo, manera) e uma em sílaba tônica (chamba). A única palavra em que a vogal “a” está em sílaba pesada apresenta uma consoante oclusiva após a consoante nasal (cham/b/a).

Entre os alunos do 2º semestre, das seis palavras com menor índice de acerto (55% ou menos) todas apresentam a vogal /a/ em sílaba pesada (manguito, zanja, chandal, tranquilidad, también, bandera). Em cinco dessas seis palavras, a vogal “a” foi

pronunciada como vogal oral (O), mas identificada como nasal (N) pelos estudantes (manguito, zanja, chándal, también, bandera) e uma como nasal (N), mas identificada como oral (O) (tranquilidad). Em quatro das seis palavras, a vogal “a” encontra-se em sílaba pretônica (manguito, tranquilidad, tamb*ie*n, bandera) e em duas em sílaba tônica (chándal, zanja). Cinco das seis palavras, apresentam consoante oclusiva após a consoante nasal (man/g/ito, chán/d/al, tran/k/ilidad, tam/b/ién, ban/d/era) e apenas uma apresenta consoante fricativa após a nasal (zan/x/a).

Entre os alunos do 4º semestre, das quatro palavras com menor índice de acerto (60% ou menos) todas apresentam a vogal /a/ em sílaba pesada (buganvilla, manguito, también, zanja). Todas tiveram a vogal “a” pronunciada como oral (O), mas identificada como nasal (N) pelos estudantes. Três dessas quatro palavras apresentam a vogal “a” em sílaba pretônica (buganvilla, manguito, tamb*ie*n) e uma em sílaba tônica (zanja). Três palavras apresentam a consoante nasal seguida de oclusiva (bugan/b/illa, man/g/ito, tam/b/ién) e uma seguida de fricativa (zan/x/a).

Entre os alunos do 6º semestre, das cinco palavras com menor índice de acerto (60% ou menos) todas apresentam a vogal /a/ em sílaba pesada (también, bandera, manguito, zanja, tranquilidad). Quatro das cinco palavras tiveram a vogal “a” pronunciada como oral (O), mas identificada como nasal (N) pelos estudantes (también, bandera, manguito, zanja) e uma como nasal (N), mas identificada como oral (O) (tranquilidad). Quatro dessas cinco palavras apresentam a vogal “a” em sílaba pretônica (tamb*ie*n, bandera, manguito, tranquilidad) e uma em sílaba tônica (zanja). Quatro palavras apresentam a consoante nasal seguida de oclusiva (tam/b/ién, ban/d/era, man/g/ito, tran/k/ilidad) e uma seguida de fricativa (zan/x/a).

Entre os alunos do 8º semestre, das seis palavras com menor índice de acerto (64% ou menos) cinco apresentam a vogal /a/ em sílaba pesada (buganvilla, zanja, manguito, también, bandera) e uma em sílaba leve (planeta). Cinco das seis palavras tiveram a vogal “a” pronunciada como oral (O), mas identificada como nasal (N) pelos estudantes (buganvilla, zanja, manguito, también, bandera) e uma como nasal (N) e identificada como oral (O) (planeta). Cinco dessas seis palavras apresentam a vogal “a” em sílaba pretônica (buganvilla, planeta, manguito, tamb*ie*n, bandera) e uma em sílaba tônica (zanja). Entre as palavras com a vogal “a” está em sílaba pesada, quatro delas apresentam a consoante nasal

seguida de oclusiva (bugan/b/illa, man/g/ito, tam/b/ién, ban/d/era) e uma seguida de fricativa (zan/x/a).

Considerando os dados da Tabela 5, verificamos algumas semelhanças entre as palavras com menor índice de acerto entre os estudantes no instrumento “Lista de Palavras”.

A maioria das palavras teve a vogal “a” pronunciada como (O), mas percebida como (N) pelos estudantes, ou seja, os sujeitos percebem uma nasalização onde não há. No caso dos FN, o que ocorre é o contrário: estes não percebem a nasalização nas três palavras que tiveram menor índice de acerto (añejo (N), manera (N), chamba (N)).

A maioria das palavras apresenta a vogal “a” em sílaba pesada, o que indica que o fato de a vogal se apresentar em sílaba travada numa lista de palavras em LEsp causa certa confusão ao estudante, que acaba atribuindo o traço [nasal] da consoante à vogal. Esses dados combinam com os da Tabela 1, na qual observamos que sílabas leves auxiliam a percepção da distinção oral/nasal nesse tipo de instrumento. Para o FN, entretanto, o peso silábico não parece não ser relevante, conforme vemos também na Tabela 1.

A maioria das palavras apresenta a vogal “a” em sílaba pretônica. Mais uma vez, a informação combina com as informações da Tabela 1, na qual observamos que a tonicidade é o que mais auxilia o estudante e o FN a perceberem a distinção oral/nasal, embora para o estudante a diferença de percepção entre tônicas e átonas seja maior do que para o FN. Assim, quanto mais distante estiver a vogal da sílaba tônica, menores as chances de ser percebida corretamente.

A maioria das palavras em que a vogal “a” está em sílaba pesada, apresenta uma consoante oclusiva após a nasal. De acordo com Moraes e Wetzels (1992), quando a vogal nasal se apresenta em sílaba travada em PB, a consoante nasal alonga a vogal e abrevia significativamente a duração da consoante seguinte se esta for oclusiva. Mas, se a consoante nasal for seguida de fricativa, não ocorre o alongamento da vogal nasal, nem a redução da consoante seguinte. Nesta pesquisa, a maioria das palavras com baixo percentual de percepção teve a vogal “a” pronunciada como (O) oral e identificada como nasal (N) pelos estudantes. Os estudantes podem estar percebendo alguma nasalização nesses vocábulos, baseados, inconscientemente, no que ocorre em PB. Entretanto, em LEsp, quando uma vogal está em sílaba travada por consoante nasal, a nasal não abrevia significativamente a duração da oclusiva nem da fricativa (Moraes e Wetzels, 1992). Cabe lembrar, também, que na lista,

16 palavras apresentavam a vogal “a” em sílaba travada por nasal: 15 nasais eram seguidas de oclusivas e apenas uma de fricativa. Assim, não podemos fazer maiores comparações entre as propriedades da consoante oral seguinte e sua influência na percepção da distinção oral/nasal no instrumento de percepção um (lista de palavras). No instrumento de percepção 2 (texto), há três palavras em que a sílaba travada por nasal é seguida de fricativa: infan/s/ia, cán/s/er, circunstan/s/ia. Analisemos, a seguir, se a propriedade da consoante seguinte tem ou não alguma influência sobre a percepção no instrumento dois.

TABELA 6 – Palavras com menor índice de acerto no TEXTO
(n^o de informantes que identificaram corretamente a vogal da (s) palavra (s)/ n^o de informantes do respectivo grupo = percentual de acerto daquela palavra no respectivo grupo)

INFORMANTES	Palavra (pronúncia da vogal “a” pelo locutor)
Falantes nativos (12 informantes)	familiar (N) (3/12= 25%) manera(N) (5/12= 42%)
2º sem (20 informantes)	Blancanieves (N), ambientes (O), manera (N), anticuado (O) (9/20= 45%) familiar (N), llame (O) (10/20= 50%)
4º sem (20 informantes)	planeta (N) (9/20= 45%) soñando (O), importante (O), manera (N) (11/20= 55%)
6º sem (20 informantes)	Blancanieves (N) (7/20 = 35%) ambientes (O) (10/20 = 50%) planeta (N), familiar (N) (11/20 = 55%)
8º sem (14 informantes)	familiar (N) (4/14 = 29%) manera (N) (6/14 = 43%) planeta (N), llame (O) (8/14 = 57%)

A tabela 6 apresenta as palavras que tiveram o menor índice de percepção entre os estudantes de cada semestre e entre os falantes nativos no Texto. Analisemos o que essas palavras têm em comum.

Mais uma vez, entre os falantes nativos, as duas palavras com menor índice de acerto (45% ou menos) apresentam a vogal /a/ em sílaba aberta (familiar, manera) e pronunciada como nasal (N), mas identificada como oral (O) pelos sujeitos. Além disso, ambas as palavras apresentam a vogal “a” em sílaba pre-tônica (familiar, manera).

Entre os alunos do 2º semestre, das seis palavras com menor índice de acerto (50% ou menos) três apresentam a vogal /a/ em sílaba pesada (**Blancanieves**, **ambientes**, **anticuado**) e três em sílabas leves (**manera**, **familiar**, **llame**). Em três dessas seis palavras, a vogal “a” foi pronunciada como vogal oral (O), mas identificada como nasal (N) pelos estudantes (**ambientes**, **anticuado**, **llame**) e em três como nasal (N), mas identificada como oral (O) (**Blancanieves**, **manera**, **familiar**). Em cinco das seis palavras, a vogal “a” encontra-se em sílaba pretônica (**Blancanieves**, **ambientes**, **manera**, **anticuado**, **familiar**) e em uma palavra em sílaba tônica (**llame**). Das três palavras em que a vogal se encontra em sílaba travada, todas apresentam consoante oclusiva após a nasal (Blan/k/anieves, am/b/iente, anti/k/uado).

Entre os alunos do 4º semestre, das quatro palavras com menor índice de acerto (55% ou menos) duas apresentam a vogal /a/ em sílaba pesada (**soñando**, **importante**) e duas em sílaba leve (**planeta**, **manera**). Em duas dessas quatro palavras, a vogal “a” foi pronunciada como vogal oral (O), mas identificada como nasal (N) pelos estudantes (**soñando**, **importante**) e em duas como nasal (N), mas identificada como (O) (**planeta**, **manera**). Em duas das quatro palavras, a vogal “a” encontra-se em sílaba pretônica (**planeta**, **manera**) e em duas em sílaba tônica (**soñando**, **importante**). Das duas palavras em que a vogal se encontra em sílaba travada, ambas apresentam consoante oclusiva após a nasal (soñan/d/o, importan/t/e).

Entre os alunos do 6º semestre, das quatro palavras com menor índice de acerto (55% ou menos) duas apresentam a vogal /a/ em sílaba pesada (**Blancanieves**, **ambientes**) e duas em sílaba leve (**planeta**, **familiar**). Das quatro palavras, três tiveram a vogal “a” pronunciada como vogal nasal (N), mas identificada como nasal (O) pelos estudantes (**Blancanieves**, **planeta**, **familiar**) e uma como oral (O), mas identificada como (N) (**ambientes**). Todas as quatro palavras apresentam a vogal “a” em sílaba pretônica (**Blancanieves**, **ambientes**, **planeta**, **familiar**). Das duas palavras em que a vogal se encontra em sílaba travada, ambas apresentam consoante oclusiva após a nasal (Blan/k/anieves, am/b/ientes).

Entre os alunos do 8º semestre, das quatro palavras com menor índice de acerto (57% ou menos) todas apresentam a vogal /a/ em sílaba leve (**familiar**, **manera**, **planeta**, **llame**). Das quatro palavras, três tiveram a vogal “a” pronunciada como vogal nasal (N), mas identificada como oral (O) pelos estudantes (**familiar**, **manera**, **planeta**) e uma como oral (O), mas identificada como nasal (N) (**llame**). Três das quatro palavras apresentam a vogal “a” em sílaba pretônica (**familiar**, **manera**, **planeta**) e uma em sílaba tônica (**llame**).

No texto, entre as 18 palavras com menor índice de identificação entre os estudantes, 16 contêm a vogal “a” seguida de consoante nasal, tauto ou heterossilábica, na sílaba inicial da palavra. Na lista, entre as 21 palavras com menor índice de percepção, 19 apresentam a vogal “a” na sílaba inicial seguida de nasal. Cabe lembrar, também, que não foram selecionados apenas monossílabos e dissílabos para os instrumentos. Assim, NÃO podemos afirmar que a percepção da nasalização seja influenciada pela posição do segmento vocálico na palavra.

Ao contrário, em pesquisas realizadas por Cole (1991), apesar da diferença percentual entre os candidatos, percebeu-se que na audição de fala corrente, tanto os adultos quanto as crianças parecem dar maior atenção aos começos de palavras que aos finais. Cole avaliou a habilidade de adultos e crianças em detectar palavras mal pronunciadas em histórias gravadas em inglês e verificou que a pronúncia inicial de palavras monossilábicas foi bem mais percebida que mudanças em posição final de palavra, tanto com relação ao vozeamento de consoantes, quanto ao ponto de articulação de oclusivas sonoras e nasais /m/ e /n/. Enquanto que os adultos, estudantes universitários, detectaram a pronúncia errada de segmentos em posição inicial, média e final de palavra com os valores percentuais de 95%, 86% e 71%, respectivamente, as crianças, de 5 anos de idade, detectaram os mesmos erros com valores percentuais de 51%, 27% e 12%.

Considerando os dados da Tabela 6, verificamos algumas semelhanças entre as palavras com menor índice de acerto entre os estudantes e os FN no instrumento “Texto”. Paralelamente a essas semelhanças, apontamos as diferenças entre as palavras com menor índice de percepção na Lista e no Texto (Tabelas 5 e 6).

No texto, onde a palavra não se encontra isolada, os ouvintes têm mais dificuldade em perceber a nasalização vocálica e acabam apontando a vogal nasal como oral. Das 20 palavras com menor índice de acerto no Texto, a maioria apresenta a vogal “a” pronunciada como (N), mas é percebida como (O) pelos sujeitos (13 palavras). Esse resultado é o contrário daquele encontrado na Lista de Palavras: dos 24 vocábulos com menor índice de acerto, 18 continham a vogal “a” pronunciada como oral (O), mas percebida como nasal (N) pelos ouvintes.

Ao contrário do que ocorre na Lista, mais da metade das palavras com menor índice de percepção apresenta a vogal “a” em sílaba leve. Assim, esses resultados levam a relativizar um pouco o que foi concluído anteriormente e sugerem que há mais aspectos a serem

averiguados. Talvez o fato de a palavra não ser dita entre outras palavras no texto, desvie a atenção do ouvinte e influencie seu desempenho. Outra questão que pode ter influenciado a percepção do ouvinte no texto é fato de que, em alguns parágrafos, a vogal “a” teve a mesma pronúncia (O ou N) em três ou quatro palavras consecutivas (parágrafos 1º, 2º e 4º). Isso não ocorreu propositalmente, mas acidentalmente, ao decidirmos gravar metade das palavras com a vogal nasalizada e metade com a vogal oral, levando em conta seu padrão silábico e tonicidade.

A primeira semelhança que encontramos entre os dois instrumentos com relação às palavras com menor índice de percepção é a tonicidade. No texto, das 18 palavras com menor índice de acerto, 16 apresentam a vogal “a” em sílaba pretônica, enquanto que na lista, 18 das 24 palavras apresentam a vogal “a” em sílaba pretônica. Ou seja, entre o peso silábico e a tonicidade, esta se mostra mais relevante para a distinção oral/nasal independentemente do instrumento avaliado.

Entre todas as palavras com menor índice de acerto no Texto que apresentavam a vogal “a” em sílaba travada, nenhuma delas continha consoante nasal seguida de fricativa, apenas de oclusiva. Considerando que no Texto havia 3 palavras com consoante nasal seguida de fricativa (infan/s/ia, cán/s/er, circunstan/s/ia) e que todas as três apresentavam a vogal “a” em sílaba tônica, fica difícil definir se essas palavras não apareceram nas tabelas com menor índice de acerto porque a nasal está seguida de fricativa e não de oclusiva ou porque a vogal está em sílaba tônica e não pretônica.

TABELA 7 – Índice de acerto da vogal “a” em sílabas leves tônicas e leves átonas na LISTA (nº de informantes que identificaram corretamente a vogal da (s) palavra (s)/ nº de informantes do respectivo grupo = percentual de acerto daquela palavra no respectivo grupo)

<i>Palavras em que a vogal “a” se apresenta em sílaba tônica leve (casos de nasalização alofônica)</i>					
	FN (12 inform.)	2º sem (20 inform.)	4º sem (20 inform.)	6º sem (20 inform.)	8º sem (14 inform.)
lega <u>a</u> ña (N)	12/12	19/20	20/20	19/20	13/14
fá <u>m</u> ulo (O)	12/12	19/20	19/20	16/20	13/14
Meng <u>a</u> no (N)	12/12	17/20	19/20	19/20	11/14
hura <u>a</u> ño (O)	12/12	13/20	17/20	19/20	12/14
ca <u>a</u> ño (O)	12/12	14/20	15/20	19/20	12/14
urb <u>a</u> no (N)	12/12	19/20	19/20	19/20	13/14
<u>a</u> mo (N)	12/12	18/20	19/20	19/20	13/14
pá <u>a</u> nico (O)	12/12	18/20	19/20	20/20	13/14
MÉDIA DE ACERTO	12/12 (100%)	17,12/20 (86%)	18,37/20 (92%)	18,75/20 (94%)	12,5/14 (89%)

<i>Palavras em que a vogal “a” se apresenta em sílaba átona leve (casos de nasalização co-articulatória)</i>					
	FN (12 inform.)	2º sem (20 inform.)	4º sem (20 inform.)	6º sem (20 inform.)	8º sem (14 inform.)
a <u>a</u> ñejo (N)	6/12	19/20	19/20	16/20	13/14
a <u>a</u> ñico (O)	12/12	20/20	18/20	17/20	12/14
pan <u>a</u> ra (O)	10/12	17/20	17/20	19/20	12/14
cam <u>a</u> orra (N)	11/12	18/20	18/20	19/20	12/14
plan <u>a</u> ta (N)	11/12	12/20	14/20	15/20	8/14
da <u>a</u> ñoso (O)	12/12	15/20	17/20	16/20	11/14
man <u>a</u> ra (N)	6/12	17/20	15/20	16/20	12/14
canel <u>a</u> ón (O)	12/12	16/20	18/20	16/20	14/14
MÉDIA DE ACERTO	10/12 (83%)	16,75/20 (84%)	17/20 (85%)	16,75/20 (84%)	11,75/14 (84%)

TABELA 8 – Índice de acerto da vogal “a” em sílabas leves tônicas e leves átonas no TEXTO (n^o de informantes que identificaram corretamente a vogal da (s) palavra (s)/ n^o de informantes do respectivo grupo = percentual de acerto daquela palavra no respectivo grupo)

Palavras em que a vogal “a” se apresenta em sílaba tônica leve (casos de nasalização alofônica)

	FN (12 inform.)	2º sem (20 inform.)	4º sem (20 inform.)	6º sem (20 inform.)	8º sem (14 inform.)
ver <u>a</u> no (O)	11/12	18/20	18/20	19/20	12/14
<u>a</u> ma (N)	12/12	20/20	20/20	20/20	14/14
ll <u>a</u> me (O)	11/12	10/20	16/20	12/20	8/14
<u>d</u> ramas (N)	9/12	18/20	19/20	19/20	12/14
<u>p</u> ânico (N)	11/12	18/20	20/20	20/20	14/14
MÉDIA DE ACERTO	10,8/12 (90%)	16,8/20 (84%)	18,6/20 (93%)	18/20 (90%)	12/14 (86%)

Palavras em que a vogal “a” se apresenta em sílaba átona leve (casos de nasalização co-articulatória)

	FN (12 inform.)	2º sem (20 inform.)	4º sem (20 inform.)	6º sem (20 inform.)	8º sem (14 inform.)
pl <u>a</u> net <u>a</u> (N)	10/12	11/20	9/20	11/20	8/14
pl <u>a</u> net <u>a</u> (O)	8/12	18/20	18/20	18/20	14/14
ma <u>n</u> era (O)	11/12	17/20	19/20	15/20	14/14
ll <u>a</u> mar (O)	11/12	17/20	20/20	19/20	13/14
fa <u>m</u> iliar (N)	3/12	10/20	15/20	11/20	4/14
ma <u>n</u> era (O)	11/12	17/20	20/20	19/20	13/14
dra <u>m</u> atizar (O)	11/12	18/20	20/20	20/20	14/14
da <u>n</u> ado (N)	9/12	13/20	16/20	16/20	9/14
ma <u>n</u> era (N)	5/12	9/20	11/20	12/20	6/14
MÉDIA DE ACERTO	8,78/12 (73%)	14,44/20 (72%)	16,44/20 (82%)	15,67/20 (83%)	10,55/14 (75%)

As tabelas 7 e 8 apresentam as palavras em que a vogal “a” se encontra em sílabas leves tônicas e leves átonas em ambos os instrumentos. A intenção é verificar, baseado no que ocorre em PB, se nessas palavras há variação nas taxas de percepção entre os estudantes da pesquisa, já que esses dados não foram cruzados em nenhuma outra tabela. Em PB, os brasileiros percebem as vogais como nasais nos casos de nasalização contrastiva e alofônica, mas como orais em praticamente todos os casos de nasalização co-articulatória (Moraes, 1997). Os únicos casos de nasalização co-articulatória em que os falantes de PB percebem a vogal como nasal são aqueles em que a vogal é seguida de /*ɲ*/ ou em que a vogal está em sílaba postônica.

Cabe lembrar, novamente, os três tipos de nasalização do PB, conforme Moraes (1997). A nasalização *contrastiva* é aquela em que a vogal se apresenta em sílaba tônica ou átona, mas sempre seguida de consoante nasal tautossilábica. A *alofônica* é aquela em que a vogal se apresenta em sílaba tônica, seguida de consoante nasal heterossilábica e a *co-articulatória* apresenta a vogal em sílaba átona, seguida de consoante nasal heterossilábica.

Os dados das Tabela 7 e 8 indicam que, tanto na Lista quanto no Texto, os grupos de sujeitos da pesquisa apresentam médias de percepção mais altas quando a vogal “a” se encontra em sílaba tônica leve do que em sílaba átona leve. Esse resultado é unânime entre os diferentes semestres de Licenciatura e o grupo de FNs, como pode ser visto pelas médias de acerto. Os resultados indicam que, também em LEsp, o brasileiro estudante de espanhol como LE, identifica melhor a distinção oral/nasal em contextos em que, em PB, teríamos nasalização alofônica do que em contextos de nasalização co-articulatória.

Nos dois instrumentos de percepção, não há casos em que a vogal seguida de nasal esteja em sílaba leve postônica. Assim, não podemos analisar se nesse contexto as taxas de percepção da nasalidade seriam diferentes em sílabas leves pretônicas.

Na Lista, há três palavras em que a vogal “a” está em sílaba leve átona seguida de /**★**/ (añejo (N), añico (O), danoso(O)) e, no texto, há uma (dañado (N)). Em PB, nesse contexto a vogal também tende a ser percebida como nasal e não como oral pelos brasileiros. Considerando esses exemplos das Tabelas 7 e 8, percebemos que em LEsp, o fato de a vogal estar seguida da consoante nasal palatal /**★**/, não faz com que o ouvinte necessariamente a perceba como nasal (N). Tanto é assim que, por exemplo, na palavra *añico*(O), que teve a vogal “a” pronunciada como oral, as taxas de percepção foram bem altas tanto entre os alunos dos diferentes semestres (100%, 90%, 85%, 86%, do 2º ao 8º semestres, respectivamente) quanto para os FNs (100%). Se a palatal nasal /**★**/ fizesse com que o ouvinte percebesse a vogal necessariamente como nasal, as taxas de percepção para essa palavra teriam sido bem inferiores.

6.3 Aspectos extralingüísticos

TABELA 9 - Dados sobre os informantes
(Alunos de Licenciatura e Falantes Nativos - FN)

Semestre	2º (20 alunos)	4º (20 alunos)	6º (20 alunos)	8º (14 alunos)	FN (12 informantes)
ITENS					
Homens / Mulheres	1/19 (5% - 95%)	4/16 (20% - 80%)	1/19 (5% - 95%)	3/11 (21.4%-78.6%)	3/12 (25% - 75%)
Média de idade	23 anos	26 anos	26 anos	28 anos	47 anos
Estudaram LEsp antes da graduação	15% média 1 sem.	25% média 3 sem.	20% média 3 sem.	36% média 3 sem.	-
Estudam LEsp em cursos de língua atualmente	0%	25%	5%	0%	-
Participaram de Oficina de Pronúncia	0%	50%	35%	50%	-
Usaram livro didático nas aulas de LEsp (média de semestres)	5% (1 sem)	65% (1 sem)	30% (1 sem)	50% (1,5 sem)	
Falam LEsp só em sala de aula ⁸	85%	65%	45%	36%	-
Afirmam ter mais dificuldade na Pronúncia do que nas outras habilidades	35%	50%	30%	43%	-
Em LEsp o que você prefere? ⁹ F(falar) E(escrever) O(ouvir) L(ler)	F (40%) E(40%) O(40%) L(75%)	F (35%) E(15%) O(55%) L(60%)	F (30%) E(25%) O(45%) L(78%)	F (50%) E(50%) O(57%) L(78%)	
Média de acertos na Lista de Palavras	24,80/32(77%)	25,60/32(80%)	26,50/32 (83%)	26,42/32(83%)	29,42/32(92%)
Média de acertos no Texto	23/32 (72%)	26,25/32(82%)	24,75/32 (77%)	25,28/32(79%)	27,25/32(85%)

Inicialmente acreditávamos que haveria diferença entre as taxas de percepção dos alunos dos semestres iniciais e a dos alunos dos semestres finais, devido a uma maior experiência destes com a LEsp. Entretanto, como vemos na Tabela 9, não há um aumento progressivo nas taxas de percepção através dos semestres. Existe sim, algum progresso do

⁸ Alunos que não têm contato com estrangeiros, não costumam viajar ao exterior, não têm parentes estrangeiros, ainda não trabalham com a LEsp e nunca moraram em países de LEsp.

⁹ Os alunos tinham a opção de escolher mais de uma alternativa.

2º ao 4º semestre. Entretanto, a partir do 4º semestre, as taxas de percepção são muito semelhantes. Analisemos os dados da Tabela 9, para avaliar o contato do aluno com a LEsp e suas dificuldades e interesses principais com a língua.

Observando os dados da tabela 9, vemos que os informantes que apresentam os menores índices de percepção são os do 2º semestre (77% na lista de palavras e 72% no texto). Esse resultado combina com as informações obtidas no “Questionário sobre os dados do informante”, que foi respondido por todos os participantes da pesquisa (exceto os FN). Nele, observamos que os alunos do 2º semestre são os estudantes mais jovens, os que estudaram LEsp por menos tempo antes do início da graduação, aqueles que nunca participaram de Oficinas de Pronúncia¹⁰ e também os que menos utilizaram livro didático em aulas de LEsp. Além disso, nenhum deles frequenta cursos de LEsp em Centro de Línguas paralelamente à graduação e são os que têm menos contato com a LEsp, já que 85% deles falam a língua *somente* em sala de aula.

Ao contrário, os alunos que apresentam as maiores taxas de percepção são os do 4º, 6º e 8º semestres (80% X 82%, 83% X 77% e 83% X 79% na lista de palavras e no texto, respectivamente). Assim, pelo menos no que diz respeito ao 2º semestre, podemos confirmar a hipótese de que os alunos dos semestres iniciais teriam taxas de percepção inferiores às dos alunos de semestres mais altos.

Entretanto, a partir do 4º semestre, há pouca diferença entre os resultados dos alunos. Observemos, especialmente, as semelhanças e diferenças entre os dados dos alunos do 4º e 8º semestres, através da análise da tabela 9.

Vinte e cinco por cento dos alunos do 4º semestre frequentou, em média, 3 semestres de LEsp em cursos de línguas antes de iniciar a graduação e 25% continua cursando LEsp paralelamente à graduação. No 8º semestre, 36% dos alunos também frequentou em média 3 semestres de LEsp antes da graduação, mas nenhum deles estuda LEsp em cursos de línguas atualmente. Em ambos os semestres, metade dos alunos entrevistados já frequentaram Oficinas de Pronúncia. A diferença entre os alunos desses

¹⁰ Diversas vezes foram oferecidas Oficinas de Pronúncia nesta Universidade, seja como Curso de Extensão ou em forma de oficina durante a Semana de Letras, não ultrapassando a carga horária de 40h. Em todas as ocasiões, o Prof. Henry Daniel Lorencena, que gentilmente gravou os instrumentos de percepção desta pesquisa, ministrou o curso, apresentando exercícios de identificação, discriminação e repetição de contrastes fonéticos e fonológicos, principalmente envolvendo consoantes da LEsp.

semestres é que os do 8º semestre afirmam ter mais contato com a LEsp do que os alunos do 4º semestre, pois somente 36% daqueles falam a LEsp *somente* em sala de aula, contra 65% dos alunos de 4º semestre. Esse contato maior dos alunos do 8º semestre com a LEsp é consequência, não apenas de um tempo maior de contato com as disciplinas de LEsp da graduação, mas também das viagens feitas ao exterior (28% dos alunos), das conversas em LEsp com amigos estrangeiros (57%), do fato de já trabalharem com a LEsp há algum tempo (28%) e do fato de assistirem filmes em LEsp sem legendas (70%).

No 6º semestre, 20% dos alunos estudaram LEsp em centros de línguas antes da graduação, mas apenas 5% o fazem atualmente. Além disso, 35% desses alunos já participaram de Oficinas de Pronúncia e 30% tiveram contato com algum livro didático em disciplinas de LEsp na graduação. A quantidade de alunos que fala a LEsp *somente* em sala de aula é ainda alta (45%), embora inferior às taxas dos alunos de 2º e 4º semestres (85% e 65%, respectivamente), que ainda restringem muito seu contato com o idioma apenas às aulas da Universidade. Além disso, de todos os estudantes entrevistados, os alunos do 6º semestre parecem ser menos exigentes quanto a sua pronúncia em LEsp, pois apenas 30% dos entrevistados diz ter mais dificuldade com a pronúncia do que com as demais habilidades, contra 35% dos alunos do 2º semestre, 50% dos alunos do 4º semestre e 43% daqueles do 8º semestre.

Nessa comparação, observamos que os alunos do 4º semestre parecem ser os mais exigentes quanto a sua produção oral, o que talvez possa justificar seus resultados em comparação aos dos alunos do 6º e do 8º semestres, que estão no terceiro e quarto ano da faculdade, respectivamente. Assim, os alunos que mais dizem ter dificuldade com a pronúncia NÃO são os que têm menores taxas de percepção.

Os alunos que participaram de Oficinas de Pronúncia apresentam taxas de percepção aproximadas, não inferiores a 77%. Entretanto, os alunos do 2º semestre, que não realizaram nenhuma oficina, também obtiveram 77% de acerto na Lista de Palavras, o que torna difícil avaliar a influência das oficinas sobre os resultados.

A adoção de um livro didático não parece ter influenciado os resultados. Primeiramente por ter sido utilizado em apenas um semestre de LEsp (em média). Além disso, em conversas informais com docentes desta Universidade, soubemos que a opção de utilizar material didático é exclusivamente do docente da disciplina, que pode vir a usar ou

não o material de áudio que acompanha o livro. Por não haver uma forma de trabalho padrão entre os docentes de LEsp com relação ao material didático, torna-se difícil fazer observações a respeito. O livro pode ter sido usado com áudio, sem áudio, como livro de apoio em sala de aula ou apenas como suporte.

Apesar de que a quantidade de alunos que falam a LEsp *somente* em sala de aula diminui à medida que passam de um semestre a outro (85%, 65%, 45% e 36%, nos 2º, 4º, 6º e 8º semestres, respectivamente) e apesar de que as taxas de percepção dos alunos do 4º semestre são superiores às do 2º, a partir do 4º semestre as taxas de percepção se mantêm praticamente inalteradas, ou seja, não se percebe um progresso a partir desse nível.

Em um texto estudado, FOX et al (1995), sobre a percepção das vogais do inglês e do espanhol por falantes nativos de espanhol, aprendizes de inglês como L2, constata-se que a experiência com a língua nem sempre tem relação direta com a proficiência na mesma. Este estudo relata que falantes de espanhol experientes em inglês e aqueles inexperientes não demonstraram diferenças significativas nos testes de percepção vocálica, o que levou os autores a concluir que a percepção pode mudar relativamente pouco à medida que os bilíngües ganham experiência com o sistema vocálico da L2. Os únicos falantes que tiveram resultados diferentes na percepção da qualidade vocálica foram os que se diferenciavam dos outros por sua habilidade em pronunciar e compreender o inglês falado.

Outra questão a ser pensada é o uso do Laboratório de Línguas a partir do 6º semestre. Segundo conversas informais com discentes, as idas ao Laboratório tendem a diminuir a partir do 6º semestre, provavelmente devido ao enfoque dado às aulas de LEsp nos semestres finais, mais voltados à produção textual, à argumentação etc. Isso pode influenciar, em parte, o fato de não haver um progresso maior em termos de percepção vocálica a partir desse estágio da graduação. Além disso, cabe ressaltar que as atividades de produção e percepção oral que alguns docentes disseram realizar com seus alunos – solicitando que gravem em fita cassete a leitura de textos com sua própria voz, para detectar pronúncias equivocadas – não é realizada por todos os professores.

Cabe ressaltar, ainda, que os alunos que apresentam maior contato com a LEsp têm taxas de percepção mais altas do que aqueles com menor contato. Inclusive, alunos que têm parentes que falam a LEsp, aqueles que moraram em países de LEsp e os que estudam a

LEsp em centros de línguas há muitos anos, e que por esses motivos, não foram incluídos nos dados desta pesquisa, tiveram taxas de acerto próximas a 100%. Essas informações levam a crer que quanto maior for o contato com a LEsp e o insumo recebido, melhores as chances de perceber diferenças fonológicas entre PB e LEsp.

Segundo UR (1984), se o estudante aprende a pronunciar os sons da L2 com precisão ele tem muito mais facilidade em ouvi-los corretamente quando ditos por outra pessoa. Portanto, se o estudante deseja ser um ouvinte eficiente, é essencial que conquiste familiaridade com os fonemas da L2 o quanto antes.

Nos pareceu importante incluir na Tabela 9 a pergunta “o que você prefere em LEsp?”. As respostas mostram que, independentemente do semestre, o aluno de Licenciatura em Espanhol prefere as habilidades lingüísticas que NÃO envolvam produção: *falar e escrever* são as habilidades com menores taxas de interesse, enquanto que *ouvir e ler* são as preferidas. Ao que tudo indica, as atividades que envolvem produção oferecem mais riscos ao discente e, portanto, são as menos preferidas.

Alguns dados presentes no questionário não foram incluídos na Tabela 9, por não terem se mostrado significativos aos resultados finais, como por exemplo, a quantidade de alunos que optaram por outra LE no início da graduação e trocaram sua opção pela LEsp por diferentes motivos.

Dos 74 alunos entrevistados, todos foram unânimes em considerar importante a realização de atividades de produção e percepção no Laboratório de Línguas. Segundo FLEGE (1987), julgar fonemas diferentes acusticamente como pertencentes à mesma categoria fonética parece formar a base do processo de percepção da fala. Se houver operação contínua desse processo perceptivo na aprendizagem de L2, o aprendiz pode ser levado a alvos perceptivos equivocados para fonemas da L2 o que, por sua vez, limita a precisão da sua produção oral em L2. Na sua hipótese, a identificação interlingual leva o aprendiz de L2 a fundir as propriedades fonéticas dos fones da L1 e da L2 que foram identificados com pertencentes à mesma categoria. O alvo perceptivo dos aprendizes para fones da L2 pode evoluir em função da experiência com a língua, mas poderá nunca combinar com os dos falantes de L2 devido às identificações da interlíngua. Assim, atividades de produção e percepção de contrastes vocálicos entre PB e LEsp seriam de

grande valia aos estudantes se realizados continua e sistematicamente ao longo da graduação em Letras.

6.4 Conclusões

Desejamos incluir os dados extralingüísticos da Tabela 9 para analisar se o envolvimento dos estudantes com a LEsp teria algum papel sobre os resultados.

Na verdade, descobrimos que há um melhora na percepção do 2º ao 4º semestre, mas esta mais ou menos se mantém nos semestres subseqüentes. Há várias diferenças entre os 2º e 4º semestres, que podem ser o motivo dessa melhora. Nenhum aluno do 2º semestre estuda LEsp atualmente em cursos de línguas particulares, mas 25% dos alunos do 4º semestre o fazem. Nenhum aluno do 2º semestre participou de Oficinas de Pronúncia, mas metade dos alunos do 4º semestre já o fez. O contato extra classe dos alunos do 4º semestre com a LEsp é maior do que o dos alunos do 2º semestre. Entretanto, essas mesmas diferenças são encontradas entre o 4º, 6º e o 8º semestre e não fazem com que haja melhoras significativas nas taxas de percepção à medida que o discente avança semestralmente nas disciplinas de LEsp. É como se a percepção fonológica em LEsp progredisse do 1º ao 2º ano da graduação, mas depois sofresse um equilíbrio, que se mantém até o final da graduação.

Os dados lingüísticos apresentados neste capítulo são bem mais claros e esclarecedores. Observamos que o reconhecimento da distinção oral/nasal é maior em palavras isoladas do que em um texto. Na lista, o papel semântico de palavras não cognatas não chega a interferir nos resultados dos sujeitos. Com relação à tonicidade, a percepção é, em geral, maior nas sílabas tônicas. E, com relação à percepção da diferença oral/nasal entre palavras com contexto de nasalização contrastiva, alofônica e co-articulatória, há algumas diferenças. Para os FNs, as palavras com maiores taxas de percepção são aquelas que apresentam contexto de nasalização contrastiva, enquanto que para os estudantes universitários, as palavras mais percebidas são aquelas com contexto de nasalização alofônica, seguidas daquelas com nasalização co-articulatória e, por último, contrastiva.

7 – CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS PARA PESQUISAS FUTURAS

Neste capítulo faremos uma conclusão a respeito dos dados coletados e apresentados no Capítulo 6 e apresentaremos as questões que ficaram sem resposta nesta pesquisa, mas que podem ser investigadas em projetos futuros.

O objetivo central desta pesquisa era avaliar o grau de percepção da realização oral/nasal da vogal “a” e sua relação com fatores lingüísticos e extralingüísticos. Entre os objetivos específicos, desejávamos verificar se a percepção variaria em função de um maior insumo em L2, que efeito teria a visualização das palavras dos instrumentos na percepção da distinção nasal / oral e se haveria diferenças de percepção entre palavras cognatas e não cognatas, sílabas tônicas e pretônicas e leves e pesadas.

Entre os objetivos periféricos, nos interessava entrevistar os docentes de LEsp desta Universidade e alguns discentes para saber se existia um ensino explícito das diferenças fonológicas entre as duas línguas, reunir depoimentos sobre como os estudantes se sentiam ao terem que produzir vogais orais em contextos nasais e investigar a opinião dos FNs sobre a pronúncia do locutor.

Nem todos os objetivos foram alcançados, mas obtivemos respostas para a maioria deles. Conforme entrevistas realizadas com os docentes de LEsp da UFRGS, estes desenvolvem um trabalho explícito sobre as diferenças fonológicas entre a LEsp e o PB, seja em forma de explicações e/ou exemplos, seja mostrando o alfabeto fonético universal e a presença/ausência de fonemas em LEsp. Outros desenvolvem atividades mais concretas em que o discente grava textos previamente combinados para a posterior discussão de seus erros de pronúncia cometidos.

Por questões de tempo, não foram realizadas entrevistas com discentes, posteriores à aplicação do teste de percepção, para saber como se sentem ao terem que produzir em LEsp vogais orais em contextos nasais. Entretanto, pudemos observar, em conversas informais em LEsp, que alguns discentes que dizem não nasalizar as vogais espanholas o fazem, na verdade, sem se dar conta.

Quanto aos FNs e sua opinião sobre a pronúncia do locutor, podemos dizer que, sem que soubessem do que tratava a pesquisa, os entrevistados sentiram algo de “estranho” na

gravação. Enquanto alguns não souberam explicar exatamente o que havia de diferente na fala do locutor, outros prontamente sentiram um alongamento vocálico, uma “fala pelo nariz”, “um espanhol que não é o verdadeiro”. Com os depoimentos dos falantes nativos, fica claro o quanto a nasalização lhes chamou a atenção, principalmente como algo pertencente ao PB e não a LEsp. Mais uma vez, esses depoimentos mostraram que por mais que os estudos teóricos, como os de Quilis, apontem a existência de contextos de nasalização alofônica em LEsp, o FN não sente nasalização em vogais seguidas de consoantes nasais em sua língua materna. Ao serem apresentados aos testes de percepção desta pesquisa, os FNs tiveram ótimas taxas de percepção, que ficam, na sua maioria, perto dos 90%, superiores às taxas dos estudantes universitários.

No que se refere a diferentes resultados nos testes quanto ao semestre do discente, observamos que não há um aumento progressivo na percepção da distinção oral/nasal entre os semestres. Há, sim, um leve aumento do 2º ao 4º semestres, que se mantém nos semestres seguintes, apesar do maior contato do discente com a LEsp dentro e fora da Universidade.

Ficam claros vários fatores lingüísticos favorecedores à distinção oral/nasal nos instrumentos. Concluímos que questões semânticas não interferem nos resultados, fazendo com que as taxas de percepção sejam semelhantes entre as *palavras cognatas e não cognatas*. A percepção de *palavras em uma lista* é mais fácil do que *em um texto*, mesmo que este possa ser visualizado. A *tonicidade* se apresenta como favorecedora à percepção oral/nasal, conforme dados do Capítulo 6. Entre os *contextos de nasalização contrastiva, alofônica e co-articulatória*, observamos que, para o estudante brasileiro, a distinção oral/nasal é favorecida pelos contextos de nasalização alofônica, seguida dos contextos de nasalização co-articulatória e contrastiva. Ou seja, para o discente, é mais fácil perceber se uma vogal é oral ou nasal primeiro quando esta se encontra em sílaba leve tônica, depois quando está em sílaba leve átona e, por último, quando está em sílaba pesada, tônica ou átona.

Quanto aos dados extralingüísticos, resumidos na Tabela 9, consideramos difícil justificar determinados resultados. É compreensível o resultado inferior dos alunos do 2º semestre, se comparado aos dos alunos dos outros semestres, pelo tempo de contato que têm com a LEsp, pelo fato de não estarem realizando cursos de LEsp em Centros de

Línguas simultaneamente ao curso de graduação. Entretanto, embora o número de alunos que usam a LEsp apenas em sala de aula diminua progressivamente do 2º ao 8º semestre, não se observa uma melhor percepção entre os estudantes de nível avançado se comparados aos de nível médio. O que se observa é um equilíbrio nos resultados a partir do 4º semestre e pouco avanço a partir desse estágio até o 8º semestre quanto à percepção vocálica. Poderíamos justificar os resultados com os percentuais de alunos que cursam LEsp em Centros de Línguas atualmente. Enquanto 25% dos alunos do 4º semestre estão regularmente inscritos em Centros de Línguas atualmente, apenas 5% dos alunos do 6º semestre se encontram nessa situação e nenhum do 8º semestre. Além disso, o uso do Laboratório de Línguas nas aulas de LEsp na graduação não é tão freqüente nos últimos semestres, conforme o depoimento informal de alunos. Entretanto, pela mesma Tabela 9, sabemos que quanto mais alto o semestre, mais alunos viajam a países de LEsp, trabalham com a LEsp e mantêm contato com amigos estrangeiros de LEsp. Não há como negar que esses fatores também fazem com que os estudantes se envolvam mais com a língua estrangeira e a utilizem muito mais do que apenas em sala de aula. Seja como for, embora os dados extra-linguísticos não tenham servido para explicar por que não há um progresso na percepção fonológica nos semestres finais em comparação com os iniciais, consideramos importante incluí-los no Capítulo 6 para, mostrar, pelo menos, o perfil dos estudantes participantes da pesquisa.

Existe uma citação de Câmara Jr. (2001: 39) em que o autor se baseia no sistema vocálico da LEsp e da Língua Portuguesa para mencionar a facilidade que um falante de Língua Portuguesa encontra em entender a LEsp e a dificuldade que um falante de LEsp encontra em entender a Língua Portuguesa:

“os falantes de língua espanhola têm, em regra, dificuldade de entender o português falado, apesar da grande semelhança entre as duas línguas, por causa dessa complexidade em contraste com a relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico do espanhol. Portugueses e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque se defrontam com um jogo de timbres vocálicos menor e menos variável que o seu próprio.”

Embora saibamos que a informação da citação acima é real, não temos tanta certeza da facilidade, especificamente do brasileiro, com relação à produção oral. A dificuldade em

produzir vogais orais em contextos nasais em LEsp, assim como a dificuldade em evitar a transferência das vogais médias baixas do PB à LEsp (Mignoni, 2000 : 102), são comumente observadas, pelo menos entre os universitários porto-alegrenses.

Considerando os dados coletados nesta pesquisa, podemos afirmar que o fato de muitos alunos produzirem as vogais seguidas de consoantes nasais em LE como vogais nasais, **não** se deve à qualidade da sua percepção vocálica, já que a maioria obteve ótimas taxas de percepção, embora não haja um progresso maior nos semestres finais. Isso nos leva a crer que deve haver outros motivos que levem o estudante a produzir inapropriadamente os sons vocálicos.

Assim, as questões a seguir permanecem sem resposta nesta pesquisa, mas podem vir a ser investigadas em pesquisas futuras, caso se deseje investigar os motivos da dificuldade de *produção* vocálica pelos estudantes universitários brasileiros:

1. *O motivo de os estudantes apresentarem ótimas taxas de percepção vocálica, mas de não produzirem apropriadamente as vogais em LEsp teria relação com o fato de não preferirem habilidades linguísticas que envolvam a produção oral.*

Se observarmos os resultados do questionário “Dados sobre o Informante”, apresentados na Tabela 2 (ver Cap. 6), a respeito das habilidades que o estudante de graduação prefere nos diferentes semestres, veremos que do 2º ao 8º semestre as habilidades que envolvem produção, como falar e escrever, são as menos preferidas. É unânime a preferência por habilidades como ouvir e ler, em que o aluno se expõe muitíssimo menos, o que indica que os estudantes provavelmente sentem um pouco de insegurança em atividades de produção em LEsp.

2. *O motivo de os estudantes não produzirem apropriadamente as vogais em LEsp teria relação com o fato de acharem estranho ter que articular essas vogais como vogais orais.*

Alguns estudantes, com os quais conversamos informalmente, disseram que achavam “um pouco forçado” ter que desnasalizar essas vogais, enquanto que outros

disseram que precisavam pensar antes de articular apropriadamente esses sons, o que lhes diminui o ritmo da fala. Cabe lembrar que a característica da não-nasalização de vogais pode estar associada a variedades do português de pouco prestígio, como a fala das regiões de imigração alemã e italiana. O aluno poderia estar transferindo para a LEsp avaliações de características de sua língua nativa.

3. *Os estudantes percebem a nasalização na fala de outras pessoas, mas não na sua própria fala.*

Antes da realização dos instrumentos de percepção, alguns estudantes em conversas informais com a pesquisadora, disseram não ter dificuldade em produzir as vogais em LEsp sem nasalização. Entretanto, enquanto conversavam em LEsp sobre esse assunto com a pesquisadora, nasalizaram várias vogais seguidas de consoantes nasais. Para analisar se a hipótese 3 é válida, teríamos que gravar falas naturais de alunos que tenham realizado os testes de percepção desta pesquisa e, depois, submeter esses mesmos alunos à audição das suas próprias gravações. Assim, poderíamos comparar os resultados da percepção de testes gravados com a própria voz do aluno e com a voz de outra pessoa.

4. *Os estudantes percebem quando produzem as vogais espanholas com nasalização, mas não estão preocupados com isso.*

De todas as hipóteses que nos restam, esta é a menos provável, uma vez que a grande maioria dos estudantes entrevistados afirmou estar interessada em atividades de produção/percepção e não gostar de cometer erros de pronúncia, aceitando normalmente a correção por parte dos docentes ao cometerem erros na fala.

Poderíamos argumentar que a maioria está mais atenta a outras questões, como vocabulário, estruturas gramaticais etc, mas isso não é o que os questionários apresentam como resposta.

5. *Os estudantes percebem quando nasalizam as vogais em LEsp, mas somente se mostram incomodados com isso, quando o seu interlocutor é mais proficiente que eles.*

Essa hipótese parece bastante provável, uma vez que, o estudante está em contato diário com usuários da LEsp com diferentes níveis de proficiência. Poderia ser o caso de que em conversas com os colegas de aula, a nasalização não cause desconforto entre os falantes, mas que em conversas com professores ou falantes estrangeiros o estudante brasileiro se sinta incomodado e, portanto, exija uma qualidade maior da sua produção oral.

6. *Encontraríamos resultados diferentes na produção oral de um grupo de estudantes que fosse submetido a intenso treinamento de percepção e produção vocálica (grupo de controle) em comparação a um grupo que não recebesse esse treinamento.*

Essa hipótese poderia ser o objetivo de uma única pesquisa, provavelmente longitudinal, pois verificaria, a longo prazo, a eficácia de treinamentos de percepção/produção realizados com estudantes brasileiros de LEsp e a diferença entre esses discentes e aqueles não submetidos a treinamento. Os resultados dessa pesquisa poderiam mostrar qual o tempo de retenção da prática obtida com o treinamento de vogais orais em contextos nasais em LEsp, através de testes de percepção e produção realizados regularmente com o grupo de controle. Além disso, nesse treinamento, iniciariamos as atividades de percepção e produção com os contextos nasais que se mostraram mais facilmente identificáveis nesta pesquisa e, logo após, continuaríamos com os contextos que apresentaram mais dificuldade para o estudante de LEsp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M., CAGLIARI, L. C, PAGOTTO, E. G. 1994. *Nasalização vocálica no português do Brasil*. Campos do Jordão : VIII Seminário do Projeto da Gramática do Português Falado, 31 p.
- ANDERSON-HSIEH, Janet, JOHNSON, Ruth, KOEHLER, Kenneth. 1992. *The relationship between native speaker judgments of nonnative pronunciation and deviance in segmentals, prosody and syllable structure*. *Language Learning* 42:4, p. 529-55.
- ARCHIBALD, John. *Second Language Phonology*. 1988. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company. 313 p.
- BAPTISTA, Bárbara O. 2000. *The acquisition of English vowels by Brazilian-Portuguese speakers*. Florianópolis : UFSC. 227 p.
- BATTISTI, Elisa, VIEIRA, Maria José Blaskowski. 1999. O sistema vocálico do português. IN: *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre : Edipucrs. p. 159-169.
- BATTISTI, Elisa. 1997. *A nasalização do português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos – uma abordagem baseada em restrições*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Capítulo 2.
- BEDDOR, Patrice S. 1993. *The perception of nasal vowels*. IN: HUFFMAN, Marie KRAKOW, Rena A. *Phonetics and Phonology 5: Nasals, Nasalization and the Velum*. Academic Press p. 171-196
- BEEBE, Leslie M. 1987. *Myths about Interlanguage Phonology*. IN: *Interlanguage phonology the acquisition of a second language sound system*. Newsbury House Publishers. Cambridge : Massachusetts, p.165-175.
- BISOL, Leda. 1999. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre : Edipucrs. p. 159-169.
- BRITO, Gêlda A. 1975. *The perception of nasal vowels in Brazilian Portuguese*. *Papers from a Symposium on Nasals and Nasalization*, Stanford, p. 49-66.
- BROWN, Cynthia. 2000. *The Interrelation between Speech Perception and Phonological Acquisition from Infant to Adult*. IN: ARCHIBALD, John. *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Massachusetts : Blackwell. p. 4-63.

- CAGLIARI, Aline. 2001. *A produção dos encontros consonantais SC do inglês por falantes nativos de português brasileiro*. Porto Alegre: UFRGS. (Dissertação de Mestrado).
- CARLISLE, Robert S. 1994. Markedness and Environment as Internal Constraints on the Variability of Interlanguage Phonology. IN: YAVAS, Mehmet. *First and Second Language Phonology*. San Diego : Singular Publishing Group. p. 223-49.
- CLEMENTS, G.; HUME, E. 1995. The Internal Organization of Speech Sounds. IN: GOLDSMITH, J. (org.) *The Handbook in Phonological Theory*. Oxford : Basil Blackwell.
- COLE, Ronald A. 1981. Perception of fluent speech by children and adults. IN: WINITZ, Harris. *Native language and foreign language acquisition*. New York : The New York Academy of Sciences. p. 92-109.
- COSTA, João, FREITAS, M. João. 2001. *Sobre a representação das vogais nasais em português europeu: evidencia dos dados da aquisição*. IN: HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer (org.) *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: aspectos fonético-fonológicos*. Pelotas : EDUCAT. 87-107 p.
- D'INTRONO, Francesco, TESO, Enrique del, WESTON, Rosemary. 1995. *Fonética y Fonología Actual del Español*. Madrid : Cátedra, p. 96-7.
- ELLIS, Rod. 1994. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford : Oxford University Press.
- FLEGE, James Emil, HILLENBRAND, James. 1987. *Limits on Phonetic accuracy in foreign language speech production*. IN: *Interlanguage phonology the acquisition of a second language sound system*. Newsbury House Publishers. Cambridge : Massachusetts. p.176-203.
- FLEGE, James Emil, FRIEDA, Elaina M., NOZAWA, Takeshi. 1997. *Amount of native language (L1) use affects the pronunciation of an L2*. *Journal of Phonetics*, 25, p. 169-86.
- FOX, R. A., FLEGE, J. E., MUNRO, M.J. 1995. *The perception of English and Spanish vowels by native English and Spanish listeners: a multidimensional scaling analysis*. *The Journal of the Acoustical Society of America*, 97: 4, p. 2540-51.
- GASS, Susan M., SELINKER, Larry. 1994. *Second Language Acquisition: an introductory course*. Hillsdale, New Jersey : Lawrence Erlbaum.
- HANCIN-BHATT, Barbara. 1994. *Segment transfer: a consequence of a dynamic system*. *Second Language Research*, v. 10, n.3, p. 241-69.

- HECHT, Barbara Frant, MULFORD, Randa. 1987. *The acquisition of a second language phonology: interaction of transfer and developmental factors..* IN: *Interlanguage phonology the acquisition of a second language sound system*. Newsbury House Publishers. Cambridge : Massachusetts. p. 213-228.
- HERNANDORENA, Carmen L. M. 1999. Introdução à teoria fonológica. IN: *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre : EDIPUCRS, p. 11-89.
- JESUS, Marisa de Sousa Viana. 2002. Estudo fonético da nasalidade vocálica. IN: *Estudos em Fonética e Fonologia do Português*. Belo Horizonte : FALE-UFMG, p. 205-23.
- KEYS, Kevin John. 2000. *Discourse level phonology in the language curriculum: a review of current thinking in teaching pronunciation in EFL courses*. *Linguagem & Ensino*, vol. 3, n. 1, p. 89-105.
- LADEFOGED, Peter, MADDIESON, Ian. 1996. *The sounds of the World's languages*. Malden, Massachusetts : Blackwell. p. 298-300
- LENNEBERG, E. 1967 *Biological Foundations of Language*. John Wiley : New York.
- LIVELY, Scott E., PISONI, David B., YAMADA, Reiko A., TOHKURA, Yohichi, YAMADA, Tsuneo. 1994. *Training Japanese listeners to identify English /r/ and /l/: long- term retention of new phonetic categories*. *Journal of the Acoustical Society of America*, n. 96 (4).
- MAEDA, Shinji. 1993. *Acoustics of vowel nasalization and articulatory shifts in French nasal vowels*. IN: HUFFMAN, Marie KRAKOW, Rena A. *Phonetics and Phonology 5: Nasals, Nasalization and the Velum*. Academic Press, p. 147-65.
- MAJOR, Roy C. *Current Trends in Interlanguage Phonology*. 1994. IN: YAVAS, Mehmet. *First and second language phonology*. San Diego : Singular Publishing Group. p. 181-204.
- _____. 1987. *A model for interlanguage phonology*. IN: *Interlanguage phonology – the acquisition of a second language sound system*. Newsbury House Publishers. Cambridge : Massachusetts. p.101-24.
- MARTINS, Maria Raquel Delgado. 1988. *Ouvir Falar : Introdução à fonética do Português*. 3. ed. Lisboa : Ed. Caminho, 187 p.
- MATEUS, Maria Helena, D'ANDRADE, Ernesto. 2000. *The phonology of Portuguese*. Oxford : OUP, 160 p.

- MATEUS, Maria Helena Mira. 1975. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa : Publicações do Centro de Estudos Filológicos, p. 43-71.
- _____ et al. 1990. *Fonética, fonologia e morfologia do Português*. Lisboa : Universidade Aberta. p. 226-64.
- MIGNONI, Rosália Procasko Lacerda. 2000. *A transferência e a aquisição das vogais espanholas /e/ e /o/ em substantivos e adjetivos, por falantes universitários brasileiros*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre : UFRGS.
- MORAES, João A. 1997. Vowel nasalization in Brazilian Portuguese: an articulatory investigation. *Proceedings of the Eurospeech*, n. 2, p. 733-36.
- _____. 1997a. *Relatório final de Pós-Doutorado sobre a Nasalidade Vocálica no PB*. Berkeley : UCLA. (manuscrito)
- MORAES, J. A., WETZELS, W. L. 1992. *Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício da fonologia experimental*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (23): 153-66.
- MOREIRA, N.C.R. 1998. *A representação da nasalidade: o que nos revelam as grafias infantis*. Porto Alegre : Letras de Hoje, v.33, n.2, p.239-45.
- MOUTON, Pilar García. 1996. *Lenguas y dialectos de España*. Madrid : Arco Libros. p. 24-6.
- NUSBAUM, Howard C., LEE, Lisa. 1992. *Learning to hear phonetic information*. IN: *Speech perception, production and linguistic structure*. Washington : IOS Press, p. 265-73.
- ODLIN, Terence. 1989. Phonetics, phonology, and writing systems. IN: *Language Transfer: cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge : Cambridge University Press. p. 175-249.
- OLIVÉ, Dolors Poch. 1999. *Fonética para aprender español: Pronunciación*. Madrid : Edinumen. 110 p.
- PETERSON, Gordon E., BARNEY, Harold. L. 1952. *Control Methods used in a study of the vowels*. 1952. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 24, n. 2.
- PETIT-LAURÉNE. 1995. *Astro-Signos: Cáncer*. Madrid: Servilibro Ediciones, S.A. 64p.
- PISKE, Thorsten, FLEGE, James Emil, MACKAY, Ian R. A. 2002. *The production of English vowels by fluent early and late Italian-English bilinguals*. *Phonetica*, 59, 49-71.

- _____. 2001. *Factors affecting degree of foreign accent in an L2: a review*.
Journal of Phonetics, 29, 191-215.
- QUILIS, Antonio. 1998. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid : Arco Libros. p. 37-40.
- _____. 1981. *Fonética acústica de la lengua española*. Madrid : Gredos. p. 129-89.
- _____. 1999. *Tratado de fonología y fonética españolas*. Madrid : Gredos.
- RAMÍREZ, María Vaquero de. 1998. *El español de América I*. Madrid : Arco Libros, p. 11-24.
- SAMPSON, Rodney. 1999. *Nasal vowel evolution in Romance*. Oxford : Oxford University Press, 413 p.
- SCOVEL, Thomas. 1998. *Psycholinguistics*. Oxford : Oxford University Press, 148 p.
- SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. 2000. Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de Filología. São Paulo : Martins Fontes, 1510 p.
- SILVA, Thaís Cristófaró. 1999. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo : Contexto, 254 p.
- SPADA, Nina. 1993. *How languages are learned*. Oxford: Oxford University Press, 135 p.
- STERIADE, Donca. 1993. Closure, release and nasal contours. IN: M. HUFFMAN and R. KRAKOW (eds.). *Nasals, nasalization and the velum : Phonetics and Phonology*. Academic Press, p. 401-70.
- STOCKWELL, R. BOWEN, J. 1983. Sound systems in conflict: a hierarchy of difficulty. IN: B. W. RABINNETT, SHACHTER. J. (Eds.) *Second Language Learning: contrastive analysis, error analysis and related aspects*. Ann Arbor : University of Michigan Press. p. 20-31.
- TARONE, Elaine E. 1987. Interlanguage Phonology. IN: IOUP, Georgette, WEINBERGER, Steven H. *Interlanguage phonology – the acquisition of a second language sound system*. Newsbury House Publishers. Cambridge : Massachusetts, p.85.
- TRIGO, Lorenza R. 1993. The inherent Structure of Nasal Segments. IN: HUFFMAN, Marie K., KRAKOW, Rena A. *Phonetics and Phonology 5: Nasals, Nasalization and the Velum*. Academic Press, p. 369-400.
- UR, Penny. 1984. *Teaching listening comprehension*. Cambridge: CUP, 172 p.

- VEIGA, Alexandre. 2000. Los fonemas de realización nasal en español. IN: *Panorama de la fonología española actual*. Madrid : Arco Libros. p. 185-206.
- VILLALBA, Terumi Koto Bonnet. 1995. *A transferência na aquisição de anáfora pronominal em espanhol por universitários brasileiros*. Porto Alegre : UFRGS. Dissertação de Mestrado, 90 p.
- WATKINS, Michael Alan. 2001. *Variability in vowel reduction by Brazilian speakers of English*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina, p. 101
- WETZELS, Leo W. 1997. *The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese*. *Probus*, 9, p. 203-32.

WEB SITES

www.cvc.cervantes.es

Assunto pesquisado: Marco de Referencia Europeo para el Aprendizaje, la Enseñanza y la Evaluación de Lenguas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 Mestrado em Aquisição da Linguagem
 Mestranda: Maria Alejandra Saraiva Pasca

TEXTO PARA COMPRENSIÓN AUDITIVA

1. Escucha el siguiente texto. La vocal "a" seguida de consonante nasal a veces será pronunciada como la vocal oral /a/ del español y a veces como vocal nasal /ã/ del portugués.
2. Marca con una "O" las palabras que presentan la vocal ORAL /a/ del español y Marca con una "N" las palabras que presentan la vocal NASAL /ã/ del portugués.

CÁNCER

Es el primer signo del verano () que inicia la estación de los amores. Está regido por la Luna, planeta () de la infancia () y por Júpiter, planeta () de la madurez. Le gustan las joyas pequeñas, trabajadas, delicadas, cuya cantidad () a veces basta para formar un adorno completo. Aunque no considere muy importante () su manera () auténtica, le gustará todo lo que brilla, aunque no sea de oro. Sea hombre o mujer, la joya es un objeto que debe llamar () la atención.

En el hombre y la mujer Cáncer(), el amor, con el tiempo, pierde parte de su pasión en beneficio de un ideal de vida en común, un hogar, unos niños. La mujer se entrega al papel de ama() de casa. El hombre se convierte en el guardián del hogar. Muchos consideran su hogar como un clan familiar() o una tribu. La influencia de la Luna le permite conformarse con la rutina de una manera () un poco automatizada.

Puede que llame() cada noche a su confidente del momento para contarle con detalle lo que ha hecho en el día. Sus sentimientos a veces son propios de "novela rosa", soñando () con la casita de Blancanieves () y el príncipe azul, pero tienen también () un aspecto negativo, una facilidad para dramatizar() todos los conflictos. Entonces, conocerá la pasión desdichada, que sustituirá a la tranquilidad () de la vida doméstica. Este ser introspectivo decora ambientes () donde puede contarse la historia de un héroe que, en realidad, es él mismo, cavernas mágicas, castillos encantados ()...

Ya que a veces se enfrenta a la realidad, aunque sea a través de su imaginación, puede que viva rupturas que suponen para él otros tantos() dramas () que fomentan su característico miedo a perder y ser abandonado(). Sólo tomará la iniciativa de ruptura en una única circunstancia (): si su pareja le traiciona. Entonces se irá, ocultando () su dolor y su frustración, pero no sin haber dañado () antes () a su rival.

Siempre se preocupa con los modales; la manera () de servir una comida le importa tanto() como la comida misma. A veces este refinamiento en las costumbres resulta un poco anticuado(), pero le proporciona todo su encanto().

Suele preocuparse por su salud. Los microbios le dan pánico().

PETIT-LAURÉNE. (1995) *Astro-Signos: Cáncer*. Madrid: Servilibro Ediciones, S.A. 64 p. (texto adaptado)

Gracias por tu participación en este proyecto!
Alejandra Saraiva

Nombre: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 Mestrado em Aquisição da Linguagem
 Mestranda: Maria Alejandra Saraiva Pasca

TEXTO PARA COMPRENSIÓN AUDITIVA

1. Escucha el siguiente texto. La vocal “a” seguida de consonante nasal a veces será pronunciada como la vocal oral /a/ del español y a veces como la vocal nasal /ã/ del portugués.
 2. Marca con una “O” las palabras que presentan la vocal ORAL /a/ del español y Marca con una “N” las palabras que presentan la vocal NASAL /ã/ del portugués.
-

CÁNCER

Es el primer signo del verano (O) que inicia la estación de los amores. Está regido por la Luna, planeta (N) de la infancia (N) y por Júpiter, planeta (O) de la madurez. Le gustan las joyas pequeñas, trabajadas, delicadas, cuya cantidad (O) a veces basta para formar un adorno completo. Aunque no considere muy importante (O) su manera (O) auténtica, le gustará todo lo que brilla, aunque no sea de oro. Sea hombre o mujer, la joya es un objeto que debe llamar (O) la atención.

En el hombre y la mujer Cáncer(N), el amor, con el tiempo, pierde parte de su pasión en beneficio de un ideal de vida en común, un hogar, unos niños. La mujer se entrega al papel de ama(N) de casa. El hombre se convierte en el guardián del hogar. Muchos consideran su hogar como un clan familiar(N) o una tribu. La influencia de la Luna le permite conformarse con la rutina de una manera (O) un poco automatizada.

Puede que llame(O) cada noche a su confidente del momento para contarle con detalle lo que ha hecho en el día. Sus sentimientos a veces son propios de “novela rosa”, soñando (O) con la casita de Blancanieves (N) y el príncipe azul, pero tienen también (O) un aspecto negativo, una facilidad para dramatizar(O) todos los conflictos. Entonces, conocerá la pasión desdichada, que sustituirá a la tranquilidad (N) de la vida doméstica. Este ser introspectivo decora ambientes (O) donde puede contarse la historia de un héroe que, en realidad, es él mismo, cavernas mágicas, castillos encantados (N)...

Ya que a veces se enfrenta a la realidad, aunque sea a través de su imaginación, puede que viva rupturas que suponen para él otros tantos(N) dramas (N) que fomentan su característico miedo a perder y ser abandonado(N). Sólo tomará la iniciativa de ruptura en una única circunstancia (O): si su pareja le traiciona. Entonces se irá, ocultando (N) su dolor y su frustración, pero no sin haber dañado (N) antes (O) a su rival.

Siempre se preocupa con los modales; la manera (N) de servir una comida le importa tanto(N) como la comida misma. A veces este refinamiento en las costumbres resulta un poco anticuado(O), pero le proporciona todo su encanto(O).

Suele preocuparse por su salud. Los microbios le dan pánico(N).

PETIT-LAURÉNE. (1995) *Astro-Signos: Cáncer*. Madrid: Servilibro Ediciones, S.A. 64 p. (texto adaptado)

Gracias por tu participación en este proyecto!
Alejandra Saraiva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 Mestrado em Aquisição da Linguagem
 Mestranda: Maria Alejandra Saraiva Pasca

PALABRAS PARA COMPRESIÓN AUDITIVA

1. Escucha las siguientes palabras. La vocal "a" seguida de consonante nasal a veces será pronunciada como la vocal oral /a/ del español y a veces como la vocal nasal /ã/ del portugués.
2. Marca con una "O" las palabras que presentan la vocal ORAL /a/ del español y
 Marca con una "N" las palabras que presentan la vocal NASAL /ã/ del portugués.

1. ()

16.()

2. ()

17. ()

3. ()

18. ()

4. ()

19. ()

5. ()

20. ()

6. ()

21. ()

7. ()

22. ()

8. ()

23. ()

9. ()

24. ()

10.()

25. ()

11.()

26. ()

12.()

27. ()

13.()

28. ()

14.()

29. ()

15.()

30. ()

31. ()

32. ()

Gracias por tu participación en este proyecto!
 Alejandra Saraiva

NOMBRE: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 Mestrado em Aquisição da Linguagem
 Mestranda: Maria Alejandra Saraiva Pasca

PALABRAS PARA COMPRENSIÓN AUDITIVA

1. Escucha las siguientes palabras. La vocal "a" seguida de consonante nasal a veces será pronunciada como la vocal oral /a/ del español y a veces como la vocal nasal /ã/ del portugués.
2. Marca con una "O" las palabras que presentan la vocal ORAL /a/ del español y Marca con una "N" las palabras que presentan la vocal NASAL /ã/ del portugués.

Palabras no cognatas / átona leve: 4 (1-4) pesada: 4 (5-8) / tónica leve: 4 (9-12) pesada: 4 (12-16)

- | | |
|---------------------------|----------------------------|
| 1. a ^ñ ejo (N) | 9. lega ^ñ a (N) |
| 2. a ^ñ ico (O) | 10. fámulo (O) |
| 3. panera (O) | 11. mengano (N) |
| 4. camorra (N) | 12. huraño (O) |
| 5. buganvilla (O) | 13. chándal (O) |
| 6. manguito (O) | 14. hampa (N) |
| 7. pelandusca (N) | 15. chamba (N) |
| 8. candileja (N) | 16. zanja (O) |

Palabras cognatas / átona leve: 4 (17-20) pesada: 4 (21-24) / tónica leve: 4 (25-28) pesada: 4 (29-32)

- | | |
|-----------------------------|--------------------|
| 17. planeta (N) | 25. caño (O) |
| 18. da ^ñ oso (O) | 26. urbano (N) |
| 19. manera (N) | 27. amo (N) |
| 20. canelón (O) | 28. pánico (O) |
| 21. tranquilidad (N) | 29. importante (N) |
| 22. antigua (N) | 30. tantos (O) |
| 23. también (O) | 31. soñando (N) |
| 24. bandera (O) | 32. infante (O) |

Gracias por tu participación en este proyecto!
 Alejandra Saraiva

DADOS SOBRE O INFORMANTE

DATA: ____ / ____ / ____

1) Nome: _____ 2) Idade: _____

3) Fone para contato: _____

4) Língua materna: () português () outra _____

5) Semestre de Língua Espanhola que está cursando atualmente: ____ () licenciatura () bacharelado

6) Dos semestres de Língua Espanhola que você já cursou em quantos foi adotado livro didático? __ semestres

7) Por que você decidiu estudar língua espanhola na graduação?

() Minha primeira opção foi a Língua _____, mas encontrei dificuldade em cursá-la e, por isso, optei pela Língua Espanhola

() Ingressei na UFRGS com o objetivo de ser professor de Língua e/ou Literatura Espanhola (s)

() Ingressei na UFRGS com o objetivo de ser Tradutor e/ou Intérprete

() Outros: _____

8) Você estudou espanhol em outros cursos antes de ingressar na UFRGS? () Sim () Não

Em caso afirmativo, quantos semestres? _____

9) Você está estudando espanhol em cursos de línguas atualmente? () Sim () Não

Em caso afirmativo, há quantos semestres? _____

10) Você já participou de alguma oficina ou curso específico de pronúncia? () Sim () Não

Em caso afirmativo, quando e qual a carga horária? _____

11) Qual o seu contato com a língua espanhola? (Marque quantas forem necessárias)

() Falo apenas em sala de aula

() Falo em espanhol com a família (a língua materna da minha família é o espanhol)

() Viajo a países de língua espanhola. Qual a frequência? _____ Quanto tempo fico geralmente? _____

() Já morei em países de língua espanhola. Quanto tempo? _____

() Falo com amigos e colegas estrangeiros em espanhol

() Assistio programas de TV em espanhol

() Vejo filmes em espanhol sem ler legendas

() Ouço músicas

() Leio livros acadêmicos ou textos na Internet ou outra fonte. Qual a frequência? _____

() Já trabalho com a língua espanhola há _____ anos. Quantas horas semanais? _____

12) Em sala de aula: (Marque quantas forem necessárias)

() tenho facilidade em perceber e produzir os sons da língua

() tento falar o máximo que posso

() me incomoda cometer erros de pronúncia

() gosto de ser corrigido ao pronunciar incorretamente uma palavra

13) Em língua espanhola, o que você prefere? () Falar () Escrever () Ouvir () Ler

14) Tem maior dificuldade na: () escrita () compreensão oral () leitura () pronúncia

15) Você considera importante a realização de atividades de percepção e produção no Laboratório? () Sim () Não

Obrigada por sua participação nesta pesquisa!
Alejandra Saraiva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Mestrado em Aquisição da Linguagem
Mestranda: Maria Alejandra Saraiva Pasca

QUESTIONÁRIO COM OS DOCENTES

1) Nome: _____

2) Telefone para contato: _____

3) Que disciplinas você está ministrando no momento?

4) Você acha que seus alunos

têm facilidade em perceber e produzir os sons da língua espanhola

tentam falar o máximo que podem

não se incomodam em cometer erros de pronúncia

gostam de ser corrigidos ao pronunciar incorretamente uma palavra

5) Em sua opinião, seus alunos de espanhol têm maior dificuldade na:

fala escrita compreensão oral/pronúncia leitura

6) Você considera importante a realização de exercícios de atividades de percepção e produção no Laboratório? sim não

7) Você mostra a seus alunos as diferenças fonológicas existentes entre o português e o espanhol? Como?

Obrigada por sua participação nesta pesquisa!
Alejandra Saraiva

DEPOIMENTOS DOS FALANTES NATIVOS

Apresentamos, aqui, os depoimentos dos doze falantes nativos entrevistados nesta pesquisa.

Cada falante nativo recebeu a mesma instrução: prestar atenção na pronúncia do locutor e avaliá-la, dizendo se estava normal ou se havia algo estranho ou diferente comparado à pronúncia dos moradores de sua cidade. Individualmente, os participantes ouviram uma única vez cada instrumento: primeiro a lista de palavras e, logo após, o texto. Sua opinião era gravada logo após a audição de cada instrumento. Apenas após serem gravados os dois depoimentos do participante é que informamos que se tratava de uma gravação feita para uma pesquisa.

Carolina Campaña, 26

“Si, la pronunciación es muy rara, en algunas palabras en particular. Las terminaciones, como que un acento portugués, como en las consonantes también cuando se juntan, que suena raro, en “ómnibus”, que lo pronunciaba muy mal. Y las “eñes” también. El [ʎ] estaba demasiado enfatizado, cuando acá no decimos. “Huraño” es [u’raʎo] no es [u’raʎo].”*

“Si, hay algunas palabras que la pronunciación sigue mal, no es que me moleste, sino que saltan enseguida. Te das cuenta de que algo no está bien.”

Raquel Niell Bianchi, 59

“Hay algunas palabras de que están muy aportuguesadas. O sea no están habladas en castellano y otras, bueno, que no conozco. No están bien dichas.”

“Me pareció que está mucho más mejor hablado que las palabras, pero igual hay cuatro o cinco que están con el tonito bien aportuguesado, pero lo demás está todo mucho mejor que las palabras sueltas.”

Raquel Mesa, 45

“Creo que conté en total seis palabras con un dejo del idioma brasileño, muy poco, pero en total conté seis. Lo demás es perfecto. Considero que está perfecto, que se escucha muy bien, claro, español, castellano.”

“Creo que lo mismo que el anterior. Algunas palabras. Algunos pasajes de la conversación, pero lo demás perfecto.”

Isis Bianchi, 72

“No, la pronunciación no está perfecta, sobretodo en las palabras que tienen la ‘n’, porque dice, por ejemplo, con una pronunciación distinta de la que nosotros usamos en castellano. Hay una palabra, por ejemplo, “lágrima”, que yo no la logré entender. Después en la segunda vez que la escuché, me di cuenta de lo que quería decir, pero ahí, no la entendí, para nada. O sea que hay errores en pronunciación. No es que no se pueda entender, sino que no es castellano esa entonación, no es el verdadero. No quiere decir con eso que la persona que hable no se le entienda, se le va a entender igual, pero es una cosa a corregir si se quiere hablar bien el idioma.”*

“No, se nota lo mismo que en las palabras. Es decir, fundamentalmente en la letra “n”, que se nota nasal y en castellano no es nasal. Por lo tanto la palabra se entiende, pero no es el verdadero castellano.”

Nestor, 50

“La mitad. La mitad de las palabras son pronunciadas de otra forma. En un par, sí. En un par, sí (hay errores de pronunciación). En el resto, están pronunciadas de otra manera, que yo no las pronunciaría así.”

“Claro, es la, pronuncia mal las “an”, “am”, por ejemplo, va a pronunciar mal si dice “amar”, “cantar”, esos son los errores que comete.”

Élida Vilas, 72

“En general, está, la pronunciación, en mi juicio, correcta. Ahora, encuentro que hay, dos palabras, por lo menos, que se hace una síntesis, o una, no te puedo explicar exactamente, pero, por ejemplo, ‘soñando’, que reúne ahí, nosotros expresamos un poquito más separados los sonidos. Y, luego, en ‘camorra, noté que es la expresión como, al principio, así más hacia el portugués.”

“Bueno contándote algunas palabras como ‘infancia’, ‘tanto’, ‘cáncer’ y ‘pánico’, como que sintetiza un poco, las cierra más, más similar al portugués. Creo que fueron como cinco: ‘tanto’ la repitió, ‘cáncer’, e ‘infancia’ fue la primera que más o menos me pareció. No sé si está correcto.”

“¿Eso llega a perjudicar en algo el entendimiento de las palabras o irrita en algo?”

“Yo, creo que sí. Que eso atenta contra la comprensión de la palabra, no es clara la expresión, entonces dificulta el entendimiento.”

Manuel Torres, 57

“Hay equivocado. Se siente una cadencia portuguesa, brasilera en la forma de hablar. Y hay unas cuantas que están equivocadas. Las entendés, sí, pero no es castellano.”

“Aparentemente, sí. Tiene, es decir, se nota, que hay un cantito portugués, brasilero, pero acá hay mucha gente que habla así, porque también hay unos cuantos brasileros. Inclusive operadores de radio, radios en FM, que hablan así y uno los siente bien, yo los siento bárbaro, me encanta. ¿No te molesta, entonces? No, para nada.”

Andrea Azevedo, 25

“Hay errores, por ejemplo, la ‘ges’ son más largas y las ‘eles’ son más largas y hay palabras que como las estira más las letras.”

“Está bien sí. El texto al hablarlo todo en frases largas, queda bien, no hay equivocaciones. ¿No se nota nada mal? Te das cuenta de un poquito, en mucho menos que antes, que diciendo individual.”

Ana Maria Viapiana, 25

“No sé, cuando dice ‘candileja’, ‘hampa’, ‘fámulo’, en la ‘a’ le sale mal, no sé con un acento medio raro, que nosotros no lo decimos. Por ejemplo [a]mar, [a]mo, no [ã]mo, no hablamos así. Y las ‘eñes’ muy bien no le sale, tampoco. ¿Qué fue que dijo que me hizo reír? Que me llamaba la atención, una palabra, que dijo casi al final, bueno, no me acuerdo, pero, que usaba una ‘eñe’ también que le sonaba rarísimo.”

“Sigue con el mismo problema, pero, o sea, cuando está leyendo con más continuidad, como que se siente menos el problema. O sea, el acento ese que a nosotros nos llama la atención. De p[ã]nico, cuando habla así. Viste que como que fue, no sé, más continuado, no se notó tanto que cuando habla con palabras aisladas.”

Catalina Arioni, 47

“Está todo normal, menos la ‘a’. (risos). ¿Qué pasa con la ‘a’? ¿Conseguís decirme lo que pasa? Como que la ‘a’, suena distinto. ‘p[a]’, ‘p[a]nera’, no, no sé decirlo. Todo lo que tiene ‘a’. Arrastra la ‘a’. O tiene una tonalidad...suena distinto, suena distinto.”

“Está bastante normal, ahora es la ‘g’ [g]usta, y sigue ‘t[a]nto’, o sea, hay veces que pronuncia mal la ‘a’. Se ve que cuando va acompañada con algo, no sé, no pude identificar cual es, pero lo demás está bárbaro.”

Jorge Diaz, 40

“Hay algunas que están mal. Pronunciación mala en algunas sílabas.”

“No, tiene errores. Hace pronunciación con acento portugués, en la palabra ‘tanto’, u otras más.”

Marta Bonini, 42

“Hay algo raro. Como que habla con la nariz.”

“No. Ya es un poco más normal, pero mantiene el acento. No lo pierde.”

* Palavra que não consta nos instrumentos de percepção.